

Joaquim Manuel de Macedo

O RIO DO QUARTO



2.^a EDIÇÃO



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

TIRSO
7-2-56

Romances de
JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

(nas *Edições Melhoramentos*)

Os romances de Macedo conseguiram um lugar de destaque na literatura brasileira porque êle soube imprimir em cada um dêles fôrça e vida intensas, fazendo com que fôssem lidos até hoje com sempre crescente interesse. Conheça seus principais romances:



A LUNETA MÁGICA
A MORENINHA
AS MULHERES DE MANTILHA
OS DOIS AMORES
O MOÇO LOIRO
O RIO DO QUARTO



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

N.º 679

LIVRARIA NACIONAL - SEBO

Livros, Revistas, Gibis novos e usados

R. Herm. Matarazzo, 50

F. 31-0508

3

4

5

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

O RIO DO QUARTO

Ilustrações de Percy Lau

2.^a Edição

T I R S O
S I L V A



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Todos os direitos das ilustrações reservados pela
Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel
Caixa Postal 8120 — São Paulo

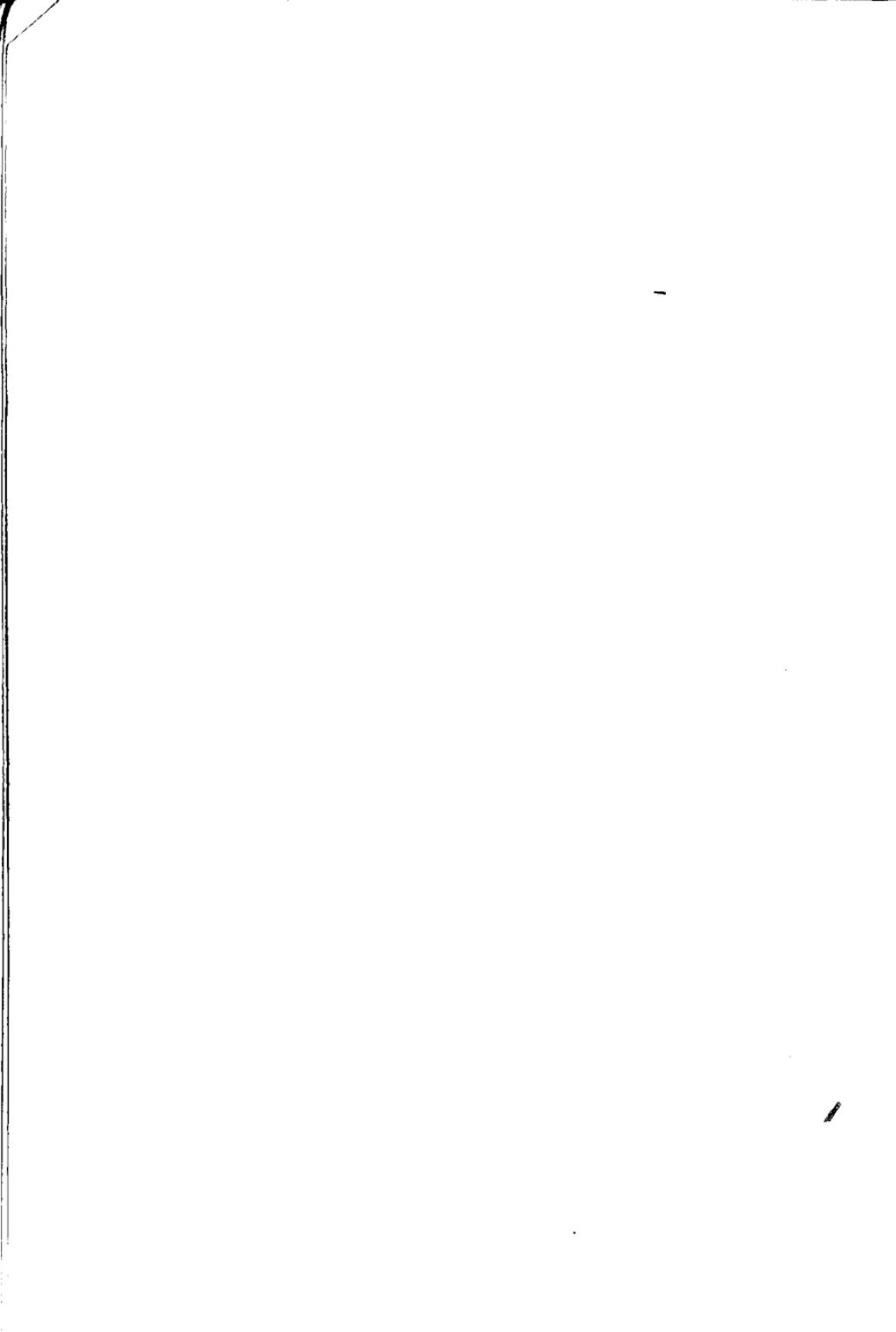
8/V-3

Nos pedidos telegráficos basta citar o n.º 679



Í N D I C E

Para se ler ou não se ler	5
<i>Capítulo I</i> — Capítulo sem título	9
<i>Capítulo II</i> — O sobrinho que chega da ilha	12
<i>Capítulo III</i> — O padre Martim na opinião do povo	18
<i>Capítulo IV</i> — Os dois amôres do padre Martim	22
<i>Capítulo V</i> — A caridade na casa da avareza	30
<i>Capítulo VI</i> — Relâmpago	35
<i>Capítulo VII</i> — A predição da moribunda	42
<i>Capítulo VIII</i> — Por que o avarento se tornara usurário	47
<i>Capítulo IX</i> — Por que foi chamado o sobrinho do Faial ...	54
<i>Capítulo X</i> — Manuel Pereira	61
<i>Capítulo XI</i> — Duas flores	66
<i>Capítulo XII</i> — O segredo do amor	71
<i>Capítulo XIII</i> — Morte de Medusa	76
<i>Capítulo XIV</i> — João Maneta e sua sobrinha	81
<i>Capítulo XV</i> — Dois velhacos e uma noiva	87
<i>Capítulo XVI</i> — Manuel em campo	94
<i>Capítulo XVII</i> — Relâmpago — Sentinela	100
<i>Capítulo XVIII</i> — Uma janela entreaberta	104
<i>Capítulo XIX</i> — Nossa Senhora do Amparo	107
<i>Capítulo XX</i> — A conspiração dos maus	110
<i>Capítulo XXI</i> — Conspiração do mal	116
<i>Capítulo XXII</i> — No armazém do Rodrigues	121
<i>Capítulo XXIII</i> — A tentação	126
<i>Capítulo XXIV</i> — A punição começa	132
<i>Capítulo XXV</i> — Milo e Manuel Pereira	136
<i>Capítulo XXVI</i> — Sábado ao meio-dia	141
Conclusão	146



PARA SE LER OU NÃO SE LER

Um célebre poeta polaco, descrevendo em magníficos versos uma floresta encantada do seu país, imaginou que as aves e os animais ali nascidos, se por acaso longe se achassem quando sentiam aproximar-se a hora de sua morte, voavam ou corriam e vinham todos expirar à sombra das árvores do bosque imenso, onde tinham nascido.

O amor da pátria não pode ser explicado por mais bela e delicada imagem.

Coração sem amor é um campo árido, quase sempre ou sempre cheio de espinhos e sem uma única flor que nele se abra e o amenize.

Haveria somente um homem em quem palpitasse coração tão sêco, tão enregelado e sem vida de sentimentos: o homem que não amasse o lugar do seu nascimento.

Depois dos pais que recebem nosso primeiro grito, o solo pátrio recebe nossos primeiros passos: é um duplo receber que é duplo dar.

As idéias grandes e generosas dilatam o horizonte da pátria; a religião, a língua, os costumes, as leis, o governo, as aspirações fazem de uma nação uma grande família, e de um país imenso a pátria de cada membro dessa família.

Mas, deixem-me dizer assim, a grande não pode fazer olvidar a pequena pátria; dessa árvore majestosa que se chama a nação, o país, não há quem não sinta que a raiz é a família e o berço pátrio.

Há nesse santo amor uma escala ascendente que vai do lar doméstico à paróquia, da paróquia ao município, do

município à província, da província ao império; ama-se o todo, porque se ama cada uma de suas partes.

Com efeito é impossível negar que em suas naturais e suavíssimas predileções o coração distingue sempre entre todos os distritos, cidades e diversos pontos do país o torrão limitado do berço pátrio; pobre ou mesquinho, esquecido ou decadente, agreste ou devastado, é sempre amado por nós e sempre grato para nós.

É por isto e por muito mais, é porque foi meu berço, e berço daqueles a quem mais amei e amo, é porque no seu seio tenho sepulturas queridas, é porque me guarda em seus lares amigos dedicados, é porque desejo ter em seus campos um abrigo na minha velhice que começa, e no seu cemitério um leito para dormir o último sono, é enfim por todos êsses laços da vida e da morte que a vila de Itaboraí me é tão querida.

Diz a consciência que tenho envidado esforços, embora sem fruto, para dar a meu pátrio berço a animação e progresso a que tem direito e de que precisa; mas nem me desanimou ainda a má fortuna que até agora esterilizou meus empenhos; nem me creio desobrigado de pagar novos tributos de amor à terra a quem devo tanto, e a filhos que são meus irmãos.

Agora, pois, e enquanto mais prósperos tempos se esperam, e mais oportunos ensejos se demoram para trabalhos de outra natureza, procurarei com a rude pena de que posso dispor, escrever coisas da minha terra, e tornar conhecidos alguns encantos que a embelezam.

Vou referir em pequenos romances diversas tradições e histórias de tempos que já foram, de que hoje poucos se lembram, de que ninguém mais se lembraria daqui a alguns anos.

Há sempre mais ou menos poesia nas tradições, nas velhas histórias do passado.

Sei que no nosso país ainda há *sábios* que maldizem de tudo quanto tem relação com a poesia.

Não escrevo para os *sábios*.

Escrevo para ser lido por aquêles que compreendem que nas tradições romanescas do passado encham de interesse e de encanto a terra, que as soube guardar, perpetuando-as nos nomes dos seus rios, nas cruzeiras levantadas à beira das estradas, e nas capelas e ermidas solitárias.

Protesto, que não inventei.

Hei de repetir o que tenho ouvido — tradições bem fundadas umas, evidentemente filhas da imaginação outras — tôdas porém convergindo para poetizar o belo torrão, onde nasci.

Já comecei a escrever a história do meu país, e tenho escrito romances, imaginando como melhor pude, nestes últimos por minha conta e risco; que muito é que eu reproduza agora em dois ou três volumes as histórias e os romances que outros me contaram ou imaginaram?

Sou neste ponto pecador velho e incontrito, mau grado certos *homens sérios* que me condenam.

Rio-me dos tais juizes, e escrevo.



CAPITULO I

Capitulo sem titulo

A vila de Itaboraí, cabeça de uma das comarcas da província do Rio de Janeiro, está assentada sôbre uma graciosa colina pouco elevada, mas em situação tão feliz, que do alto dela se domina e aprecia o mais belo quadro de natureza campestre. Por qualquer lado que os olhos se dilatam, os olhos se esquecem embebidos em imensos vales semeados de campos e estabelecimentos agrícolas, *fazendas, sítios* e montes isolados; e enfim ao longe, muito ao longe, a serra dos *Órgãos* alcantilada e imensa remata êsse painel magnífico, levantando uma trincheira que se perde nas nuvens diante do olhar cobiçoso e insaciável.

Formosa pela sua posição, a vila, pequeno povoado que consta de pouco mais de cem casas, oferece uma edificação regular, e sem dúvida defeituosa, como tôdas as cidades, vilas e povoações que tiveram seu princípio no tempo colonial; entretanto ela se distingue por alguns edificios relativamente dignos de menção: a sua igreja matriz é uma das melhores e mais espaçosas da província; possui uma casa da câmara municipal muito decente, uma casa de mercado, um teatro, e entre as principais habitações particulares, a mais importante de tôdas, a casa, em que se hospedaram el-rei D. João VI, e o Sr. D. Pedro II, quando visitaram êste ponto da província.

Uma grande praça formando um semicírculo em tórno da matriz, e quatro ruas quase fronteiras umas das outras e comunicando com a praça, compõem a vila de Itaboraí.

Dessas quatro ruas uma tomou o nome do orago da paróquia, chama-se de *São João*, e é nela que se levanta a *casa do mercado*; a segunda, que forma com a de *São João* um ângulo reto, recebeu um nome triste, chama-se do *Cemitério*; porque descendo-se por ela, pobre rua sem

casas, chega-se ao asilo dos mortos, ao cemitério da vila, que prima pela decência e zêlo com que é conservado.

A terceira rua fica fronteira à de São João, embora de uma não se aviste a outra, porque a matriz o impede: chamava-se outrora do *Senhor do Bom Fim*, e chama-se agora do *Teatro*; porque este edificio, tendo a sua frente para a praça, oferece uma de suas faces laterais à rua que desce até terminar junto da capela do Senhor do Bom Fim, e cortando em dois ângulos retos outra pequena rua que não mencionei por constar de cinco ou seis casas apenas, e que toma o nome do *Senhor do Bom Fim*. De frente da porta lateral da capela há uma casa com um limitadíssimo pátio que eu não posso deixar de lembrar. Essa casa foi há perto de quarenta anos um pequeno teatro, e aí encetou a sua gloriosa carreira artística o primeiro ator dramático brasileiro, o célebre e inspirado fluminense João Caetano dos Santos.

A quarta rua enfim, que fica quase fronteira à do Cemitério, chamou-se no outrora da *Ladeira*, como se de ladeira não fôsem tôdas as outras, descendo como ela da colina, e hoje se chama da *Carioca*, porque serve de caminho para a mais abundante das fontes públicas da vila.

O leitor estará certamente fatigado desta descrição tão minuciosa e que na realidade não tem relação com a história que me proponho a contar, e tanto mais que alguns dos edificios de que falei, e alguma lembrança que deixei notada, pertencem a tempos posteriores àquele, em que se passou o caso funesto de que recebi e publico a tradição; mas sem me arrepender do que escrevi, protesto que pouparei doravante a paciência que pus em tributo.

Entretanto é indispensável descer pela rua da *Carioca*, para que cheguemos ao lugar em que deve começar a nossa história.

A rua da *Carioca*, rua mesquinha, que tem de um lado uma linha contínua de casas humildes e rudes, e do outro uma ou duas casas sòmente, deixando em breve à mão esquerda um *caminho*, que vai ter à fonte pública, conti-

nua ou é substituída por uma estrada, aliás muito concorrida, e que apresenta de ambos os lados diversos *sítios*, ou pequenas chácaras mais ou menos insignificantes.

Quando se acaba de descer a colina, encontra-se um tênue regato que se chama do *Lava-pés*. A origem dêste nome é simples. Diz-se que no outro tempo a gente pobre que vinha às festas e às missas dominicais na freguesia, fazendo caminho a pé para poupar o calçado, ao chegar a êsse regato lavava em suas águas os pés, e se calçava para entrar mais decentemente na freguesia.

Este e outros são costumes antigos que não se observam mais; entretanto o nome ficou ao regato que prováavelmente não o perderá nunca.

Além do *Lava-pés* a estrada se alarga, e não há muitos anos, abria-se um campo plano e pouco extenso, a que chamavam, não sei por que motivo, o *Campo do Rocío*.

Cêrca de cem braças mais adiante um outro regato também humilde, menos insignificante porém do que o do *Lava-pés*, atravessa a estrada, e a êsse o povo deu no último século o nome que ainda conserva de *Rio do Quarto*.

Até o ano de 1754 essa tênue corrente ainda não tinha recebido a mal merecida gradação de rio, e menos a denominação do *Quarto*, e tôda a gente da terra a chamava simplesmente o *riacho*.

Riacho ou rio, certo é que em todos os meses do ano o passageiro pode vencê-lo de um salto e sem molhar os pés, exceção feita somente daqueles dias em que alguma copiosa chuva o engrossa por algumas horas.

Mas por que o chamaram rio do *Quarto*?

Achei sempre infeliz e tristemente prosaica semelhante denominação antes de conhecer-lhe a origem; depois que me foi explicada, aquêlê nome pareceu-me lúgubre. É um nome que encerra a história de um grande crime e do terrível castigo que caiu sôbre o homem que o perpetrôu.

Vou contar a história do *Rio do Quarto* tal qual a ouvi de um velho, cuja memória era um arquivo das tradições da terra do meu berço.

CAPÍTULO II

O sobrinho que chega da ilha

Em um dos dias do mês de abril de 1750, um homem, ainda na flor dos anos, e que à primeira vista mostrava ser tão vigoroso e forte como desajudado da fortuna, tendo descido da povoação, já freguesia de São João de Itaboraí, adiantava sua marcha pela estrada do Lava-pés.

Esse homem tinha a côr branca do rosto maltratada pelo sol; a fronte baixa e estreita desaparecia sob os cabelos pretos, lisos, e condenados pelo desmazêlo; suas sobranceiras eram quase unidas e espêssas, o nariz aquilino, a bôca pequena mas reta, os lábios finos, as mãos e os pés grandes.

Vinha êle vestido de calças e véstia de grosseiro tecido escuro, anunciando urgente necessidade de sucessores; calçava grossos sapatões e trazia na cabeça um velho chapéu, e no ombro, pendendo de um pau, uma pequena trouxa.

Êste mancebo, que não podia contar mais de vinte e quatro anos, passou além do *Riacho*, depois chamado *Rio do Quarto*, e prosseguindo em sua marcha chegou logo a um lugar em que a estrada se divide em duas, abrindo-se um dêstes ramos para o lado esquerdo.

Eram três horas da tarde, o sol estava brilhante e ardente, e o pobre viajante achava-se coberto de suor e poeira.

Chegando ao ponto em que a estrada se duplica, parou, menos pela fadiga que devia estar sentindo, do que pela contrariedade da dúvida sôbre qual dos dois caminhos devia seguir.

Mas evidentemente os modos ou as palavras dos rapazes tinham desagradado ao viajante, que voltando a cabeça alguns momentos depois de se separarem, lançou sobre eles um olhar de despeito.

Quem então tivesse observado o viajante houvera talvez feito d'êle boa idéia, pensando que ao seu ressentimento dava causa o epigrama lançado contra o padre de quem dizia ser sobrinho; em breve porém mudara de parecer, ouvindo-o murmurar de mau humor, mas sem demorar o passo:

— Mil diabos! afillhada, sobrinha ou o que seja! Parece que há algum contrapêso de saia lá na casa do tio! Com o demo! isso não pôs êle na carta que mandou para o Faial!... Mas que monta? Antes uma saia que umas calças... porque calças levo eu. Saia já era a sotaina do padre e bastava essa... e ainda em cima há lá outra! Mas que monta? Havemos de ver quem é a saia que há na casa do tio.

O viajante falava a sós e rápido; falava baixo e andando sempre; mas nesse seu solilóquio enunciava-se a confissão de seu caráter e transpirava o cálculo de um proceder futuro.

Ele prosseguiu em sua marcha, denunciando a fadiga no suor que lhe corria do rosto, e que às vêzes enxugava com a manga da véstia, mas sem que por um só instante moderasse o andar que diligente levava.

Finalmente apareceu aos olhos do viajante uma cancela ao lado direito da estrada.

A cancela abria-se para um campo de limitadas dimensões e que se estendia por um terreno que pouco e pouco e docemente se elevava. Defronte da cancela e no ponto mais elevado do campo mostrava-se uma casa térrea e branca, cuja frontaria apresentava uma porta e duas janelas de cada lado desta.

No campo estavam pastando um cavalo, duas vacas, dois novinhos e alguns carneiros.



— Mil diabos! disse êle.

— Não se chama pelo *inimigo* no dia da aleluia! bradaram-lhe algumas vozes.

O mancebo voltou-se e viu alguns rapazes, sem dúvida lavradores das vizinhanças, os quais vinham da freguesia com ares de festa.

Esquecia-me dizer que o dia em que isto se passava, era um sábado, não sábado como outro qualquer, mas um sábado de *aleluia*. Na freguesia tinha-se celebrado a semana santa, e o officio sagrado dêsse dia terminara pouco antes.

O mancebo tirou o seu chapéu com tôda a cortesia e perguntou logo:

— Saberão vossemecês dizer-me, onde fica o sítio do senhor reverendo padre Martim?

— Siga pela esquerda, respondeu um dos rapazes, e a primeira cancela que encontrar à mão direita é a do sítio do velho padre Martim; mas olhe que, se vai pedir esmola, é melhor procurar a afilhada, sobrinha ou o que quer que seja do padre Martim, do que ao cainho do velho que tem as mãos mais apertadas do que uma barriga de cavalo encilhado.

— Leva de má-língua! exclamou o mais velho da companhia; é pecado meter o dente na vida alheia; o padre Martim é unhas-de-fome, mas isso fica por conta dêle, que há de responder a Deus Nosso Senhor por tudo quanto tem feito e deixado de fazer na terra.

— Para servir a vossemecês, mas fiquem sabendo que sou sobrinho do senhor reverendo padre Martim, e que vim da minha terra para fazer-lhe companhia.

— Pois então siga à esquerda, chegue à cancela da mão direita e bom proveito lhe faça.

— Para servir a vossemecês!

Os lavradores seguiram o seu caminho e o viajante que se declarara orgulhosamente sobrinho do padre Martim, adiantou-se pela estrada do lado esquerdo.

Ao lado direito da casa uma cêrca de pau separava do campo um pomar que não podia ser muito extenso; na frente via-se um terreiro limpo e defendido à grama.

— Deve ser aqui a casa do tio, murmurou o viajante.

E logo depois gritou:

— Ó de casa!

— Pode chegar! bradou-lhe a voz de alguém que se não mostrou à porta.

O viajante passou além da cancela e seguiu um trilho, que se estendia para a casa como uma fita branca por entre a verde grama do campo.

À meia distância da casa o viajante viu um enorme e raivoso cão aparecer no terreiro, e teve de preparar o bastão em que levava a trouxa, ouvindo o latir feroz e terrível do fiel defensor daquele teto.

O cão, vendo que um desconhecido se aproximava, soltou um último e sinistro latido e arremeteu contra êle; mas de súbito mostrou-se à porta da casa a figura esbelta e graciosa de uma moça, que com voz argentina gritou:

— Aqui, Relâmpago!

O cão fazendo imediatamente uma curva na carreira em que ia, voltou com a mesma rapidez e prostrou-se debruçado, lambendo os pés da moça que o chamava.

Havia um não sei quê de encantador e suave naquela menina contendo a seus pés o animal em fúria!

O viajante parou diante da porta e tirou o chapéu, cortejando com humildade.

Relâmpago ergueu-se sôbre as mãos, e rosnou, como se adivinhasse que estava um inimigo diante da moça, mas caiu de novo aos pés dela, ouvindo-a dizer:

— Então? Relâmpago!

— Com perdão de vossemecê, é aqui a casa do senhor reverendo padre Martim?

— É aqui mesmo.

— Pois eu sou o sobrinho que sua reverendíssima mandou vir do Faial.

— Entra, rapaz! disse alguém cuja voz saiu do interior da casa.

A moça apartou-se um pouco, e o viajante fêz-lhe uma segunda cortesia e entrou.

Tendo dado alguns passos para o terreiro, a jovem voltara-se observando com natural curiosidade o recém-chegado, e junto dela, também Relâmpago olhava para dentro da casa com desconfiança, e rosnando ainda.

Quase ao mesmo tempo um mancebo alto, garboso e alegre, vestido com trajes domingueiros, embora pobres, apareceu, e dirigindo-se à moça, disse-lhe:

— Senhora Luisinha, hoje é sábado de aleluia: já houve festa lá na freguesia e agora aí temos o judas no sítio.

— Cala a bôca, ou não fales assim, Milo; olha que este homem diz que é sobrinho de meu padrinho.

Milo fitou em Luisinha dois belos olhos negros, nos quais deixava ler a admiração.

— Não apanhes sol, Luisinha! gritou uma voz.

A moça sorriu-se para Milo e entrou correndo para a casa.

— Sobrinho ou não sobrinho, morra eu de um raio, se o sujeito não me pareceu judas, murmurou o mancebo, a quem Luisinha chamara Milo.

CAPÍTULO III

O padre Martim na opinião do povo

Na época em que tem seu começo esta breve história bebida na fonte da tradição popular, o padre Martim devia estar se aproximando dos sessenta anos de idade.

Era um homem alto, magro e muito vigoroso; tinha a côr morena, o rosto comprido, e as feições rudes; trazia a fronte quase sempre encrespada pela rigidez do gênio, e mostrava-se pouco acessível.

Em 1740 chegara à freguesia de São João de Itaboraí, como um forasteiro que procurava oculto retiro; comprara no fim de poucos dias o sítio que ficou descrito no capítulo antecedente e nêle definitivamente se estabelecera.

Trouxera o padre consigo uma linda menina de quatro a cinco anos, a quem chamava Luísa, e dizia ser sua afilhada. Além da menina três escravos compunham tôda sua família.

Não sendo conhecido de pessoa alguma na freguesia de Itaboraí, quando a ela chegou, o padre Martim depois de estabelecido no sítio, mostrou preferir o isolamento à sociedade, pois não procurou relações, e ainda menos amizades íntimas. Saía de casa ao romper da aurora para ir à matriz da freguesia dizer a missa, e voltava logo depois para o sítio, donde não se arredava mais, a menos que fôsse chamado para prestar algum socorro espiritual, como padre que era.

Em suas curtas viagens à matriz trocava apenas uma ou outra palavra com o acólito que o ajudava à missa, raramente conversava durante alguns minutos com o vi-

gário, e de volta satisfazia somente ao dever da cortesia cumprimentando os vizinhos que por acaso encontrava e que o saudavam com o respeito devido ao seu caráter sacerdotal.

Homem de tão poucas palavras devia por força excitar a curiosidade de muitos, e como não era fácil fazê-lo falar, os curiosos não se descuidaram de interrogar os escravos que às vêzes, e especialmente nos dias santificados, apareciam fora do sítio.

Os escravos limitavam-se a dizer que o padre era natural das ilhas, e que durante muitos anos fôra morador da capitania de São Paulo, donde fugira receoso de ser assassinado por motivos que tinham relação com a menina Luisinha.

Completando a insuficiente narração dos escravos, a voz do povo espalhou que o padre havia seduzido uma senhora de boa família, que tivera dela uma filha, e que os parentes da vítima tinham querido lavar com o sangue do sedutor a afronta recebida.

É possível que a imaginação do povo tivesse adivinhado a verdade.

O padre Martim soube o que se dizia a seu respeito e não se mostrou ofendido, nem procurou desmentir a voz pública: confissão muda da falta cometida, ou desprezo à difamação, deixou falar os maldizentes.

Este proceder do padre e o seu teimoso isolamento excitaram cada vez mais censuras, e desde os primeiros meses do seu domicílio em Itaboraí, não se lhe perdoou o escândalo de apresentar-se aos olhos do mundo com uma filha, que êle, conforme as regras da igreja, não podia ter.

E ninguém pôs em dúvida que a menina Luisinha fôsse filha do padre Martim; porque no outro tempo era corrente que em casa de padre *padrinho* era sinônimo de pai.

Esta ofensa à pureza da língua já passou; êsse absurdo sinônimo já foi corrigido: hoje em dia o padre não esconde o seu pecado, chama o filho filho, e alguns há que não hesitam em chamar "a minha senhora" a pessoa a quem dantes teriam decentemente chamado *sobrinha*.

Não discuto, se, procedendo assim, o padre moderno merece escusa pela franqueza com que confessa o pecado, ou agrava o pecado pela ostentação com que o patenteia. Neste ponto limito-me a pensar, que, sendo o padre homem feito como os outros homens, melhor fôra deixá-lo ser homem com tôdas as condições naturais e sociais, do que imporem-lhe sacrifícios e deveres que a natureza repele, e que nunca foram e nunca serão cumpridos, se não por aquêles diletos de Deus, que, apesar de homens, parecem viver não sôbre a terra, mas entre o céu e a terra.

Esta ligeira observação que deixo enunciada, não a podia fazer o povo da freguesia de Itaboraí naquele tempo, e nem que pudesse, não a teria feito; porque não estimando o padre Martim, aproveitava aquêlle indício de impureza para censurá-lo e feri-lo, não se querendo lembrar de que, até bem poucos anos antes, o clero do Rio de Janeiro se celebrizara por abusos tais e tão graves, que, comparativamente, o pecado, de que dava testemunho a menina Luisinha, era apenas a mais leve das faltas, uma falta que se perdoaria sorrindo, a menos que houvesse circunstância criminosa que a agravasse.

Mas ainda não paravam aí as censuras do povo: dizia-se e era percebido como incontestável na freguesia que o padre Martim guardava em seus cofres não pequena riqueza, e que tendo sido assim protegido pela fortuna, cometia um crime imperdoável, não abrindo nunca a mão para socorrer um pobre.

Assegurava-se que nunca um desgraçado mendigo se chegara ao padre Martim, pedindo-lhe esmola, que não ouvisse um simples e enregelado *Deus o favoreça* por única resposta ao seu gemido de miséria e de fome.

Assim pois, dizia o povo, que no padre Martim a avareza se unia à imoralidade.

Entretanto este homem excêntrico e rude, como vivia só consigo, não pedia favores, e nem mesmo uma só vez se desferrara das murmurações de que era vítima, murmurando também dos seus agressores, conseguiu ir vivendo do modo que mais parecia agradar-lhe, em paz e na solidão.

À medida porém que os anos foram passando, mortificou-se um pouco o juízo do povo, e na época em que o sobrinho vindo do Faial chegou ao sítio, a voz pública se pronunciava na freguesia, dizendo assim:

— O padre Martim é um mau; mas a menina Luisinha é uma santa.

CAPÍTULO IV

Os dois amôres do padre Martim

O juízo do povo era sem dúvida severo; mas em verdade não de todo injusto a respeito do padre Martim.

Um padre que se quer mostrar digno da alta missão que lhe cabe na terra, não pode viver somente para o altar e para si; aquêles que supõe desempenhar o seu sagrado ministério, vivendo somente para o altar e para si, engana-se, e nem vive para o altar: vive pelo altar somente para si.

Mais do que os outros homens o padre deve viver para os seus semelhantes; sua vida deve ser um exemplo de caridade: rico ou pobre, cumpre que se mostre sempre caridoso; rico, espalhando o seu ouro; pobre, repartindo as suas migalhas com os necessitados; êle é o médico dos corações e das almas, e onde houver um coração que sofra, e uma alma que precise de conforto ou de luz, chamado ou não chamado cumpre que o padre corra a levar a esmola da sabedoria, a lição da paciência, o tributo do amor do próximo àqueles que se debatem na dor, no infortúnio e no êrro. Pão que mate a fome, conselho que illumine o espírito, oração que conforte, são todas esmolas que êle não pode negar; se as nega, é indigno da sua missão, não compreende Deus a quem julga servir.

Ora, o padre Martim era padre pelas missas que celebrava, pelas solenidades religiosas em que tomava parte, pelos sacramentos que administrava quando era chamado, e nada mais. Seu coração parecia fechar-se aos homens; sempre silencioso e melancólico não sabia levar nas asas

de uma angélica espontaneidade o bálsamo das conso-
lações do catolicismo ao seio de um infeliz, ou de uma
família mergulhada na aflição; e pior do que tudo isso,
era, como dizia o povo, escravo do vício da avareza, essa
horrível inimiga da caridade.

O padre Martim sem ser milionário, era rico, e afer-
rolhava sua riqueza; o ouro que chegava uma vez às
suas mãos, desaparecia logo caindo em um abismo, o
cofre da avareza que nunca mais se abria.

Há homens que são responsáveis perante Deus e a so-
ciedade não pelo mal, pois que o não fazem, mas pelo
bem que deixam de fazer: o padre Martim pertencia ao
número desses; jamais suas mãos se haviam desonrado,
tocando no dinheiro alheio, ou no que não lhe pertence-
sse legitimamente; mas também nunca sua mão se es-
tendera para oferecer ao pobre faminto um pedaço de
pão das sobras da sua mesa.

Entretanto esse padre não era mau; doía-lhe o grito
da fome; mas não podia vencer a paixão que o domi-
nava. O amor do ouro podia mais que a sua razão, e
o tinir das moedas que caíam no seu cofre era como uma
música infernal, que o não deixava ouvir distintamente
as lamentações do desgraçado, e que o fazia desprezar
as maldições do povo.

A paixão da avareza é vil; mas é uma paixão, tem
fôrça que subjuga, e também oferece gozos embora ignó-
beis àquele que a sente e que pode alimentá-la.

E a paixão é exclusiva; não admite competência no
coração do homem; não há duas paixões fervendo com
igual fôrça no mesmo seio; se uma nova aparece, a luta
se declara; ou vence, ou é vencida; fica sempre de uma
ou outra o poder que se agita, que se esforça por comba-
ter; mas é somente uma que predomina, como a principal
senhora e soberana do coração.

A avareza tinha sido sempre o sentimento dominador
do padre Martim; mas a natureza fêz um dia brotar na-

quele coração empedernido um outro amor, que devia lutar e vencer o amor do ouro.

O padre Martim amou uma criança, essa menina Luisinha, com quem chegara à freguesia de Itaboraí; chamava-a afilhada; mas estremecia, quando a chamavam assim; porque do seio lhe partia e lhe chegava aos lábios outro nome mais doce e mais mimoso.

Luisinha era filha do padre Martim; mas as conveniências sociais, o respeito às exigências do mundo, a condição, o ministério do homem a quem devia o ser, lhe usurpavam o nome sagrado que êle não devia dar-lhe.

À medida que essa menina foi crescendo e que se foram desenvolvendo suas graças infantis, o padre Martim começou a sentir uma nova dominação que se apoderava de sua vida. Um sorriso de Luisinha abria-lhe o paraíso na alma; um grito soltado por ela ao longe o fazia precipitar-se em ânsias, procurando-a receoso de algum sinistro acontecimento; um afago, uma carícia dessa menina o obrigavam a rir e chorar de alegria e de encanto.

Quanto dera êle para chamá-la filha! quanto dera, apesar da sua avareza! Mas era padre e corava; não tinha, como os outros homens, o direito de confessar a sua falta, ostentando a bênção do céu no próprio fruto do êrro.

Assim chegou Luisinha aos sete anos de idade; muito menina ainda, o amor que inspirava nunca pusera em prova o seu poder, em oposição ao poder da avareza, o outro, o mais antigo amor do padre. Se é possível, a existência da filha aumentava o amor do ouro no pai; porque, de cada vez que êste lançava em seu cofre mais uma moeda de ouro, dizia consigo: é para ela.

Mas aos sete anos Luisinha adoeceu; uma febre terrível veio ameaçar os seus dias; o único *licenciado* que havia então em Itaboraí, pobre homem que não conhecia mais do que as rudes lições de uma prática mal compreendida, perdeu a cabeça e a esperança; e declarou a moléstia sem remédio e a doente prestes a morrer.

Três dias e três noites, o Padre Martim passou a rezar de joelhos diante do seu oratório, e a chorar de joelhos, abraçado com os pés da menina. Na terceira noite o estado de Luisinha parecia desesperado; examinando-lhe o pulso, que se abatia, e o rosto, que se desfigurava, o licenciado franziu as sobrancelhas e suspirou tristemente:

— Pobre anjinho! murmurou logo depois.

O padre desatou a chorar e bradou:

— Sou rico, sr. licenciado! sou rico, e dar-lhe-ei tôda a minha riqueza; mas salve minha filha! Sou padre; mas Luisinha é minha filha! é minha filha!...

— Agora, só Deus, disse o licenciado, que pouco depois retirou-se, deixando o padre em desespero, e furioso contra êle pelo abandono em que ficava a menina.

A noite foi tormentosa; mas Luisinha resistiu.

O padre, que chorava sem cessar, nem pensava nos meios de salvá-la; de repente, e quando vinha rompendo a aurora, lembrou-se que perto do seu sitio morava uma velha curandeira, de quem ouvira contar prodígios.

Essa velha chama-se Marta; era uma mulher pobre, que vivia de esmolas e dos presentes que recebia pelos remédios que desinteressadamente dava a quantos quisessem utilizar os seus reais ou supostos conhecimentos.

Era uma velha pobre, bem pobre, a quem o Padre Martim, por mais de uma vez, negara esmola com a sua rudeza habitual.

Mas o casourgia; o padre correu à casa da velha, e pediu-lhe soluçando que fôsse ver Luisinha.

— Bendito seja Deus! disse Marta; lá vou.

E uma hora depois Marta, acompanhada de um menino de nove anos, seu neto, chegou à casa do Padre Martim.

Luisinha dormia; estremecimentos freqüentes perturbavam o seu sono febril.

A velha examinou a doente com delicadeza e cuidado.
— Com o favor de Deus hei de curá-la, disse ela.

O padre abençoou aquêlê raio de esperança que a velha acendia em seu coração; e a esperança não foi illusória; três dias depois, Luisinha entrava em convalescença, graças aos medicamentos applicados pela curandeira, ou à reacção da própria natureza da doente.

Mas, embora já convalescente, a menina exigia ainda os mais assíduos cuidados; e o padre não consentiu que Marta se arredasse por um só momento da cabeceira da querida afilhada, que pouco a pouco ia reconquistando as fôrças.

O perigo que corra a vida de Luisinha parecia ter dobrado o amor estremecido do padre; o receio de uma recaída fêz, como quase sempre em tais casos se observa, que fôsse lei para o pai o mais impertinente capricho da filha. Um desejo manifestado por ela era ordem que se cumpria sem hesitação e imediatamente.

Luisinha encontrara fâcilmente o que melhor podia distraí-la, um companheiro de travessuras.

O neto de Marta, dois anos apenas mais velho que ela, era um menino vivo, engraçado e inquieto; reunia, pois, tôdas as condições para agradar-lhe.

O menino recebera na pia batismal o nome — Camilo; mas a avó, única parenta que lhe restava, acostumara-se a chamá-lo — Milo.

Luisinha também o chamava assim, e assim o chamou mil vêzes por dia durante a sua convalescença; porque não tolerou mais a sua ausência.

Milo sujeitou-se com repugnância, e às vêzes sòmente à fôrça, ao sacrificio de ficar alguns dias prêso no quarto da menina doente; traquinas, amava o espaço como os passarinhos; teve, porém, de obedecer à vontade e ao capricho da dêspotazinha convalescente; e, se em algumas oca-

siões conseguia sorrateiro escapar à prisão, o padre Martim adivinhava no olhar de Luisinha a necessidade da presença do menino, e correndo à porta, bradava:

— Milo! Milo! vem, meu filho! Luisinha precisa de ti... vem.

E lá voltava Milo de mau modo, e lá o recebia, e o abraçava, e o acariciava o padre, que de severo se tornara meigo, afável e fagueiro.

Em breve pôde Luisinha sair do quarto; sua saúde se restabelecera, completamente; os cuidados de Marta não eram mais necessários.

Pela primeira vez a avareza e o amor filial encontraram-se em oposição no ânimo do padre; o amor filial exigia uma prova de reconhecimento à pobre Marta, e a avareza defendia o cofre que até então nunca se abrira.

E, convém dizê-lo, o padre Martim não hesitou, contou, é certo, uma por uma as moedas de ouro de que encheu uma bolsa; o seu coração palpitou com fôrça a cada moeda que caiu na bolsa; mas sua mão não tremeu, quando teve de oferecê-la a Marta.

A velha sorriu-se e rejeitou a bolsa.

— Nunca recebo dinheiro pelo bem que faço, disse ela ao padre; basta que me dê um pedaço de pão, quando eu e meu neto tivermos fome.

Não estava na intenção de Marta ofender o padre; êste, porém, sentiu uma repreensão nas palavras que ouvira, e respondeu abanando a cabeça:

— Perdão pelo que não soube fazer no passado; eu serei melhor para o futuro.

A resposta do padre indicava uma regeneração do pai pelo amor da filha.

Mas a velha insistiu em rejeitar a bolsa.

Em breves minutos se passou esta cena entre Marta e o padre Martim; chegada, porém, a hora da despedida,

foi preciso abraçar Luisinha, e esta não compreendeu a necessidade do apartamento.

— Eu não quero que Marta e Milo se vão embora! exclamou a menina.

— Mas é indispensável, observou o padre; êles têm sua casa, que desde muitos dias abandonaram por teu respeito... precisam tornar a ela... hão de vir ver-nos muitas vêzes... todos os dias... agora porém...

Luisinha abraçou-se com o pequeno Milo.

— Não quero que se vá embora! repetiu.

O padre Martim via-se em transes; por fim bateu palmas, supondo ter tido uma inspiração; ajustou com Marta que a retirada se efetuará, quando Luisinha dormisse.

Foi fácil a execução do plano.

No dia seguinte Luisinha, acordando, achou-se só com o padre Martim e com os seus três escravos, e desatou a chorar.

Não houve meio de sossegá-la; nem consolações nem ameaças, nem promessas nem distrações.

A menina déspota não cedeu; o amor do padre e as condescendências dos dias de convalescença a tinham habituado aos gozos do absolutismo, e não a deixavam admitir opposição. Com o tato e a inata habilidade das crianças e com a sua própria notável inteligência, Luisinha adivinhou como podia melhor exasperar e dominar seu padrinho.

A menina cansou de chorar, e chorou ainda; teve fome, e não quis comer.

O padre Martim resistiu horas inteiras; sucessivamente encolerizou-se e ralhou, enterneceu-se e cedeu, mandando em último resultado chamar a velha Marta e o pequeno Milo.

A velha e o menino chegaram, e a alegria reapareceu na casa.

Ficou assentado que os dois hóspedes se conservariam no sítio do padre Martim ainda uma semana; no fim da semana adiou-se a retirada por alguns dias; passados estes, adiou-se ainda, e continuou a adiar-se indefinidamente.

Marta e Milo aumentavam um pouco as despesas da casa; no outro tempo, um ano antes, esse aumento de despesa perturbaria o sono das noites e amarguraria os dias do padre Martim; mas um novo sentimento se apoderara do coração dantes todo entregue à avareza.

Custava ao padre o dinheiro que gastava; mas Luisinha era feliz; brilhava inefável sorriso nos lábios dela, e a sua alegria era um sol, cujos raios refletiam na alma do padre.

O amor da filha vencía o amor do ouro.

CAPÍTULO V

A caridade na casa da avareza

Os anos foram passando, como sempre passam — vagarosos para a primeira juventude que vive a sonhar com o futuro; em vôos rápidos para a velhice que vive das recordações do passado e sente que pouco a pouco se aproxima do dia derradeiro.

Os anos foram correndo em uma cadeia de flores para Luisinha e Milo, que cresciam à sombra dos cuidados do padre Martim e da boa velha curandeira.

A velha e o menino tinham ficado como já se viu, definitivamente pertencendo à família do padre, que nem mais se lembrava de livrar-se do pêso daqueles hóspedes, observando o amor que uma tributava à sua Luisinha e o prazer que dava a esta a companhia do outro, constante sócio de agradáveis e inocentes travessuras.

E tal foi a intimidade que dentro em pouco reinou entre o padre, a menina, a velha e Milo, que o nome da boa curandeira ficava completamente esquecido de modo que os dois, à imitação de Milo, habituaram-se e chamá-la *minha avó*.

Aquêles que por leviandade repreensível, por grave falta de educação, ou enfim por inexplicável rudeza de espírito zombavam da velhice trêmula e desfigurada, podem não compreender quantas idéias belas e suaves encerram êsse nome de *avó* que pressupõe uma velha já curvada sob o pêso dos anos, embora haja muitas avós ainda no vigor da idade.

A *avó* é mulher que ama dois entes em um único ente, que ama o neto por êle e por seu pai ou sua mãe —

isto é, que ama seu neto e também em seu neto seu filho ou sua filha; o amor da avó é o amor que não sabe ralar, é o amor complacente, sempre risonho, sempre cheio de condescendências que chegam às vezes a ser excessivas, é o amor que mais remoça o velho; a avó vê no berço da neta a repetição do berço da filha, na infância, nos risos, nas travessuras da neta a reprodução da infância, dos risos, das travessuras de vinte anos passados; a neta ou o neto é para ela um amor composto de dois amôres; em uma avó há duas mães, em um neto dois filhos.

A velha curandeira não era a verdadeira avó de Luisinha; mas amava-a como se o fôsse; velava incessante por ela, como pelo seu Milo, não os deixava nunca de dia, entretinha-os de noite, contando-lhes histórias que o próprio padre Martim ouvia, sorrindo, e nos dias santificados acompanhava os dois meninos à freguesia, onde os levava a ouvir missa.

O padre Martim não foi indiferente a essa dedicação da avó; e do mesmo modo que ela dividia o coração entre seu neto e Luisinha, êle igualmente procurou dividir os seus cuidados entre sua filha e Milo; assim, quando Luisinha chegou aos nove anos de idade, empregou o padre algumas horas por dia em ensinar a ler e escrever aos dois meninos acendendo no espírito de um e de outro a flama de uma emulação que a ambos muito aproveitou.

Já se observou como o estremecido amor que o padre Martim dedicava a Luisinha vencendo os maus conselhos da paixão da avareza, o obrigaram a aumentar as despesas de sua casa, acrescentando com dois novos membros a sua família, mas êsse milagre do amor paternal não tinha ido além, e o padre avarento continuava como dantes a mostrar-se surdo ao gemido do pobre, e a parecer alheio às lições de caridade dadas por aquêle de quem se dizia sacerdote.

Felizmente Luisinha, que reinava despòticamente no coração do padre, era e devia ser a inimiga vencedora da sua avareza.

Luisinha era formosa; não tinha porém sòmente o rosto, também tinha o coração de um anjo.

Uma vez, a primeira em que, indo à freguesia, chegou-se a ela uma pobre mulher a pedir-lhe esmola, a formosa menina sentiu profunda e verdadeira dor por não levar consigo dinheiro algum.

A pobre compreendendo o que se passava na alma da menina, enterneceu-se, abençoou-a e chorou.

Luisinha, vendo as lágrimas que banhavam as faces da pobre mulher, tirou o lençinho branco que levava ao pescoço, e deu-lho.

— O seu lenço, minha filha! disse a pobre.

— Hoje não tenho outra coisa para dar-lhe, respondeu Luisinha; o meu lenço servirá ao menos para enxugar as suas lágrimas.

E dizendo isso, a menina retirou-se apressada, chorando por sua vez.

Desde então nunca mais foi à freguesia nos dias santificados sem exigir de seu padrinho algum dinheiro, que era o tesouro dos seus pobres.

É inútil dizer que êsse óbolo de caridade era sempre o fruto de um combate, e arrancado pelo amor à avareza.

O padre Martim pregava debalde contra a ociosidade e os mendigos, sustentando que era um pecado alimentar o vício dos mendicantes.

O padre pregava no deserto.

Havia no coração de Luisinha uma disposição tão decidida para fazer o bem, achava ela tão suave encanto em ver brilhar a alegria em olhos habituados ao pranto, doía-lhe tanto na alma o aspecto da miséria, a idéia dos martírios da fome, que sempre lhe sobravam fôrças para vencer a resistência que seu padrinho opunha ao exercício da sua santa virtude.

E demais Luisinha, generosa, boa, rica de sentimentos nobres, era também uma menina um pouco ou mesmo muito exigente e decididamente teimosa em consequência dos mimos com que fôra e estava sendo criada; achava-se acostumada a ver seus desejos realizados por seu padrinho, e qualquer opposição que encontrava, servia sômente para inflamar sua vontade.

Luisinha *queria*: o padre Martim acabava sempre por ceder, murmurando de balde.

Dentro em pouco a bela e boa menina ficou sendo conhecida e amada do povo da freguesia.

Os pobres começaram a aparecer no sítio do padre Martim; era uma empresa arriscada em que se metiam; porque se o padre percebia algum que se aproximava, espantava-o com um grito de ameaça ou com pragas terríveis; mas era certo que aquêles que conseguia chegar à porta da casa e falar a Luisinha, não se retirava sem levar ao menos com que matar a fome, durante dois dias; então a menina não pedia dinheiro ao padrinho, corria à despensa, e achava sempre alguma coisa que pudesse dar.

O padre esbravejava; mas Luisinha fazia a sua esmola, e dizia ao pobre sorrindo-se:

— Meu padrinho ralha, mas não é mau: é êle que me ensina a ser caridosa; quando tiver fome, volte.

O pobre abençoava a menina, e o padre no meio de sua cólera, sentia às vêzes uma consolação naquela bênção: os votos dirigidos a Deus pela vida e pela felicidade de sua filha não podiam deixar de achar eco em seu coração de pai.

Quando o pobre voltava as costas, o padre Martim ainda colérico dizia a Luisinha:

— Estás satisfeita, não?

— Muito, meu padrinho; é tão bom dar esmola!

— Tu tens compaixão de todos, menos de mim.

A menina era viva demais para não saber como lhe cumpria responder à queixa de seu padrinho: corria a abraçá-lo, fazia-lhe mil carícias, e o que valia mais que tudo, ela dizia:

— Sou tão feliz!

O padre serenava.

Assim pois a caridade e a avareza moravam debaixo do mesmo teto no sítio do padre Martim.

E era por isso que o povo repetia:

— O padre Martim é um mau homem; mas a menina Luisinha é uma santa.

CAPÍTULO VI

Relâmpago

No campo, ou antes, para falar como fala a nossa boa gente do interior do país, *na roça*, a distração mais comum e mais constante, é o passeio, o passeio que para alguns pouco ou raramente varia; porque qualquer que seja o lado, por onde se passeie, a natureza é quase sempre a mesma para aquêles que não sabem apreciá-la.

Mas embora essa distração freqüentemente repetida ofereça ao espírito uma aparente monotonia que alguém possa supor fatigante, que diferença entre o passeio nas grandes cidades e o passeio na roça!

Nas grandes cidades o luxo obrigado, o respeito a certas conveniências acanhadoras, o ar impuro, a ausência da natureza virgem, o concurso da multidão, a impossibilidade de se sentir o encanto suave da solidão, roubam ao passeio muitas das suas melhores atrações.

Na roça, pelo contrário, o passeio não só é mais aprazível, mas também muito mais útil; os olhos perdem-se na vastidão das campinas, ou ficam esquecidos na contemplação das florestas, dos rios, e sítios, romanescos; o aroma das flores, o canto das aves, o ruído misterioso do bosque, os pequenos animais que fogem espantados atravessando a estrada, o ar suavíssimo que se respira, tudo enfim é uma festa da natureza que dá alegria ao espírito, força ao corpo e dilatação à vida.

E quanto mais se avança para o interior do país, mais se aprecia esta verdade; porque, seja dito de passagem, à medida que se povoam os nossos municípios mais vizinhos do litoral, a civilização mal dirigida vai destruindo muitos tesouros e muitos encantos da natureza que pode-

riam e deveriam aliás ser poupados. Por exemplo: não há leis que regulem os cortes das matas, nem os tempos e condições das caçadas, e em resultado, o fogo destrói sem regra e sem cautela florestas seculares com todos os seus preciosos gigantes vegetais, e as aves e as caças fogem espavoridas dos bosques incessantemente batidos por dezenas de caçadores, e vão abrigar-se nas serras longínquas.

Mas ainda bem que no século passado não era assim em Itaboraí, onde por isso o passeio oferecia tôdas as suas belezas, tôda a sua dominadora magia.

Ora, o passeio era uma das distrações habituais de Luisinha; gostava ela de saudar o sol ao amanhecer, e de saudá-lo outra vez em despedida ao crepúsculo da tarde.

O padre Martim que gostava pouco de sair de casa, nem sempre acompanhava a menina que conseqüentemente passeava com o seu amigo Milo debaixo dos cuidados e da vigilância da boa avó.

Os meninos corriam como loucos, soltavam gritos de alegria descobrindo um ninho de beija-flores, que era logo cruelmente roubado às inocentes avezinhas, pelo travesso e intrépido Milo, perseguiram os bandos de rôlas, brincavam com as borboletas, ou entusiasmavam-se apanhando cigarras.

A boa velha seguia-os a custo; mas revivia com aquêlê prazer dos meninos, admoestava-os sorrindo, e voltava para casa arquejando de fadiga.

Um dia entre tantos outros que assim se passavam, o passeio se estendeu pela estrada.

Era uma tarde bela e fresca.

Depois de muito sorrir e brincar, Luisinha e Milo obedecendo enfim às instâncias da avó que os acompanhara, já voltavam para casa, quando pararam, vendo chegar um outro menino que pouco mais velho seria do que êles.

Na roça quase todos se conhecem: o menino era filho de um pobre lavrador da vizinhança do sítio do padre Martim.

— Aonde vais a estas horas tão apressado, João? perguntou Luisinha.

— Vou ao rio, senhora Luisinha.

— Ao rio?

— Sim, e vou depressa para estar de volta em casa antes da noite.

— Mas que vais tu fazer ao rio?

— Vou lançar nêle êste cachorrinho.

— Um cachorrinho! deixa ver...

Luisinha e Milo chegaram-se para junto de João, que lhes mostrou uma cachorrinho nascido há poucos dias e que êle trazia embrulhado em um pano.

— Venham, meninos! é tempo de voltar para casa! gritou a velha.

— Já vamos, minha avó, respondeu Luisinha, que examinava curiosa o cachorrinho.

O pobre animal, embora tão pequeno ainda, parecia deixar ler nos olhos e na cara a fidelidade e a especial inteligência própria da sua raça.

— Como é bonito! disse Milo.

— Que idade tem? perguntou Luisinha.

— Ainda não fêz um mês, respondeu João.

— E por que traz êle esta pedra atada ao pescoço?

— Para ir logo ao fundo.

— Como?

— É que a Medusa teve quatro filhos, está muito magra e não pode criar todos êles.

— E então?

— Não há remédio senão livrá-la de tantos cachorrinhos; meu pai já deu um ao nosso vizinho Lopo e agora vou eu deitar êste no rio; se não levasse a pedra ao pescoço, o pobre animal custaria a morrer, e penaria muito.

— Que maldade! disse Luisinha.

— Isto não é maldade, é compaixão; se não fôsse a pedra no pescoço, êle penaria muito tempo.

O coração de Luisinha revoltou-se contra aquela espécie de compaixão, que mandava matar depressa. A me-

nina olhava ora para o cachorro com piedade, ora para João com esparto. Ela não podia compreender que assim se matasse um inocente animal, e menos que o menino tomasse para si o papel de algoz.

O sentimento de Luisinha era natural; a frieza e insensibilidade com que João ia praticar aquela ação repugnante e cruel era o resultado de um grave defeito de educação; porque há pais que toleram os martírios que os filhos fazem sofrer aos passarinhos e aos animais, e que às vezes os levam a praticar atos como êsse de que João servia de instrumento, não refletindo que assim lancem nos corações das crianças os germes de verdadeira crueldade.

— E há de morrer! balbuciou a menina.

— Coitado! disse Milo; um cachorrinho é tão bom para se brincar!

— Vamos, meninos! bradou a velha.

— João, disse Luisinha, eu quero para mim êste cachorrinho.

— Melhor; se há de morrer, seja antes seu e eu volto mais depressa para a casa; meu pai não ralhara comigo por isso.

Luisinha recebeu o cachorrinho; Milo tirou-lhe a pedra do pescoço e ambos correram para a avó, soltando gritos de alegria.

— Temos um cachorrinho! temos um cachorrinho! gritavam êles.

A velha ouviu a história do pobre animal condenado à morte e salvo por Luisinha, e limitou-se a dizer:

— Contanto que o senhor reverendo não ache mau ter um cachorro em casa.

E a velha refletia bem; porque o padre Martim até então nunca tivera animal algum doméstico dêsses que acompanham o homem e o servem, sem dúvida porque calculava que alguma coisa lhe custaria o cuidado de nutri-los.

Mas Luisinha não se lembrava de pensar em tal, e voltando para o sítio, discutia com seu amigo Milo sobre a escolha do nome que deveria ter o cachorrinho.

Milo queria dar-lhe o nome — Tigre. Luisinha sustentava que seria melhor chamá-lo — Gentil.

No meio do debate travado entre os dois meninos, o cãozinho fez um movimento e olhou para Luisinha com olhos brilhantes.

— Que fogo tem êle nos olhos! exclamou a menina; está decidido, há de chamar-se — Relâmpago.

— Seja Relâmpago, respondeu Milo.

E chegaram nesse momento a casa.

O padre Martim, recebendo a afilhada, viu logo o novo agregado que ela trazia, e mostrou-se de mau humor.

— É mais uma extravagância! É preciso mandar levar êsse cachorrinho a seu dono, disse o padre.

— Êle não tem dono; já estaria morto, se não fôsse eu, respondeu a menina.

— É uma loucura...

— Não, meu padrinho; é uma distração para mim.

— Não te basta Milo?

— Milo é muito diferente de um cachorrinho.

— Os cães ficam facilmente danados; é um perigo horrível!

— Eu hei de ter todo o cuidado com Relâmpago.

— Eu nunca consenti que houvesse cães em minha casa... aborreço os cães...

— Mas há de amar a êste, há de amar a Relâmpago, porque é nosso.

O padre bateu o pé e gritou:

— Não quero cães em minha casa!

Luisinha estremeceu; deixou cair das mãos o cachorrinho e chorou.

Chorar era vencer.

Relâmpago foi adotado.



— É uma bôca demais que eu vou ter em casa, murmurou o padre; Luisinha! Luisinha! tu és os meus pecados.

Os dois meninos começaram logo a ocupar-se muito seriamente da criação de Relâmpago; o empenho não era tão fácil, que não exigisse bastante cuidado; mas felizmente o amor maternal poupou a Luisinha e a Milo metade do trabalho.

A Medusa, que João pintara tão magra e tão incapaz de criar todos os seus cachorrinhos, escapava tôdas as noites da casa de seu dono, e vinha ao sítio do padre Martim deitar-se no terreiro e oferecer uma de suas têtas a Relâmpago.

A chegada de Medusa era uma festa para os meninos, e ainda mais para Relâmpago. Só o padre Martim é que a olhava com maus olhos; porque Luisinha, sempre incorrigível, teimava em guardar para ela uma parte das sobras do jantar.

Este excelente acolhimento produziu uma consequência que era de prever; Relâmpago deixou de mamar: Medusa, porém, não deixou de vir fazer a sua visita noturna e de receber a ração costumada.

Em vez de uma, foram duas bôcas demais em casa.

Mas quem guardava as sobras do jantar para Medusa, era Luisinha.

O padre Martim ralhava sempre; aborrecia profundamente Medusa; mas cedia, embora murmurando, ao capricho e à vontade despótica da querida menina.

CAPÍTULO VII

A predição da moribunda

A boa velha curandeira, a quem todos no sítio do padre Martim chamavam *minha avó*, era uma mulher de excelentes costumes, educada com as lições do amor de Deus e do próximo, lições que ela devera a seus pais, e que resumem plenamente o ensino de tôdas as virtudes e de todos os deveres.

Profundamente religiosa antes de tudo, a idéia de um pensamento ou de uma ação que ofendesse a Deus, era o maior dos seus tormentos; e ela nem sofria sòmente pelos seus próprios escrúpulos de consciência; sofria não menos pelos outros, e especialmente por aquêles com quem convivia, e em quem notava uma infração dos preceitos divinos.

Rude mas humilde, incapaz de murmuração e de maledicência, receosa sempre de causar a mais leve mágoa a quem quer que fôsse, a boa mulher nem sabia censurar nos outros as faltas que observava, contentando-se em rezar pela salvação de todos.

Entretanto, notava-se que, depois a certo tempo, ficava ela às vêzes esquecida a meditar tristemente, olhando com indizível expressão de piedade para o padre Martim; e, se êste por acaso lhe perguntava o motivo da sua melancolia e das suas reflexões, ela parecia querer abrir-lhe o coração e hesitar temerosa; e por fim respondia sempre do mesmo modo, encarando-o fixamente.

— Sr. reverendo, penso na morte; creia que é muito necessário pensar nas contas que devemos dar a Deus do que fizemos na vida.

O padre encolhia os ombros, e a velha nada mais acrescentava. Luisinha e Milo corriam a acariciá-la, e em breve venciam a sua tristeza com afagos e abraços.

Mas de noite, quando se recolhia para dormir, a boa mulher murmurava:

— Eu devia ter falado... o meu silêncio é um pecado que tenho na consciência... Se eu dissesse tudo quanto penso, tudo quanto sinto, pode ser que o reverendo se arrependesse... Deus me dê ânimo.. eu hei de fazer amanhã...

E o dia seguinte chegava, e ela não se animava a falar.

O que afligia a religiosa velha era a avareza do padre Martim, e mais do que isso ainda, era o pecado da usura que êsse homem recentemente começara a cometer. A pobre mulher tivera conhecimento dêsse novo desvio dos bons caminhos, em que o padre corria para sua perdição; e, portanto, sofria e desejava falar para salvá-lo.

Mas o padre Martim fazia-lhe mêdo; ela receava provocar sua cólera: estremecia, vendo as rugas de sua fronte severa; e, apesar dos impulsos de sua consciência, não se animava nunca a oferecer-lhe os conselhos da virtude.

A boa velha consolava-se da sua fraqueza, rezando horas inteiras pelo padre Martim.

Afora essas tristes meditações da velha, que amiúdo se estavam repetindo, passavam serenos e prósperos os dias no sítio do padre Martim.

O padre e a velha mostravam-se fortes, prometendo viver ainda longos anos.

Os dois meninos cresciam radiantes de saúde e alegria.

Os escravos viviam contentes sob a proteção de Luisinha.

Relâmpago tinha-se tornado um grande e forte cão de terreiro; era um animal bravo e terrível, a cujo ímpeto nenhum homem poderia resistir; mas ao mesmo tempo dócil e submisso à voz de Luisinha e de Milo, ao lado dos quais sempre se achava, e de quem parecia ser

o mais fiel, vigilante e intrépido defensor. Nada se podia igualar à expressão de amor com que o cão olhava para os dois meninos, à pronta obediência com que êle se deitava aos pés de qualquer dêles, ao mais leve sinal que recebia, e à braveza e ao furor em que se acendia, quando desconfiava das intenções de algum desconhecido que se aproximava dos seus dois senhores.

Medusa, enfim, que era também um pouco da casa, não interrompia a série das suas visitas noturnas.

O padre Martim acabara por tolerar sem má vontade o fiel Relâmpago, que lhe prestava o importante serviço de sentinela da casa; continuava, porém, e cada vez mais, a detestar a importuna Medusa, por causa das sobras do jantar que ela devorava.

Corriam assim plàcidamente as coisas no sítio do padre Martim, até que um dia a boa velha não se levantou, como de costume, ao romper da aurora.

Os meninos esperavam por ela no terreiro para o seu passeio habitual.

O padre Martim já tinha dito três vêzes, como perguntando a si próprio:

— Que terá hoje a avó?

Relâmpago uivava tristemente.

Enfim, Luisinha e Milo correram ao quarto da velha e voltaram logo, chorando:

— Minha avó está mal! gritaram ambos ao mesmo tempo.

E com efeito a boa mulher tinha chegado ao seu último dia.

O padre Martim foi vê-la.

— Senhor reverendo, disse a velha com voz fraca, não há tempo a perder; poucas horas me restam de vida; faça-me ainda uma esmola; mande chamar imediatamente o senhor vigário para ouvir-me em confissão e preparar-me para morrer.

Enquanto esperava pelo vigário, a virtuosa velha consolava os dois meninos, que desabridamente choravam

abraçados com ela; deu-lhes os últimos conselhos; e pondo suas mãos trêmulas sôbre as cabeças de ambos, ainda uma vez orou a Deus por êles.

O vigário chegou, e a moribunda recebeu todos os sacramentos com um doce sorriso nos lábios.

Ao despedir-se do santo pastor, desfez-se em lágrimas; e de mãos postas, rogou-lhe que olhasse para o seu Milo, que ficava só no mundo.

O vigário, muito comovido, prometeu-lhe solenemente que, enquanto vivesse, seria o protetor e o pai de Milo.

Instantes depois, a velha mandou por Luisinha chamar o padre Martim, e ficou só com êle.

O padre, justo é dizê-lo, tinha os olhos rasos de lágrimas; apertou entre as suas uma das mãos da velha, e perguntou-lhe:

— Que me quer, boa avó?

— Senhor reverendo, disse ela, eu não posso morrer tranqüila com um pêso que tenho na consciência; até hoje tive medo de falar; agora, porém, sinto a animação da morte e falo.

O padre mostrou-se curioso.

— Senhor reverendo, uma moribunda já está metade fora da terra, e a sua voz tem alguma coisa da voz do túmulo, que é a voz da eternidade; escute bem a minha voz, que sai do coração, e que é talvez inspirada pelo seu anjo da guarda...

— Fale... fale...

— Senhor reverendo, vossemecê foi e é avarento, e a avareza é um pecado horrível; vossemecê é desde algum tempo mais do que avarento, é usurário! O avarento é um grande pecador, porque não faz o bem que pode; o usurário é ainda muito pior; porque faz o mal que não deve. Ouça-me! O avarento e o usurário são malditos!

O padre largou a mão da velha, e recuou um passo, vendo-lhe os olhos brilhantes e a face cheia de uma animação imprópria da morte que próxima estava.

— Senhor reverendo! continuou a velha; Luisinha é sua filha, é filha do pecado; mas Deus lhe perdoou esse pecado; pois lhe deu em Luisinha um anjo de bondade e de virtudes. Veja bem o que Deus fêz por vossemecê, e ouça a voz de Deus, senhor reverendo! A filha do avarento saiu caridosa para ensinar ao pai o caminho da salvação: ouça a voz de Deus! Agarre-se às asas dêsse anjo de caridade e salve a sua alma!

— Sim! sim! eu me arrependo... exclamou o padre caindo de joelhos.

A velha sentou-se na cama; seus olhos brilhavam com uma flama ainda mais viva, e ela disse, como se delirasse, ou como se estivesse lendo no futuro:

— Não! não! não te arrependerás! o avarento é e será também usurário, e o seu destino é horrível!... padre! a tua paixão foi e é o ouro... tu morrerás pelo ouro! Padre! eu vejo ali sangue e cadáver! Padre, tu morrerás pelo ouro!

E a velha caiu na cama e expirou.

E o padre Martim, aterrado, fora de si, saiu cambaleando para fora do quarto, e atirando-se sôbre uma cadeira na sala, ficou imóvel, trêmulo, assombrado, sem ouvir os meninos que se desfaziam em lamentos e lágrimas abraçados com o cadáver da *avó*, e sem ouvir o fiel Relâmpado que uivava desesperadamente no terreiro.

CAPITULO VIII

Por que o avarento se tornara usurário

O amor de Luisinha não transformara, não regenerara completamente, tinha apenas domado o coração do padre Martim; escravo obediente dos desejos, dos caprichos da menina, não podendo ver uma sombra de tristeza em seu rosto, e ainda menos uma lágrima em seu lindos olhos, o padre chegara a sacrificar-lhe a avareza, consentira em ter em sua casa, e como membros de sua família, a velha e o travêso Milo, tolerara que Luisinha vestisse e nutrisse os seus escravos, como dantes êles nunca o tinham sido, habituara-se à presença de Relâmpago, suportara as visitas noturnas de Medusa, e o que é mais, chegara a condescender com a caridade da excelente menina, dando-lhe algumas insignificantes quantias, que destinava para os seus pobres.

Tôdas essas concessões custavam muito ao padre Martim; êle porém as fazia; porque a vontade de Luisinha era uma lei para o seu coração.

Mas no íntimo da alma o padre chorava o seu dinheiro, e lamentava as despesas loucas da amada menina.

É verdade que essas que êle chamava despesas loucas, não diminuâam o seu capital; mas também não lhe permitiam aumentá-lo tanto quanto desejava.

Desta obediência passiva e filha do amor extremo, e da persistência da paixão do ouro no ânimo do padre, nasceu como um recurso, como uma consolação, a prática da usura.

Longe dos olhos de Luisinha, a coberto da sua irresistível influência, livre das suas imposições, o padre Martim cuidava nos meios de aumentar sua riqueza.

E o próprio amor de Luisinha lhe inspirava um sofisma para satisfazer a paixão do ouro: o padre devia preparar para sua filha um futuro de abundância; que quanto mais rico se tornasse, mais rica a deixaria por sua morte.

Avarento como era, não compreendia a felicidade senão na riqueza.

Assim, pois, a amor da filha vencida certamente o amor do ouro, onde quer que a voz de Luisinha se fizesse ouvir; quando porém a voz dêsse anjo não se ouvia, a paixão infernal sentia-se solta e como dantes governava as ações do padre Martim, e, se é possível, mostrava-se mais violenta ainda, como se se vingasse dos sacrifícios feitos ao amor filial.

Até então o padre Martim nunca tinha sido usurário, não por virtude; mas por excesso de avareza.

O padre gemia profundamente ao só pensar na idéia de se separar de uma parte do seu ouro; não havia seguranças, nem crédito de devedor que tranqüilizassem o seu espírito suspeito; nunca houve espôso mais ciumento da consorte amada, do que êsse avarento da riqueza que possuía e amontoava.

Mas as *despesas loucas* de Luisinha roubaram ao avarento o seu mais doce prazer: em seu cofre não caíam mais tantas moedas, como outrora; o monte de ouro não se elevava bastante; uma das condições da felicidade da avareza faltava ao padre Martim.

Como neutralizou as conseqüências dos desperdícios de Luisinha? O padre Martim pensou muito, e concluiu abraçando o recurso da usura.

Uma grande dificuldade porém mostrou-se em breve ao espírito do padre Martim: onde poderia êle desenvolver os seus novos projetos e realizá-los? Em sua casa havia um perigo: as queixas e os rogos dos devedores chegariam em alguns casos aos ouvidos de Luisinha, algumas das vítimas da usura lembrar-se-iam de recorrer a ela, implorando compaixão, e em tal hipótese, a luta

se travaria como tantas vèzes, e a vitória seria provavelmente da menina dominadora.

A avareza do pai tinha mêdo da caridade da filha. O inferno calculava com o poder do céu.

Um dia o Padre Martim supôs ter tido a mais feliz inspiração.

Lembrou-se de João Maneta.

João Maneta morava em uma pequena casa que se levantava à beira da estrada entre os riachos do Lava-pés e do que havia de chamar-se do *Quarto*.

João Maneta contava perto de setenta anos de idade; era natural da cidade do Rio de Janeiro, e recebera a alcunha de *maneta*, porque no combate dado contra Duclerc em 1710, perdera a mão esquerda, que a espada de um soldado francês lhe decepara.

Perdera a mão esquerda com honra batalhando pela pátria, e pena foi que lhe dessem por isso uma alcunha ridícula.

Mas também parece que o único dia de honra de João fora êsse em que perdera a mão e ganhara a alcunha.

Ficou dito que João Maneta era brasileiro.

A observação parece demonstrar que em cem brasileiros, sessenta são mais ou menos perdulários, trinta e nove mais ou menos sàbiamente econômicos, e um é avarento.

Mas o brasileiro que é avarento sabe sê-lo.

João Maneta não era exclusivamente avarento, porque era antes de tudo usurário.

A casa de João Maneta era pequena; tinha porém o que mais importava, as portas e janelas muito seguras, o que se tornava indispensável; porque tôda a família que a habitava, compunha-se do usurário e de uma sua sobrinha que, caindo em orfandade, êle adotara para servir-lhe de criada.

A sobrinha de João Maneta chamava-se Fabrícia, e contava já quarenta anos; era solteira, e durante algum tempo tinha sido objeto de maus juízos suspeitosos de suas relações com o tio.

João Maneta era conhecido como usurário; nem podia deixar de sê-lo, porque, segundo êle próprio dizia, viera estabelecer-se em Itaboraí, trazendo por tôda sua fortuna — doze dobras em ouro.

Ora, isto se passara em 1725, e João Maneta não podendo trabalhar e vivendo apenas dos seus rendimentos, deveria antes achar-se na miséria, do que em pobreza; e entretanto assegurava-se com fundamento que êle já havia acumulado considerável fortuna.

Semelhante milagre fôra operado pela avareza do próprio João Maneta e de Fabrícia, digna sobrinha de seu tio; pois que ambos sabiam viver quase sem despender coisa alguma, e pela prática da usura em que o primeiro era mestre.

João Maneta foi pois o homem de quem em um momento de infernal inspiração se lembrou o padre Martim.

Um dia o padre foi procurar o *Maneta*, confiou-lhe em segredo a sua situação, e a sua fraqueza; confessou-lhe que guardava em seu cofre algum dinheiro disponível e propôs-lhe fazerem sociedade no bom negócio da usura.

Teria sido curioso poder acompanhar os dois avarentos nas discussões que tiveram para chegarem a pôr-se de acôrdo sôbre as condições e bases da sociedade; porque naturalmente empenharam-se ambos em enganar um ao outro; infelizmente os debates começaram e acabaram tão em segredo que sômente os dois agraciados poderiam referi-los.

Enfim concordaram ambos, em que cada um dos sócios entraria com parte igual para a caixa; que João Maneta seria o único representante e gerente da sociedade; que o padre em compensação daquele trabalho entraria para a caixa com dez por cento mais, além da sua parte, e que os lucros se repartiriam igualmente.

A concessão dos dez por cento custou muito ao padre; êle porém vingou-se nas exageradas cautelas que tomou para segurança do seu capital.

As entradas realizaram-se e o negócio começou e foi-se desenvolvendo sob os melhores auspícios, graças à experiência e à habilidade de João Maneta.

A caixa esvaziava-se e enchia-se regularmente e o ouro que voltava para ela vinha quase sempre molhado de lágrimas.

Os usurários enriqueciam-se, empobrecendo os desgraçados que caíam em suas garras; ao menos porém o amaldiçoado pelo povo era somente João Maneta.

E ainda assim o padre chorava os seus dez por cento.

Mas o padre Martim tornara-se tão amigo de João Maneta, e tão assiduamente o visitava, que o fato deu que pensar a muita gente, e por fim de contas foi o mistério decifrado e todos souberam que o padre Martim era sócio de João Maneta.

A notícia desta sociedade cruel e imoral chegou aos ouvidos da boa velha curandeira no sítio do padre Martim, e deu causa a que a pobre mulher caísse tantas vezes no abismo de dolorosas meditações e tivesse aquêles escrúpulos de consciência de que somente se libertou na hora solene e terrível da morte.

Viu-se como o padre Martim escutando a voz tremenda da moribunda e a sinistra previsão do seu futuro, recuara assombrado; e depois de deixar escapar em um — sim! instintivo, grito involuntário arrancado pelo medo, a promessa do seu arrependimento e da sua emenda, fugira do quarto, onde já deixava um cadáver.

O padre passou um dia terrível cheio das mais penosas reflexões, dormiu de noite um sono agitado e interrompido por sonhos aflitivos; na manhã seguinte porém o cadáver da velha seguiu o caminho do cemitério, e como se com êle seguisse o mesmo caminho a influência dos conselhos da moribunda, o espírito do avaro e usurário pouco a pouco se foi tranqüilizando, e a promessa feita começou em breve a ser julgada vã e pueril.

Para maior mal, em um dos seguintes dias o padre Martim teve de ajustar contas com o seu sócio, e tão

avultados foram os lucros que arrependido ficou êle de ter pensado em arrepender-se.

Assim pois infrutuosa se tornara a predição da moribunda.

O demônio do ouro, a tentação da avareza e da usura continuava ainda a lançar nos desvios do pecado a alma do padre Martim.

Havia talvez um meio único de regenerar aquela alma perdida: o meio era a influência do anjo da caridade, da formosa e boa Luisinha, cuja voz e cuja vontade chegavam sempre à alma do padre, fazendo caminho pelo coração.

Mas Luisinha era uma inocente menina que nem compreendia a prática do mal, e que julgava o padre Martim pelas inspirações do seu amor; chegara com pesar seu a reputar seu padrinho pouco amigo dos pobres; longe porém estava de pensar que havia um vício infernal chamado usura, e que o padre se tornara objeto de maldições e pragas por êsse vício.

Seria preciso que alguém, conhecendo o poder que sobre o padre exercia a menina, fôsse bater ao coração desta e dizer-lhe a verdade que todos sabiam, e que só ela ignorava e não compreendia.

Então fôra provável uma dessas lutas extremas entre o anjo da caridade e o demônio da usura, e é bem possível que o céu desse fôrças à filha muito amada para salvar o pai, obrigando-o a sacrificar sua paixão vil e pecaminosa.

Mas todos amavam Luisinha; todos diziam: “O padre Martim é um mau homem; mas a menina Luisinha é uma santa”, e por isso mesmo ninguém se animava a fazer corar as faces da menina querida, todos diante dela respeitavam o padre Martim, e não ousavam censurá-lo.

Luisinha acreditava piamente que seu padrinho, se não era amado, pelo menos não era aborrecido, e até no empenho de torná-lo menos antipático aos pobres, muitas

vêzes, com uma dessas generosas mentiras que Deus perdoa sorrindo, dava esmolas em nome dêle.

Milo era o único que poderia ter sem vexame e com explicável confiança referido a Luisinha quanto se dizia do padre Martim; mas também Milo era um menino como ela, e além disso, amava o padre, devia-lhe gratidão, e em sua santa e nobre generosidade dos primeiros anos, lembrar-se-ia antes de defender, do que de acusar aquêle que lhe dava o pão.

Tudo portanto conspirava contra o padre Martim, que corria livre e à rédea solta para a sua perdição na outra vida.

No mundo era êle alvo das maldições dos homens; além da morte só a misericórdia de Deus poderia salvá-lo do inferno.

No sítio e na casa do padre Martim vencia o anjo da caridade e das virtudes.

Fora do sítio o demônio da avareza e da usura governava o padre Martim.

A predição da velha moribunda era um mistério do futuro.

CAPÍTULO IX

Por que foi chamado o sobrinho do Faial

A morte da boa avó tinha deixado na família do padre Martim um vácuo que um outro homem, que tão avarento não fôsse, teria feito em breve preencher.

Luisinha ficara sem diretora que por ela zelasse na idade em que mais precisava tê-la.

A vigilância e a fidelidade de Relâmpago não poderiam defender a bela menina daqueles perigos, de que havia de salvá-la a própria virtude, mas que também e sempre devem ser vencidos pelos conselhos e pela vigilância solícita do amor maternal, ou de um amor que dêsse se aproxime.

Além do mais Luisinha e Milo tinham crescido, ela já era uma formosa moça, êle um mancebo ardente e bonito.

O padre Martim que os via todos os dias e a tôdas as horas era quem menos notava nessas mudanças que os anos iam operando; a idéia de admitir uma senhora para companheira de Luisinha não podia ser por êle espontâneamente concebida, e menos realizada por causa de alguma despesa que teria de fazer, e assim deixou que as coisas continuassem como dantes, que Luisinha e Milo vivessem em relações constantes, que nos domingos fôsem ambos apenas acompanhados por uma escrava e pelo inseparável Relâmpago à freguesia, onde deviam ouvir missa, e enfim, atendendo à idade a que Milo já havia chegado, apenas se lembrou de exigir uma simples modificação na vida que vivia o mancebo.

— Já estás grande, meu Milo, disse-lhe o padre um dia; já estás grande e é necessário que te ocupes em alguma coisa: doravante ficará por tua conta o cuidado do pomar e dos animais.

Milo aprendêra com Luisinha a chamar o padre — *meu padrinho*.

— Sim, meu padrinho, respondeu êle; pode descansar em mim a êsse respeito.

O padre sorriu-se; mas Luisinha saiu logo com embargos.

— Meu padrinho, disse ela; eu quero antes que Milo se ocupe em preparar-me um jardim: desejo ter flores, e êle será o meu jardineiro.

— De que servem flores? perguntou o padre de mau humor.

— As flores são belas e servem para o encanto dos olhos, além do aroma que embalsama o ar.

— E que lucro dão?

— Não haja dúvida por tão pouco, tornou Milo; eu posso tratar do pomar e dos animais, e preparar o jardim para Luisinha.

— Sacrificarás o pomar e os animais às flores...

— Meu padrinho verá.

E o padre Martim aplaudiu-se do que viu.

Milo era inteligente e infatigável; o pomar do sítio mudou em breve de aspecto; não só se tornou mais viçoso, como aumentou de proporções; os animais engordaram, e em um canto do pomar apareceram em poucos meses lindos tabuleiros de flores.

Nenhum dos escravos do padre Martim trabalhava tanto como o inteligente Milo.

O padre exultou vendo que contava um trabalhador de mais.

Continuou pois o mesmo sistema de vida na família: Luisinha e Milo não se separavam, e quando aos do-

mingos iam ouvir missa na freguesia, aquêles que os viam passar tão jovens, tão alegres e tão amigos, diziam:

— Que galante par!

Preciso porém é dizê-lo, os dois jovens eram ainda tão inocentes como as flores do seu jardim; no coração de ambos morava a pureza dos anjos; nenhum dêles pensava que havia um outro amor que os pudesse ligar a não ser êsse amor fraternal, que desde a infância tinham ambos sentido.

Os primeiros que observaram com malícia essa estima recíproca de Milo e Luisinha, e pensaram nos riscos a que ela expunha a menina, foram João Maneta e Fabrícia.

Dois sentimentos diferentes tinham inspirado a malícia ao tio e a essa sobrinha.

João Maneta pesou em seu espírito todos os inconvenientes de um casamento possível: o marido de Luisinha bem podia querer tomar sôbre si o cuidado dos negócios do padre Martim, que não saberia resistir às instâncias de sua filha; em todo o caso o casamento de Luisinha era um perigo para a sociedade da usura. João Maneta começou a aborrecer o pobre Milo.

Fabrícia estava de perfeito acôrdo com seu tio em suas idéias interesseiras; mas ainda tinha uma razão particular para ver com maus olhos a intimidade de Milo e Luisinha.

Fabrícia contava quarenta anos, nunca fôra bonita nem cortejada por mancebo algum que lhe houvesse feito entrever a esperança de casamento.

Não há inveja que iguale a de uma celibatária que o é a próprio pesar, e principalmente quando ela chega à idade em que começa a perder a esperança de achar marido.

Milo era um lindo jovem, e Fabrícia compreendia ou pensava que devia ser bem feliz a mulher que o tivesse

por espôso; bastava esta consideração para atçar-lhe a inveja.

A inveja é mãe do ódio mais criminoso; do ódio gratuito, do ódio que não tem desculpa, que o atenua.

Fabília odiava Luisinha por duas razões: odiava-a porque era moça e bela, e porque Milo era bonito.

E portanto a exemplar virtude da sobrinha de João Maneta, alvoroçava-se, vendo a estima recíproca de Luisinha e Milo, e a perigosa intimidade em que viviam os dois jovens.

Uma vez o tio e a sobrinha viram passar Luisinha e Milo conversando e rindo, como dois irmãos que se amam extremosamente.

João Maneta apontou para êles com sinal de reprovação.

Fabília benzeu-se com o ar mais santo.

— Isto não pode continuar assim, disse João Maneta.

— É uma horrível imoralidade! respondeu Fabília.

— É preciso falar ao padre Martim.

— Sem dúvida: o tio já deveria ter-lhe dito alguma coisa.

— Falai no mau, preparai o pau, observou o tio.

Era o padre Martim que nesse momento chegava.

Como de costume os cumprimentos foram curtos entre os dois sócios.

Fabília retirou-se modestamente.

— Acabávamos de conversar a seu respeito, disse João Maneta.

— E a propózio de quê? perguntou o padre.

— Tínhamos visto passar para a freguesia a menina Luisinha e êsse rapaz que o senhor reverendo tem em sua casa.

— Sim? E que mais?

— Minha sobrinha, que é a virtude em pessoa, perguntou-me, se o senhor reverendo pretende casar a menina Luisinha com êsse pobretão.

O padre encrespou as sobrancelhas.

— E qual foi a sua resposta?

— Eu disse à minha sobrinha que duvidava muito que um homem de tanto juízo caísse em semelhante asneira.

— E respondeu bem.

— Mas Fabrícia observou-me, que sendo assim, ninguém poderia explicar a espécie de indiferença ou de abandono, com que o senhor reverendo deixa a inocente menina Luisinha viver em tanta intimidade com o tal velhaquete.

O padre pareceu contrariado, e respondeu depois de momentos de reflexão:

— São dois meninos criados como irmãos; ainda não pensam no mal.

João Maneta era hábil; conheceu que já havia lançado suficiente dose de veneno no coração do padre, e por isso tornou, dizendo:

— Exatamente o mesmo fiz eu observar a minha sobrinha, o que a fêz calar, porque ela tem sôbre tudo a maior confiança na prudência do senhor reverendo.

— Sua sobrinha é uma excelente senhora.

— Não tratemos mais disto; vamos aos negócios, que mais nos interessam. Tenho ótimas notícias a dar-lhe.

— Homem, no trimestre passado lucrámos muito pouco.

— Pouco! lucrámos no trimestre passado mais do que nunca lucrei em tempo algum; mas no trimestre que terminou ontem, ainda fomos muito além.

— Muito?

— Recebi de Manuel Peres, em pagamento da sua dívida, um sítio que vendi quatro dias depois pelo dôbro da quantia, pela qual o recebi.

— E que mais?

— Examine o senhor reverendo o nosso livro e pasme à vista do que tenho feito.

Os dois sócios começaram o exame das contas e dos lucros, e o padre Martim esqueceu Luisinha e Milo ad-

mirando os prodígios da usura de João Maneta, sem contudo manifestar a sua admiração, e antes protestando que se poderia ter lucrado muito mais.

Concluído o exame das contas e já de volta em casa o padre Martim estava à porta quando vieram chegando Luisinha e Milo, e então, lembrando-se do que acabara de ouvir a João Maneta, reparou que com efeito a menina se havia tornado uma formosa moça, e o menino um galante mancebo.

O padre reconheceu que João Maneta ou Fabrícia tinha razão, e quando, à noite, se recolheu a seu quarto, passou horas inteiras refletindo.

Despedir Milo era um recurso prudente; mas certamente Luisinha protestaria contra êle.

Deixar correr a vida como até então, era um perigo, a menos que fôsse adotável a idéia do casamento de Luisinha e Milo.

Essa idéia porém aterrava o padre. Ele não podia admitir que a sua riqueza viesse um dia passar às mãos de um estranho.

E Milo além de estranho não tinha nome, nem família, nem esperança de futuro.

O padre então lembrou-se de que na ilha onde nascera, vivia ainda uma sua irmã casada e com filhos, um dos quais muito desejava vir fazer ou procurar fortuna no Brasil.

Esse seu sobrinho chamava-se Manuel Pereira, e muitas vezes lhe havia escrito, manifestando-lhe o seu empenho de passar-se para o Brasil a fim de fazer-lhe companhia.

O padre não acreditava muito nos protestos de amor de um parente que nunca o tinha visto; mas por fim de contas Manuel Pereira era seu sobrinho e seu patrício, e se viesse e se casasse com Luisinha, nunca se lembraria de arrancá-la da sua companhia.

Estas e muitas outras considerações levaram o padre a tomar uma pronta resolução.

No dia seguinte êle escreveu para o Faial mandando vir Manuel Pereira para o Brasil.

A carta, mandada em confiança a um português negociante da cidade do Rio de Janeiro, seguiu o seu destino, sem que pessoa alguma suspeitasse do que se tratava.

Luisinha e Milo não pensavam na existência de Manuel Pereira, e João Maneta e Fabrícia ainda menos.

O padre guardava impenetrável o seu segredo.

E passados oito meses apresentou-se em um sábado de aleluia no sítio do padre Martim o sobrinho chegado das ilhas.

CAPÍTULO X

Manuel Pereira

Quinze dias se tinham passado depois da chegada de Manuel Pereira à casa de seu tio.

O padre apresentara Manuel a Luisinha como um sobrinho que o devia acompanhar em sua velhice, recomendara a um e outra que se estimassem mutuamente, e ficou esperando que o tempo o ajudasse a realizar o projeto que concebera.

Durante os quinze dias Luisinha, Milo e Manuel observaram-se e estudaram-se.

Milo não era invejoso; reconheceu porém que ao pé de sua camarada se apresentava um mancebo que na casa do padre Martim tinha natural e legitimamente mais direitos do que elle, e notou com pesar que Manuel parecia olhá-lo desconfiado e de mau humor desde o primeiro dia.

Luisinha a princípio divertiu-se muito, escutando Manuel contar histórias da sua ilha; mas logo depois aborreceu-se de ouvi-lo e continuou a viver como dantes, sem pensar que o sobrinho de seu padrinho pudesse exercer influência alguma sobre o seu futuro.

Milo, o pobre órfão, sentira instintivamente que a sua posição ia modificar-se desagradavelmente no sítio do padre Martim.

Luisinha, a menina amada, nem se agitou nem temeu; estava habituada a não sofrer; viu pois com indiferença o suposto companheiro da velhice de seu padrinho.

Manuel Pereira foi mais positivo, mais aturado e minucioso em suas observações, ou antes, foi elle entre todos o único que estudou e observou os outros.

O pensamento que o fizera deixar a família e a pátria e passar para o Brasil, fôra o desejo de fazer fortuna. Era pobre e almejava enriquecer.

Como tantos outros contava encontrar no Brasil a famosa *árvore das patacas*: a árvore das patacas era para êle antes de tudo seu próprio tio; porque o padre Martim sendo padre não podia ter filhos, e portanto seus cabedais deveriam pertencer ao parente que êle adotasse.

O raciocínio era perfeito segundo as regras da lógica do egoísmo e da ambição.

Mas chegando à casa de seu tio, Manuel Pereira sobressaltou-se, vendo as suas esperanças em parte anuladas.

O sobrinho chegado da ilha encontrou ao lado de seu tio uma menina querida, a quem o padre dava o nome de afilhada, evidentemente por não convir dar-lhe outro, o verdadeiro, o nome do amor mais sagrado.

Luisinha era filha do padre Martim; a filha devia naturalmente ser herdeira do pai, e isso era horrível para Manuel Pereira.

Porque a herança do padre era a grande, ou melhor, a única, a essencial questão.

É claro que um pensamento consolador veio logo acender-se na alma do sobrinho ambicioso: se a filha devia ser herdeira, o sobrinho sê-lo-ia também, casando-se com ela. Pouco importava em tal hipótese que a noiva fôsse bonita ou feia; mas, para maior consolação, Luisinha era formosa.

Entretanto uma suspeita instintiva contrariava êste recurso esperançoso.

No sítio do padre Martim vivia um jovem de belo parecer, e a quem Luisinha mostrava estimar muito. Êsse jovem não era afilhado nem parente do padre; parecia porém objeto de muitas atenções na casa, e portanto podia bem tornar-se em uma barreira diante dos projetos ou dos sonhos da ambição de Manuel.

Por último, e para dar conta de tôdas as primeiras impressões do sobrinho chegado da ilha, cumpre dizer

que êle achou seu tio muito mais moço e muito mais robusto, do que calculara; não sentiu por isso grande prazer.

O padre Martim errara gravemente.

O velho rico que manda vir para sua companhia um sobrinho a quem nunca viu, a quem nunca amou, e que nunca o amou, e que o recebe, sabendo que êle traz a esperança de ser seu herdeiro, expõe-se a perigos reais, ou pelo menos a ter junto de si um falso amigo, que fará votos pela sua morte.

Ligações de ordem tal só se aproveitam quando a estima as aperta e santifica. Laços forjados pela ambição raramente deixam de ser nocivos: quem precisa de cuidados e extremos peça-os ao amor, e não ao egoísmo.

É uma imprudência chamar para o seio da família um homem de quem não se tem conhecimento, e ainda maior imprudência, se a fortuna do protegido pode mais depressa realizar-se com a morte do protetor.

Estas considerações não tendem a semear a desconfiança entre parentes, e ainda menos a tornar menos gratos os laços de sangue; a idéia é clara, e indica somente a necessidade do conhecimento do caráter e das qualidades daqueles que aproximamos de nós, e que ligamos a nós.

O padre Martim errara; mas ainda era cedo para serem sentidas as conseqüências do seu êrro.

Manuel Pereira, não perdeu o seu tempo nos quinze dias que se passaram depois daquele em que se apresentara na casa de seu tio.

Laborioso e infatigável, tomou a direção dos poucos escravos do padre e na roça trabalhava com êles assiduamente, animando-os com o seu exemplo, e chamando-os à sua confiança com um tratamento quase fraternal.

Em breve os escravos o fizeram sabedor dos segredos da família e da casa, o que era essencial para Manuel Pereira.

No fim de poucos dias o ambicioso mancebo conhecia perfeitamente o caráter e as fraquezas de seu tio, o poder de Luisinha, e a condição de Milo.

Era um general que explorava o campo de batalha.

Manuel Pereira compreendeu tôda a situação e tôdas as circunstâncias; enganou-se porém num ponto: reputou o amor do ouro ainda mais forte e poderoso do que o amor da filha no coração do padre.

Partindo dêste falso princípio, deu no fim dos quinze dias o primeiro combate, dirigindo os seus ataques contra Milo.

Foi na tarde de um sábado.

Luisinha tinha ido ao jardim, onde Milo estava trabalhando.

O padre Martim e o sobrinho por seu lado saíram a visitar o pomar, e de volta para casa, supondo que os dois jovens ainda não haviam entrado, sentou-se Manuel Pereira defronte do tio, e dispôs-se a falar.

Luisinha e Milo estavam a dois passos na sala de jantar, e descansando silenciosos podiam ouvir tudo.

— Tio padre, disse Manuel, há muitos dias que vossa mercê não vai lá à roça ver como a negralhada atira de enxada; mas que monta? O trabalho anda!

— Sim, eu sei que tu não és pêco; continua que vais bem assim.

— A quem o diz, tio padre? Leve o demo a preguiça! Mas que monta? Uns trabalham, e outros vadiam, e tanto comem uns como os outros.

— Trabalha tu, e deixa os outros.

— Nanja que eu morda no próximo, tio padre; mas eu tinha uma coisa para dizer a vossa mercê.

— Dize lá.

— É que quando há na mesa uma bôca de mais, fica um pão de menos.

— Isso é verdade.

— E um pão que não se compra, é dinheiro que em casa fica.

— Também é verdade.

— Que diabo serve o sr. Milo que água as flores, e enxerta laranjas? Eu cá que trabalho na roça, bem posso fazer a rega do jardim à noitinha, e cuidar das frutas aos domingos.

— Manuel, disse o padre Martim com cuidado, e olhando para a porta: deixa Milo, e não te envolvas com êle...

— Pois que vá aguardar as flores; mas eu lho digo por amor da casa, porque bôca demais é pão de menos.

— Manuel, nem palavra sôbre Milo, atende bem: trata de agradar a Luisinha; é preciso que agrade a Luisinha.

— É que Milo...

— Basta, tornou o padre; nem mais palavra sôbre êsse rapaz.

Milo tinha ouvido o que o tio e o sobrinho acabavam de dizer, e corando até a raiz dos cabelos, levantou-se do banco, onde estava sentado, e retirou-se para o seu quarto.

Luisinha entrou pouco depois na sala; tinha o rosto enrubescido e os olhos em fogo.

O padre Martim fingiu não ver o sentimento que transluzia do rosto da jovem.

Anoiteceu e chegou a hora da ceia.

Milo não apareceu para cear; pretextara um ligeiro incômodo para não vir sentar-se à mesa.

Luisinha não quis comer.

O padre Martim não pôde conter-se e perguntou:

— Por que não queres cear, Luisinha?

— Para que fiquem dois pães demais, meu padrinho.

— Menina!

— Uma bôca demais na mesa equivale a um pão de menos.

Manuel Pereira levantou a cabeça e olhou para Luisinha, que encarando-o com expressão de cólera, disse:

— Quero concorrer para a alegria da casa; há de haver na ceia de hoje uma sobra de dois pães.

CAPÍTULO XI

Duas flores

Amanheceu o dia seguinte que era domingo.

Luisinha acordou com a aurora, penteou-se com esmêro, vestiu o seu simples mas bonito vestido branco, apresentou-se enfim para ir, e como de costume, ouviu missa na freguesia.

Quando saiu do seu quarto, a bela moça já não encontrou Milo em casa; mas adivinhou que o acharia no jardim.

Era fácil adivinhá-lo; porque Luisinha costumava, quando ia à freguesia, ou a algum passeio, levar no cabelo um botão de rosa.

Era um enfeite campestre, e muito no gosto da época nas povoações do interior, porque as senhoras usavam então trazer flores naturais nos cabelos.

Luisinha preferia a tôdas as flores um botão de rosa, e preferia bem; porque o botão de rosa é o mais fiel emblema de uma jovem donzela.

Ora, quem sempre escolhia para Luisinha o mais lindo botão de rosa era Milo.

Luisinha adivinhou por isso que o seu amigo Milo deveria estar no jardim, e com efeito lá o encontrou.

Mas em vez de ver o mancebo correr para ela e oferecer-lhe o botão de rosa, Luisinha achou-o olhando muito triste para as flores.

— Bom dia, Milo; disse ela.

Milo saudou com voz um pouco trêmula e comovida a Luisinha, que se sobressaltou vendo a palidez do seu rosto e duas olheiras roxas sob seus olhos.

— Que tens hoje, Milo, estás desfigurado.

— Não pude dormir.
— Estás doente?
— Não, graças a Deus.
— Choraste?
— Também não, mas pensei.
— Pensaste em quê?
— Em quem não vale a pena de ser lembrado; pensei em mim.

— Milo!

— Manuel Pereira acordou-me de um sono bem agradável, mas inconveniente. Dormi até ontem; êle acordou-me.

— Foi então aquê impertinente...

— Êle disse a verdade; eu sou demais nesta casa, o senhor padre Martim não precisa do meu trabalho, e não tem obrigação de alimentar-me e de vestir-me; já não sou criança, tenho ânimo e fôrça e devo procurar a minha vida.

— Procurar a tua vida? Queres porventura dizer que vais deixar-nos?

— Assim é preciso.

Luisinha nunca tinha pensado na possibilidade de se separar do seu camarada da infância; foi portanto com um estremecimento do coração que ouviu aquelas últimas palavras de Milo.

— Deixar-nos, Milo?! perguntou ela.

— Sim, Luisinha, eu sou demais aqui.

A jovem viu pela primeira vez na vida desenhar-se uma nuvem negra no seu futuro; sentiu uma dor profunda e inexplicável, teve um desejo ardente de lançar-se nos braços de Milo, corou sem compreender porque corava, e de seus belos olhos caíram duas lágrimas em suas faces, como gotas de orvalho em duas rosas.

— Deixar-nos, Milo! disse ela dolorosamente e como se lhe escapasse um gemido pungente.

— Luisinha! Luisinha! exclamou o pobre Milo.

E o pobre Milo sentia também pela primeira vez uma dor profunda no coração, uma dor que o perturbava, e cuja natureza ainda não compreendia bastante.

Luisinha achava-se como que confusa, hesitava, quis fazer um esforço para escapar àquela situação que a fazia sofrer muito, e que a obrigava a experimentar um sentimento ainda para ela indefinível.

Sem enxugar as duas lágrimas que conservava nas faces, Luisinha ensaiou um sorriso que foi uma contradição dos lábios e da alma.

Ela sorriu-se e disse:

— Milo, és um louco; meu padrinho ralhará contigo.

Milo moveu a cabeça, indicando-lhe incredulidade.

Luisinha fingiu não ver êsse movimento, e acrescentou:

— São horas de irmos à freguesia, e nem te lembras que ainda não me deste um botão de rosa.

— Luisinha, disse Milo, queres fazer-me um favor?

— Que favor posso eu fazer-te?

— Em vez de botão de rosa, aceita da minha mão e leva nos teus cabelos a flor que eu te vou oferecer.

— Dá-me a flor que escolheres; aceito-a.

Milo deu alguns passos, e colheu uma *saudade*, que ofereceu a Luisinha.

— Uma *saudade*?! disse ela; levá-la-ei nos meus cabelos, mas espero não senti-la no coração.

Milo estava radiante de alegria, vendo a *saudade* nos cabelos de Luisinha, que ficara pensativa.

— Vamos, disse o mancebo.

— Um momento ainda, tornou a jovem; também quero pedir-te um favor, Milo.

— Fala.

— Farás o que eu te pedir?

— Responde a ti mesma, Luisinha.

— Pois bem; aceita da minha mão e leva no teu peito a flor que eu te quero oferecer.

— Luisinha, eu dei-te uma *saudade*, que flor me darás tu?



A bela moça avançou por sua vez alguns passos, chegou ao arbusto que procurava, colheu um *não-me-deixes*, e apresentou-o ao mancebo dizendo: chama-se *não-me-deixes*, Milo.

O mancebo aceitou a flor com a mais viva expressão de júbilo, aceitou-a da mão trêmula de Luisinha, que sem saber por que, tinha o rosto abrasado em flamas do mais santo pudor.

Logo depois deixaram ambos o jardim.

O que acabava de passar-se era um simples e duplo presente de flores, ou, se quizerem, uma troca de flores, mas espontânea, não calculada, não esperada, e feita com a mais pura inocência.

Cada uma dessas flores revelara um pensamento daquele que a ofertara.

Cada um dos dois pensamentos era diferente do outro.

Um desses pensamentos, o que a *saudade* exprimia, estava dizendo: — vou separar-me de ti.

O outro, o que o *não-me-deixes* exprimia, estava dizendo: — não te separe de mim.

E ambos êses pensamentos, que eram diferentes, exprimiam, ou revelavam um sentimento recíproco, idêntico.

Mas nem Luisinha nem Milo compreendiam ainda a natureza do sentimento, que, sem querer, acabavam de revelar um ao outro.

Chegando à casa, de volta do jardim, Milo pouco antes tão abatido e triste, mostrava-se nadando na mais ardente alegria, e Luisinha, que se dirigira ao jardim tão feliz e tão contente, voltara docemente pensativa.

Por que estava Milo tão alegre? Ele não o sabia.

Por que estava Luisinha tão pensativa? Também ela não o sabia.

É que nos corações inocentes o amor começa sendo um segredo para os que já o estão sentindo.

Segredo angélico, é êsse que pouco e pouco se revela, como o botão de uma flor que vai naturalmente se desabrochando.

CAPÍTULO XII

O segredo do amor

Os moradores dos pequenos povoados são em geral muito curiosos, e igualmente muito minuciosos em suas observações.

Essas qualidades, que de ordinário os levam à maledicência, não são contudo denunciadoras de um sentimento maléfico.

Conhecendo-se todos uns aos outros, vivendo todos uma vida monótona, sem variedade, não tendo, senão raramente, assuntos sérios que venham dar novidade às suas conversações, encontrando-se todos os dias e precisando ter de que falar, procuram e colhem com avidez, muitas vezes inocente, tudo quanto lhe pode servir para dar folga às velhas e cansadas histórias da terra, entre-tendo-se com alguma nova matéria, embora pouco interessante, e às vezes também um pouco arriscada.

Os moradores da nascente e pequena freguesia de Itaboraí não eram isentos desse defeito da curiosidade e das observações minuciosas.

Ora, quem se deixa dominar por esse espírito de curiosidade, não poupa nem os próprios amigos.

Foi por isso que Luisinha e Milo ao chegarem à igreja matriz da freguesia, onde vinham ouvir missa, excitaram logo as observações e as reflexões dos rapazes que estavam à porta da igreja, e das senhoras velhas e moças que dentro dela já estavam, ou que foram entrando.

E o que provocava a curiosidade de tanta gente era o trazer Milo um *não-me-deixes* no peito, e Luisinha uma *saudade* nos cabelos.

Todos se lembravam de que Luisinha tinha por costume trazer em seus cabelos um botão de rosa, e ninguém se lembrava de que Milo houvesse um só domingo aparecido com uma flor no peito.

Por que então trazia Luisinha nesse dia uma *saudade* em vez de um botão de rosa?

E por que pela primeira vez aparecia Milo com uma flor no peito?

E demais, por que trazia êle um *não-me-deixes* em vez de outra qualquer flor?

Os curiosos e observadores foram adivinhando explicações e formando juízos, que iam confiando uns aos outros.

— É célebre! disse um dêles; é célebre acontecer isto no mesmo dia.

— Acontecer o quê? perguntaram.

— A menina Luisinha ter trocado o botão de rosa pela *saudade*, e Milo trazer pela primeira vez um *não-me-deixes*.

— E que se segue daí?

— Parece que se ajustaram ambos para fazer esta inovação de flores.

— Nada de malícias, disse outro.

Estas últimas reflexões foram ouvidas por Manuel Pereira que acabava de chegar também para ouvir missa, e que tratava de apurar o ouvido para não perder palavra do que se dissesse, quando a conversação foi interrompida pelo comêço do sagrado sacrifício.

A discussão ficou pois adiada.

Ninguém mais se ocupou da história de flores nem de juízos maliciosos.

As horas do mundo que zomba e murmura tinham parado ao soar a hora do culto e de Deus.

A oração vinha purificar os lábios nodoados pela murmuração.

A missa chegou ao seu têrmo no fim de meia hora; o vigário que a celebrara desceu do altar.

Saudaram-se todos, dando-se o *bom dia* fraternal, e pensavam já em retirar-se, quando apareceu de novo o vigário, e, à sua voz, aproximaram-se do altar um manco e uma jovem acompanhados de alguns amigos.

Eram dois noivos que iam ligar-se para sempre com os laços sagrados do himeneu.

Um casamento é um ato solene e grave para aquêles que vão transformar em uma só vida suas duas vidas, para os pais e amigos dedicados dos noivos, cuja felicidade tanto os interessa; mas é também um ato que apraz aos próprios indiferentes, que correm a testemunhá-lo ainda que seja somente para ver se a noiva é ou não bonita, e para apreciar em seu rosto as suaves emoções de um amor que se exalta e que o mais sublime pejo refreia.

Um casamento é sobretudo um ato cheio de poesia, de encanto e de indizível magia para aquêles que se amam e que não sendo ainda casados, desejam sê-lo.

Assim, pois, não admira que todos quantos se achavam na igreja, homens e senhoras, se aproximassem também do altar, e fôsem assistir à cerimônia.

Luisinha e Milo fizeram como os outros, foram cercar os noivos.

Do lado da noiva ficaram tôdas as senhoras, do lado do noivo todos os homens, e por feliz acaso Milo de frente de Luisinha.

Milo cuja fervente alegria não tinha ainda arrefecido, foi-se tornando pouco a pouco docemente melancólico e como que todo embebido no ato solene que se celebrava.

Luisinha que tão pensativa ficara desde a troca das flores no jardim, mais pensativa se tornou ainda, e respirando ansiosa, parecia às vêzes reprimir um suspiro.

Nem um, nem outra tinham desviado por um só instante os olhos daquele par sem dúvida amoroso que se ligava para sempre; mas quando as mãos do noivo e da noiva se uniram, e quando, ouvido o sagrado

juramento, o sacerdote abençoou nesse enlace de duas mãos o enlace de duas vidas, Luisinha e Milo involuntariamente levantaram um pouco as cabeças, olharam-se, encontraram-se a olhar-se, coraram ambos, ambos suspiraram, e ambos curvaram de novo as cabeças, confundidos e vergonhosos.

As cerimônias daquele ato sagrado e cheio do mais puro sentimento acabavam de ensinar a Luisinha e Milo que havia um amor que, sendo abençoado por Deus, podia unir um homem e uma mulher em laço mais estreito do que os laços que unem os pais e os filhos, e que ligam os irmãos entre si; que a bênção de um ministro de Deus podia santificar a aliança de dois corações amantes e perpetuar sua união.

Compreendendo tão bela e tão animadora lição. Milo e Luisinha lembraram-se de que poderiam ser bem felizes, e não se separarem nunca durante a vida, se um dia chegassem a ligar-se com os mesmos laços. Olharam-se então, e nesse rápido olhar Milo leu nos olhos de Luisinha, e Luisinha leu nos olhos de Milo o mesmo pensamento e o mesmo desejo.

Foi por isso que coraram e que ficaram ambos confundidos e vergonhosos.

Tinham um e outra conhecido o segredo de seus corações, e reconheceram então a natureza de sentimentos que determinara a sua troca de flores poucas horas antes.

Luisinha e Milo sabiam enfim que se amavam.

Quem lhes tinha dito o que era que êles sentiam, mas ignoravam embora o sentissem?

O anjo das flores já lhes havia procurado revelar no jardim o belo segredo; mas em sua inocência êles não tinham compreendido o anjo.

Deus acabava de esclarecer suas almas com um raio daquela pira de himeneu que êle santificara com a bênção do seu ministro.

A voz de Deus não podia deixar de ser ouvida, e o puro amor que assim se revelava devia ter por si a proteção do Céu.

Luisinha e Milo saíram pois da igreja, sabendo que se amavam.

Mas como se tivessem delinqüido, cometendo um grave pecado, os dois jovens amantes voltaram para o sítio silenciosos, não se atrevendo a olhar-se, suspirando às vêzes e estremecendo ao suspirar, confusos, temerosos, abstratos, e nesse estado da alma em que a melancolia é um encanto, que prende, enleva e felicita.

CAPÍTULO XIII

Morte de Medusa

Manuel Pereira voltou da freguesia triste e preocupado: tinha ouvido a reflexão maliciosa sôbre a *saudade* de Luisinha e o *não-me-deixes* de Milo; tinha observado no ato do casamento o encontro eloqüente dos olhos dos dois jovens; tinha apreciado a suave melancolia e doce confusão que de ambos se apoderaram logo depois, e suspeitando em tudo isso a manifestação de um amor que ameaçava os seus cálculos de futuro, levava no coração a cólera e o ímpeto dos maus instintos.

Pouco lhe importava o amor de Luisinha; mas a riqueza do padre Martim era tudo para êle.

O plano que desde alguns dias havia traçado mostrou-se então ao seu espírito como um recurso extremo, que com o mais pronto e ardente empenho devia ser pôsto em ação; êsse plano consistia simplesmente em ganhar pela adulação a estima do padre, e em perder ou ao menos comprometer, ainda mesmo por meio do aleive e da intriga, aquêle que lhe *fazia sombra* na casa, merecendo a mais viva afeição de Luisinha.

Chegando ao sítio do padre Martim, Manuel Pereira reconheceu-se tão despeitado que receou atraiçoar-se, não podendo encobrir os sentimentos que o agitavam; determinou pois fugir de todos os olhos, e pretextando uma caçada, tomou uma espingarda e saiu.

A espingarda fôra o primeiro e único presente que até então Manuel Pereira recebera de seu tio; e ainda assim fôra um presente condicional e calculado pela avareza do padre.

Um dia Manuel Pereira, que achara a espingarda em esquecido descanso a um canto da sala, pediu licença ao tio para limpá-la, e ir caçar com ela; o padre aquiesceu ao pedido de mau humor; vendo porém no fim de algumas horas voltar o sobrinho com uma caçada, que bem podia alimentar a família durante dois dias, e isso com uma insignificante despesa com a pólvora e o chumbo, aplaudiu a habilidade de Manuel Pereira, bateu palmas de gôsto, e disse-lhe:

— Rapaz, visto que sabes caçar, a espingarda é tua, enquanto morares comigo.

É quando via passar muitos dias sem caçada, perguntava ao sobrinho:

— Já não caças, Manuel? Olha, que é preciso não trabalhar incessantemente; a distração faz bem à saúde.

Manuel Pereira tinha pois ampla liberdade para ir à caça tôdas as vêzes que isso lhe aprouvesse.

A espingarda era de Manuel Pereira, embora condicionalmente.

E fôra o padre Martim que lhe dera a arma mortífera.

E era o padre Martim quem comprava a pólvora e o chumbo.

Manuel Pereira internou-se no bosque vizinho, levando marcha apressada e pouco própria de um caçador; às vêzes e instintivamente sua mão afagava o fecho da espingarda, como se ali estivesse para êle encerrada uma esperança; então um rir sinistro desfigurava-lhe os lábios.

Manuel Pereira, que tinha o costume de falar em voz alta a si próprio, quando estava só, guardava nesse dia teimoso silêncio.

Calculava com raiva a riqueza que por morte do padre Martim deveria passar a Luisinha, e arrancava do peito surdos gemidos.

Era então uma fera que gemia.

Dominado pela ira esquecia os cuidados e as precauções da caça; mas em compensação êle, que nas

outras caçadas poupava os tiros para empregá-los somente nos corpulentos macucos, nas belas torcazes, nas arapongas e nos jacus, nesse dia de furor e raiva ia matando os mais pequenos passarinhos.

O padre Martim ouvia de casa os ecos dos tiros amiudados, e esfregando as mãos de contente, repetia amiúde:

— Que excelente caçada nos traz hoje o Manuel!

Luisinha e Milo que estavam sentados diante do padre, pareciam absortos e não pensavam na caçada.

— Que têm vocês hoje que não me dizem nem me respondem palavra? perguntou enfim o padre.

Milo estremeceu como se tivesse acordado de repente e no meio de um sonho.

Luisinha mais hábil, por isso mesmo que era mulher, e mais animosa pela confiança que depositava no amor do padrinho, respondeu sem hesitar:

— Eu estava pensando nas flores do meu jardim.

— Ora esta! quando eu falava na excelente caçada que está fazendo o Manuel!

— Não gosto de caçadas, meu padrinho.

— Mas por quê?

— Ora... porque nas caçadas o prazer consiste em matar...

— Isso é puerilidade... ia dizendo o padre.

E parou ouvindo novo tiro.

— Mais um! exclamou.

E imediatamente ouviu-se também o latido doloroso e pungente de um cão.

Relâmpago, que estava deitado no terreiro, deu um salto e lançou-se para o bosque vizinho em desesperada carreira.

— Que será isto? disse o padre levantando-se.

Saíram todos três para o terreiro e no fim de muitos breves minutos chegou a seus ouvidos um grito horrível.

— É a voz de Manuel! exclamou o padre.

— Sem dúvida corre algum perigo; cumpre ir socorrê-lo, disse Milo.

— Milo! tu és bom, tornou o padre, lembrando-se da noite, antecedente.

E o padre, Milo e um escravo dirigiram-se apressadamente para o bosque.

O latir furioso de Relâmpago ensinava o caminho que devia ser seguido.

Em breve Milo e o padre Martim encontraram Manuel Pereira, e testemunharam uma triste cena.

Manuel Pereira estava trepado em uma árvore, e em uma de suas pernas a calça mostrava-se manchada de sangue.

Embaixo da árvore via-se no chão a espingarda.

Relâmpago latia com furor, mostrando seus dentes ameaçadores a Manuel Pereira, e só interrompia essa ameaça para correr e uivar junto de Medusa, que a poucos passos jazia sem vida.

O caso passara-se do seguinte modo:

Os tiros repetidos do caçador tinham atraído Medusa ao bosque e Manuel Pereira, vendo-a e conhecendo-a, lembrou-se de que a pobre Medusa era agradecida a Luisinha e Milo, e aborrecida pelo padre Martim que não lhe perdoava os restos do jantar que se guardavam para ela.

A morte de Medusa devia portanto ser motivo de desgosto para Luisinha e Milo, e de consolação para o padre avarento.

Manuel Pereira não pensou mais: sem dó nem piedade desfechou um tiro sobre Medusa, que soltou um latido, e morreu.

Mas Relâmpago ouviu o latido de morte soltado pela mãe e voou furioso em seu socorro; chegou tarde para salvá-la; mas logo vingativo lançou-se sobre o assassino, que para escapar ao desespero do amoroso cão, largou a espingarda que não tivera tempo de carregar, e subiu a uma árvore, desprendendo um grito de dor, porque

Relâmpago conseguira de um salto cravar-lhe os dentes em uma perna.

Duas lágrimas correram dos olhos de Milo ao ver Medusa estendida e morta.

Relâmpago latia desesperado, olhando às vêzes para Milo, como a pedir vingança.

— Sossega êste cão, disse o padre Martim a Milo.

O mancebo nem sequer olhou para Manuel Pereira; chamou Relâmpago, segurou-o pelo pescoço e retirou-se, levando-o quase à fôrça.

Quando o padre Martim e Manuel Pereira chegaram a casa, Luisinha já sabia tudo, e chorava.

Manuel Pereira vinha coxeando pela ferida que recebera na perna.

Milo teve de intervir de novo para conter a raiva de Relâmpago.

— Luisinha, disse o padre; eis aí o que fêz o teu Relâmpago... vê como está ferido o pobre Manuel!

— Relâmpago era filho de Medusa, disse Luisinha, estancando o pranto.

— E ainda o defendes?

— Meu padrinho, respondeu a jovem com voz pausada, mas repassada de dor; meu padrinho, ouça-me bem: aquêlê que assim matou a pobre Medusa, é bem capaz de matar um homem.

— Menina!

— Esconda ou quebre essa espingarda, meu padrinho; porque êsse homem que matou Medusa, é capaz de matar a qualquer de nós!

E saiu logo da sala.

Manuel Pereira tratava de curar a ferida que recebera.

O padre Martim chegou-se a êle e disse-lhe em voz baixa:

— Manuel, não foi um grande mal o teres morto Medusa; mas toma cuidado agora: não toques em um só pêlo de Relâmpago.

CAPÍTULO XIV

João Maneta e sua sobrinha

A chegada de Manuel à casa de seu tio, o padre Martim, causara a princípio vivas apreensões a João Maneta e por consequência também à sua sobrinha.

Se um e outra se arreçaram do possível casamento de Milo e Luisinha, temendo que êle viesse a pôr têrmo à sociedade da usura, de que João Maneta recolhia tantos lucros, pela mesma razão e talvez com dobrado fundamento Manuel inspirou receios de igual natureza.

João Maneta quase que se arrependeu da intriga que urdira contra o pobre Milo; mas pondo-se em cuidadosa observação, começou dentro em pouco a serenar, e no fim de breves semanas chegou a aplaudir-se da vinda de Manuel.

Em breve tinha chegado ao seu conhecimento o antagonismo que existia na casa do padre Martim entre Milo e Luisinha de um lado, e Manuel do outro, e pesando bem o poder que exercia a menina no coração do padre, compreendeu que o sobrinho recém-chegado das ilhas precisaria de auxiliares para lutar com vantagem.

João Maneta ainda antes de ter encontrado Manuel e com êle falado, já lhe apreciava devidamente o caráter pelas informações circunstanciadas que cautelosamente conseguira obter; estava pois certo que o sobrinho do padre Martim era um homem ambicioso e capaz de tudo, para enriquecer.

Sôbre todos êstes dados formou pois o velho usurário o seu plano de campanha.

João Maneta visava um único fim — o não ser privado de negociar com o dinheiro do padre Martim.

E nem podia levar além o seu empenho, porque o padre, tão hábil como êle, armava-se sempre na sociedade com tantas seguranças, que não deixava nunca meio de ser enganado.

Tendo portanto em mira aquêlê único fim, João Maneta calculou perfeitamente o seguinte:

Que Manuel, sobrinho legítimo do padre Martim, podia vir a ser o seu único herdeiro, dadas certas eventualidades.

Que Manuel fortemente contrariado na casa do tio pela influência de Luisinha teria necessidade de um auxiliar para realização de seus projetos ambiciosos.

Que o melhor auxiliar que Manuel poderia procurar e encontrar era êle João Maneta.

Que finalmente Manuel viria em breve à sua casa, oportunamente lhe falaria nos seus negócios e em suas pretensões, e que o resto ficaria por sua conta.

João Maneta calculou tudo isto tão só consigo, que sua própria sobrinha não lhe adivinhara a obra da observação e do raciocínio perverso, até que um dia, era um domingo, ao cair da tarde, achando-se sentado de frente dela, disse-lhe, arranjando um feio sorriso:

— Fabrícia, pela cara que de certo tempo a esta parte me mostras, vou percebendo que te chegou o desejo de tomar estado!

Fabrícia arregalou os olhos, benzeu-se e respondeu:

— Santo breve!

— Anda lá; bem conheces que não me engano.

— Tio João, que lembrança é essa?

— Uma boa lembrança, Fabrícia; estou velho; mais dia menos dia vou-me dêste para o outro mundo, e não queres ficar ao desamparo; digo-te que tens razão.

— Mas eu nunca pensei em semelhante coisa.

— Pensaste, pensaste, e pensas; e eu sou um tio tão extremoso, que não só adivinho os teus desejos, como chego a ocupar-me de levá-los a efeito.

— Como é isso, tio João?

— Alguém lhe disse alguma coisa a respeito dessa idéia de casamento?

— Não.

— Então foi o senhor padre Martim?

— Menos.

— Tio João, vossemecê está zombando comigo.

— És uma tóla: porque o Manuel ainda não me falou, não se segue que êle não me venha falar.

— Ah! é uma esperança...

— É uma certeza... O Manuel precisa de mim, e há de vir procurar-me.

— E em tal caso...

— Eu lhe darei os meios de herdar a fortuna do padre com a condição de que essa fortuna seja por nós partilhada.

— E êle estará pela condição?

— Que remédio!

— E se não gostar de mim?

— Há de fingir que gosta; a questão não é a tua pessoa, é o dinheiro do padre.

— Mas depois que vida me dará êle?

— Fabrícia, nunca há espinhos em um leito de ouro.

Fabrícia curvou a cabeça como profundamente convencida da sublime verdade que ouvira, somente porém na realidade agradavelmente impressionada pela idéia e esperança daquele casamento, embora ainda problemático; porque enfim a sobrinha de João Maneta no segrêdo da sua consciência reconhecia que não estava mais na idade das noivas, o que era uma razão para mais ardentemente desejar casar-se, sem lhe importar a escolha do marido e o cuidado do futuro.

Mas êsse princípio imoral enunciado por João Maneta "*nunca há espinhos em um leito de ouro,*" por ser falsíssimo e inspirado pela corrupção, nem por isso é menos observado ainda no século atual, como o era no passado, e na nossa sociedade como o fôra na outra.

Cada um de nós voltando os olhos em tórno da sociedade em que vive, encontrará sacrificadas a êsse princípio infernal algumas vítimas que devoram silenciosas uma existência tormentosa, ou que escandalizam as famílias com o quadro repugnante de lutas, cujo desar passa além das paredes do lar.

Aqui são pobres senhoras dadas pelos pais aos cofres opulentos de maridos que não podem ser amados; ali são miseráveis mancebos que se casam com os ricos dotes de noivas, a quem não amavam, e de quem se transformam em verdugos. Em todo o caso a mulher é a vítima, ou porque o homem se venda ao seu ouro ou porque o homem a compre com seu ouro nesses casamentos imorais determinados e forjados pelo falso e maléfico princípio: *"nunca há espinhos em um leito de ouro"*.

Mas o que agiganta êste mal, o que torna ainda mais perigosa esta lição corrutora é que as exigências da vaidade e do luxo a têm feito adotar por pais verdadeiramente extremosos, e, o que é mais, por aquelas mesmas que, adotando-a, se expõem a uma vida inteira de aflições e de amarguras.

Quando pois em tão grande escala se vêem na nossa época celebrarem-se casamentos sôbre uma base exclusiva de interêsse material, não admira que tão facilmente concebesse João Maneta o projeto de casar sua sobrinha com um homem que êle não conhecia e que a não conhecia; porque enfim João Maneta vivia no tempo em que às vêzes os noivos viam-se pela primeira vez, quando entregavam um e outro suas mãos ao padre que devia abençoar sua união.

Por isto e porque a idéia do casamento lhe era muito agradável, Fabrícia, que havia abaixado a cabeça, levantou-a alguns momentos depois, e olhando o tio, perguntou:

— Tio João, vossemecê diz que o Manuel há de vir procurar-nos?

— Digo, sim.

— É uma coisa que me entrou na cabeça.

— Vossemecê está falando sério?

— Se eu viver mais alguns anos, ficarás, por minha morte, herdeira de uma pequena fortuna, mas nem por isso se segue que te devas casar com algum pobretão; e teu marido há de ser um rapagão de encher o olho, e um pouco mais rico do que nós; que dizes a estes projetos?

A jovem quinquagenária respondeu com um suspiro que não pôde abafar.

— Que dizes a isto, Fabrícia! Fala; achas má a minha idéia?

Fabrícia estava admirada e suspeitosa; porque nunca tinha ouvido o tio, dirigindo-lhe a palavra em tom semelhante.

— Tio João, disse ela; duvido que vossemecê descubra o tal mocetão.

— Já o achei.

— Quem é?

— O sobrinho do padre Martim.

— O Manuel?

— Ele mesmo.

— O que veio das ilhas?

— Sem dúvida.

— Ele nunca me viu.

— Mas há de ver-te.

— E gostará de mim?

— Que importa isso?

— Ah, tio João!

— Asseguro que tu gostas dêle, e é o que basta.

— Eu gosto dêle?

— Gostas; por que não? É o sobrinho e será o herdeiro do padre Martim.

— E a menina Luisinha?

— Far-lhe-emos as contas.

— O Manuel já falou a vossemecê?

— Nunca.

CAPITULO XV

Dois velhacos e uma noiva

João Maneta calculara tudo com exatíssima precisão. Manuel o tinha vindo procurar e pedir-lhe a sua amizade, ao que êle respondeu como convinha, pois que tratava com o sobrinho do seu amigo, o Padre Martim.

Pouco a pouco estreitaram-se as relações entre Manuel e João Maneta, que hàbilmente esperou ser consultado sôbre os negócios da casa do padre.

Fabrícia, nas curtas e calculadas ausências de seu tio, recebia Manuel, e provocava-o a falar sôbre Luisinha e Milo, acendendo-lhe o ódio contra ambos, e procurando recomendar-se e tornar-se interessante ao mancebo.

João Maneta auxiliava a sobrinha, fingindo-se obediente à sua influência, diante de Manuel.

Este sistema produziu os seus efeitos.

Manuel começou a fazer suas confidências a Fabrícia, e a pedir-lhe a sua proteção para mover João Maneta a influir no espírito do padre Martim a seu favor e contra Luisinha.

João Maneta declarava a Manuel não poder e não querer envolver-se nesses negócios de família.

Fabrícia cada dia se tornava mais carinhosa para Manuel, e tanto que acabou por não deixar-lhe a menor dúvida sôbre a natureza dos sentimentos que êle lhe inspirava.

Manuel a princípio recuou ante a idéia daquela paixão de mulher velha; mas dobrando-se em breve à lei da necessidade, acabou por fingir-se amável, e até apaixonado.

Não compreendendo ainda que lhe estavam armando um laço, Manuel, ao ver que Fabrícia não se contentava com os mais ardentes protestos de amor em palavra, violentou-se um dia e procurou abraçar a sobrinha de João Maneta; ela porém o repeliu ofendida e revoltada, bradou contra o insulto que recebera, e ameaçou Manuel com a cólera do tio.

O pobre rapaz desculpou-se com a flama irresistível da sua paixão; mas Fabrícia declarou-lhe que só podia ser abraçada por seu marido.

Manuel não teve ânimo de responder, e nesse dia faltando-lhe o patrocínio de Fabrícia, não conseguiu de João Maneta a mais leve esperança.

Manuel retirou-se aflitíssimo; no fundo do coração detestava Fabrícia desde o primeiro dia em que lhe pareceu que ela lhe impunha o seu amor; a ambição da riqueza porém o dominava sobretudo; êle precisava de João Maneta, o sócio de seu tio, e João Maneta só se dobrava à vontade de Fabrícia.

Fabrícia era portanto a sua única esperança.

Quantos homens, ainda mesmo na flor da idade, não vão à igreja, de dia com a cabeça erguida, com o sorriso nos lábios, dar a mão de espôso a mulheres velhas e feias, que só se recomendam pela riqueza que devem levar a seus maridos?

Manuel tinha vindo da sua ilha para o Brasil com a idéia exclusiva de ser o herdeiro do padre Martim.

Na casa do padre, Luisinha e Milo contrariavam terrivelmente os seus projetos, e João Maneta era o único homem que o podia ajudar a realizar o empenho da sua ambição.

Com João Maneta, Manuel nada podia sem o concurso de Fabrícia.

Que fazer?

A situação era embaraçosa; mas o rude Manuel concebeu uma idéia, como outro qualquer nas suas circunstâncias e como com o seu caráter qualquer outro concebe-

ria igual; resolveu-se a prometer casamento a Fabrícia, e não cumprir a sua promessa, senão em caso desesperado.

Fabrícia era o menos; João Maneta era o mais.

Manuel reconhecera em João Maneta um grande velhaco, e supôs ainda assim poder enganá-lo.

Eram dois velhacos em frente um do outro: um com a presunção própria da mocidade, o outro com a malícia e a mestrança de longos anos de experiência.

O tempo que Manuel gastara em refletir, João Maneta levava a rir, e a dizer à sobrinha:

— Ele há de vir, há de vir.

E Manuel foi, embora com a disposição formada de enganar.

Três dias depois daquele em que o abraço repellido motivara o simulado ressentimento de Fabrícia, Manuel apresentou-se na casa de João Maneta, e fêz as pazes com Fabrícia, jurando-lhe que seria oportunamente seu marido.

João Maneta, que estava fora, chegou a propósito e encontrou Manuel aos pés de sua sobrinha; seguiu-se logo uma cena de ameaças e de protestos de um e de lágrimas da outra, terminando tudo por explicações que satisfizeram o velho tio irritado.

Mas de súbito João Maneta, que parecera sossegado, encolerizou-se de novo e bradou:

— Casar com Fabrícia; eu não dou minha sobrinha em casamento, senão a um homem, que tenha de seu pelo menos tanto, quanto ela deve ter por minha morte, e o senhor Manuel é um pobretão, que nem possui dez palmos de terra onde se deite!

Fabrícia abraçou-se chorando com o tio, e Manuel, aproveitando o ensejo, respondeu:

— Com os diabos, senhor João; eu sou deveras um pobretão; mas que monta? Dentro em pouco serei rico, se o senhor quiser ser por mim.

— Essa é boa! Estou vendo que também deseja que eu lhe dê o meu dinheiro para negociar.

— No inferno esteja a minha alma se eu pensei nessa negociada, senhor João.

— Então que queria dizer?

— Quero dizer que sou sobrinho de meu tio, o reverendo senhor padre Martim, que tem dinheiro à bruta, e que eu posso e devo ser o seu legítimo herdeiro.

— Mas seu tio é padrinho ou mais alguma coisa da menina Luisinha e portanto...

— Pois é aí que está o enrêdo do negócio, em que o senhor João bem me poderá valer; porque se herdasse os mil cruzados do padre, ficava tão rico como a senhora Fabrícia ou mais ainda.

— E apanhando-se rico, mandava a senhora Fabrícia procurar marido.

— Vejá lá, senhor João, que eu não tenho alma de Judas.

— Mas eu declaro que não quero envolver-me nas questões de família do senhor padre Martim.

Fabrícia compreendeu que era chegada a ocasião de intervir, e desfez-se em rogos, exclamações e lágrimas; Manuel fêz côro com ela, e no fim de uma hora de calculada resistência, João Maneta abrandou-se, e fingiu que começava a refletir sôbre o caso.

João Maneta sabia perfeitamente tudo quanto se passava na casa do padre Martim, mas, simulando ignorância, interrogou Manuel a respeito das relações de Milo e Luisinha, e da sua posição na casa do tio, e ouviu pacientemente o que o ambicioso mancebo lhe quis referir.

Enfim o velho usurário pronunciou o seu juízo, ou antes, regulou o plano de ataque.

— A emprêsa é difícil e arriscada; mas não impossível de se levar ao cabo: precisamos antes de tudo de duas coisas, uma que ficará por minha conta e a outra por conta do senhor Manuel.

Manuel estendeu o pescoço e prestou a mais cuidada atenção.

— É indispensável, continuou João Maneta, pôr Milo fora da casa do padre Martim; isso pertence ao senhor Manuel; e convém quanto antes saber, se o padre Martim tem ou não tem testamento feito; isso fica ao meu cuidado.

— Mas com os diabos! Como hei de eu deitar o Milo fora da casa do tio padre? Desejo de o fazer tenho eu; mas que monta, se a senhora Luisinha governa a casa e anda de namoricos com o malandro?

— Seu Manuel, o seu tio padre aprova ou não aprova êsses namoricos: se os aprova, não faremos coisa alguma; mas se os não aprova, é exatamente por causa dos tais namoricos que o senhor porá o Milo na rua.

— E se ainda fora de casa o tal velhaco continuar a fazer das suas?

— Pois não há capitão-mor na terra? Há, Sr. Manuel, e o Milo me parece nascido para ser um bom soldado... e então agora que o senhor vice-rei precisa de gente para o sul.

— Com os diabos! exclamou Manuel; o Sr. João é um sábio! Creio que dêste modo arranja-se tudo direito como um fuso.

— Sim; mas depois será necessário fazer mais alguma coisa, tornou João Maneta com um sorrir diabólico.

— E que mais?

— Até aqui tratei somente dos seus negócios; agora devo ocupar-me dos interesses de minha boa sobrinha.

Manuel não soube o que devia dizer.

João Maneta continuou:

— Em todos os negócios deve haver seguranças... que diz?

— Não entendo, respondeu Manuel.

— O senhor Manuel é um homem muito de bem e de palavra...

— Isso diziam todos à minha mãe lá no Faial: o que eu digo, digo.

— Mas ninguém sabe quando o diabo entra no corpo de um homem e lhe vira a cabeça; ora, pode acontecer que mais dia menos dia e na pior ocasião possível o diabo entre no corpo do senhor Manuel e lhe vire a cabeça.

— Não entendo, repetiu Manuel meio desconfiado.

— A coisa é simples: o senhor Manuel promete casar com Fabrícia, se arranjarmos a herança do padre?

— Com o demo! Eu já disse.

— E se, quando estiver segura a herança, virar a cabeça?

— Não viro.

— Sendo assim, que mal fazem certas seguranças?

— Eu asseguro tudo quanto quiser...

— As palavras voam... alguns papêzinhos assinados não fazem mal nenhum.

— E que papéis?

— Umhas inocentes clarezas de dívidas de algumas dezenas de mil cruzados... por exemplo... tôdas elas importando em uns sessenta mil cruzados...

— Santo breve!

— É muito menos da metade da fortuna do Sr. padre Martim...

— Mas eu...

— Se não herdar a fortuna de seu tio, não terei donde lhe tirar um vintém, e as clarezas valerão tanto como coisa nenhuma; se herdar: ou casa com Fabrícia e tudo fica no mesmo cofre, ou não casa, e paga com o dinheiro a falta de palavra.

Manuel reconheceu que não era mais velhaco do que João Maneta.

— Olhe, continuou êste: faremos todo êste negócio muito em segredo; está visto que, para maior segurança, os nossos papéis hão de ser assinados por testemunhas; mas eu posso responder pela discrição das pessoas que chamarei para darem, com as suas assinaturas, testemunho

de que me viram entregar-lhe o dinheiro de que rezarem as clarezas.

— Mas o senhor João quer me dar dinheiro? perguntou Manuel tolamente.

— Eu? Decerto que não.

— Então...

— É um arranjo inocente... eu lhe mostrarei, como isso se faz.

Manuel pôs-se a coçar a cabeça.

João Maneta acabava de pô-lo na maior dificuldade.

De repente o mancebo ambicioso olhou para o velho usurário com um movimento de decisão, e disse:

— Com os diabos! Está tratado.

João Maneta apertou a mão de Manuel.

Fabília abraçou seu tio.

E Manuel retirou-se pouco depois pensando nos meios de enganar João Maneta.

E João Maneta ficou tão desconfiado de Manuel, como estava dantes.

CAPÍTULO XVI

Manuel em campo

Manuel começou logo no dia seguinte a trabalhar no desempenho da tarefa de que o encarregara João Maneta.

Ao levantar-se da mesa do jantar, achando-se a sós com o padre Martim, disse-lhe bruscamente:

— Ó tio padre, parece-me que o senhor Milo está se adiantando muito com a senhora Luisinha!

— Bruto! exclamou o padre com os olhos em fogo.

— Mas que monta... ia dizendo Manuel.

O padre o interrompeu, e com os dentes cerrados disse-lhe:

— Se ousares pronunciar uma só palavra ofensiva a Luisinha, lançar-te-ei fora de minha casa.

E voltou-lhe as costas.

Manuel abaixou a cabeça e foi trabalhar.

Em sua grande rudeza êle tinha encetado mal a intriga contra o pobre Milo; mas ainda assim deixara no espírito do padre o germe de uma suspeita que devia produzir seus frutos.

A pesar seu, o padre não se pôde dominar: tinha em Luisinha aquela cega confiança que nasce do amor paternal mais extremoso; mas ainda assim principiou a observar os dois jovens amantes.

Luisinha e Milo amavam-se com todo ardor e com tôda pureza da inocência; sua paixão transpirava de seus olhos que trocavam flamas, brilhava no rubor do pejo que se acendia nas faces de Luisinha, falava nos suspiros que rompiam dos seios de ambos; mas afora êsses sinais traiçoeiros dos segredos do coração, o seu amor não

tinha ainda passado além de algumas palavras ternas e de eloqüentes trocas de flores.

Mas a flama dos olhos, o rubor do pejo e os suspiros mal contidos de Luisinha e Milo não escaparam mais ao padre Martim que se sobressaltou com o que observava.

O padre tornou-se triste e meditabundo. Que lhe cumpria fazer? Despedir Milo da sua casa? Mas que causa daria para fazê-lo? Como vencer a opposição de Luisinha sem envergonhá-la?...

O padre Martim, tão severo e agreste para com todos, tão grosseiro mesmo em seu falar e em seus modos, tinha para Luisinha tôdas as delicadezas próprias de um santo amor.

O pobre velho atormentava-se com a idéia das lágrimas que faria derramar a Luisinha, e não sabia resolver-se a tomar providência alguma.

As vêzes maldizia da condescendência que o fizera introduzir no seio de sua família o menino, que se tornara tão caro a Luisinha; às vêzes arrependia-se de ter mandado vir do Paizal o abelhudo sobrinho.

Assim correram alguns dias.

Manuel conheceu bem depressa que as suas venenosas palavras não tinham sido perdidas; mas não tendo bastante paciência para esperar da ação do tempo o resultado das suspeitas que lançara no ânimo do tio, determinou adiantar a sua obra.

Tinha êle reparado que Luisinha e Milo nas manhãs dos domingos costumavam antes de partir para a freguesia, onde ouviam missa, encontrar-se no pequeno jardim para colher flores.

Dantes era somente Milo que se incumbia dêsse suave trabalho, e Luisinha esperava à porta da casa que êle lhe viesse trazer as suas flores; desde porém que se fizera aquela troca, ou aquêle duplo presente da *saudade* e do *não-me-deixes*, os dois jovens namorados modificaram o antigo costume, e de acôrdo encontravam-se no jardim.

O que lá se passava entre Luisinha e Milo podia passar-se aos olhos de todos sem vexame para êles: amavam-se no meio das flores como à vista do padre Martim, olhando-se, corando e suspirando, e se em alguma breve frase escapava a sutil expressão do mais nobre e puro sentimento, aquêles que pronunciava, recebia o seu castigo vendo fugir confundida aquela que a escutava.

Entretanto Manuel não compreendendo que se pudesse amar assim, acreditava que Luisinha e Milo deviam aproveitar os seus encontros no jardim para trocar protestações de um amor grosseiro, e talvez abraços e afagos, como êle certamente o faria.

Pensando assim, Manuel na manhã de um domingo quando os dois jovens foram encontrar-se no jardim, instou com o tio para acompanhá-lo, pretextando ter de mostrar-lhe alguma coisa curiosa no pomar.

Seguido do padre encaminhou-se Manuel por entre as árvores na direção do jardim, contando apanhar despercebidos os dois jovens, e já próximo estava do lugar a que se dirigia, quando o vigilante Relâmpago, que nunca se apartava de Luisinha, pressentindo a aproximação do inimigo, soltou um latido e avançou contra êle.

Milo e Luisinha correram a ver o que provocara a fúria de Relâmpago, acharam-se diante do padre Martim e de Manuel, e logo depois voltaram todos juntos para casa.

Aproveitando um momento oportuno, Manuel murmurou aos ouvidos do padre:

— Diabo leve o Relâmpago que não me deixou mostrar ao tio padre o que eu queria; mas que monta? O que não fiz hoje, farei outro dia.

O padre Martim franziu as sobrancelhas e disse baixinho:

— Miserável! Se outra vez espiares Luisinha, serás um homem perdido!



— Mas... tio padre...

— És um infame... queres perdê-la no meu conceito... e eu sei por que... tens fome do meu dinheiro... calculas com uma herança... és vil.

Manuel esforçou-se por chorar, e não o conseguindo, retirou-se, jurando que Luisinha era um anjo, e que o demônio era somente Milo.

O padre Martim ficou durante toda a manhã profundamente triste. À mesa do jantar preparou êle próprio um prato farto, e chamando Relâmpago para junto de sua cadeira, deu-lhe pela primeira vez a sua ração.

Luisinha e Milo olharam para o padre Martim admirados.

— Luisinha, disse o padre com a maior gravidade: Relâmpago é um amigo seguro, e como tal deve ser tratado; Relâmpago é bom, é melhor do que muitos homens; talvez que nos preste ainda grandes serviços; cuida de Relâmpago, Luisinha; é um cão que não dorme, e que há de ser sempre fatal aos nossos inimigos.

Depois voltando-se para Manuel disse-lhe:

— Eu sei que não gostas de Relâmpago; êle te mordeu uma vez, porque tu lhe mataste a mãe; Relâmpago teve razão de morder-te, e tem razão de odiar-te: Manuel, pede ao céu que Relâmpago não te agarre outra vez!

Manuel não menos admirado do que Luisinha e Milo, olhou para o tio sem saber o que lhe diria em resposta.

O padre Martim levantou da mesa pensativo e triste.

A cena que se passara perto do jardim na manhã dêsse dia, lhe causara profunda impressão; o padre chegara a conceber sérias suspeitas do perigo que ameaçava Luisinha, se continuassem as suas íntimas relações com o seu camarada da infância. Do fundo do coração agradecia à vigilância de Relâmpago o tê-lo poupado ao grande desgosto de ver Luisinha confundida diante de Manuel; mas compreendeu também que a presença de Milo em sua casa se tornara absolutamente intolerável.

Chegada a noite, o padre Martim recolheu-se mais cedo do que costumava; quando porém horas depois sentiu que todos dormiam, levantou-se do leito e pé por pé, como receoso do mais leve ruído, dirigiu-se ao quarto de Milo.

O mancebo dormia profundamente; o padre despertou-o com cuidado.

— Quem é? perguntou Milo sentando-se na cama.

— Sou eu, Milo; tenho necessidade de falar-te em segredo; vem ao terreiro; não faças bulha.

O padre saiu e pouco depois Milo foi encontrar-se com êle.

CAPÍTULO XVII

Relâmpago — Sentinela

A resolução tomada pelo padre Martim era o resultado de um cálculo maduramente refletido.

O amor de Luisinha e Milo ameaçava o avarento com o infortúnio mais lamentável e cruel para êle.

Esse amor deveria ter por consequência natural o casamento dos jovens amantes, e Milo tinha o pior de todôs os defeitos na opinião do padre Martim: era pobre. Como impedir semelhante desgraça?

O padre, conhecendo que não triunfaria da vontade forte de Luisinha, a quem habituara a ver-se em tudo e sempre obedecida, e não se achando com ânimo e fôrça para sustentar contra ela uma luta porfiada, apelou para a astúcia e para a violência empregada por outrem.

Com a astúcia devia explorar a generosidade do pobre Milo, e conseguir dêle que saísse da sua casa.

O caráter de Milo prestava-se perfeitamente ao plano do padre Martim; o pobre mancebo não hesitaria em retirar-se da casa do seu protetor, e em tomar com nobreza tôda responsabilidade dêsse ato.

Luisinha não teria motivo bem fundado para queixar-se de seu padrinho, que, pela sua parte, se preparava para queixar-se da ingratidão daquelle que de súbito os deixava.

Mas a retirada de Milo não era tudo; ausente, porém habitando nas vizinhanças ou na mesma paróquia, e ainda mesmo ausente, mas podendo voltar em um prazo dado ou imaginado como provável pela jovem amante, continuava Milo a ser um mancebo perigoso para o futuro de Luisinha.

Preciso se tornava que a distância e a causa que separassem os dois namorados, fôsem uma tão grande e a outra tão forte e desanimadora, que tirassem a Luisinha tôda esperança.

A astúcia inventara o meio de separar Milo de Luisinha; a maldade lembrou-se do mais seguro meio para dar enormes proporções à distância da separação e para tornar muito duvidosa a esperança da volta.

A astúcia devia explorar a própria virtude da vítima.

A maldade calculara com a violência da autoridade e com um flagelo social.

Rebentara a guerra no sul do Brasil entre os portugueses e espanhóis; o governador-geral organizava tropas, e os capitães-mores e agentes do govêrno enchiam-se de glória quando podiam mandar um bom soldado para a cidade do Rio de Janeiro.

O padre Martim compreendeu que lhe era muito fácil fazer recrutar o pobre Milo pondo-se a coberto de qualquer comprometimento.

Milo não tinha por si pessoa alguma no mundo: era só, absolutamente só, no meio dos homens.

Que melhor soldado que êsse mancebo, por quem não haveria nem mãe, nem um irmão, nem um parente, nem um amigo que derramasse uma lágrima, ou fôsse pretextar uma isenção a favor do recrutado?

O cálculo do padre Martim era bem simples; parecia-se com tantos outros então e agora, mesmo combinados.

Mas o avarento nem calculou nem podia ter calculado com o símbolo da fidelidade e com um representante da caridade evangélica.

Um cão devia começar a destruir a pérfida teia urdida pelo padre Martim.

O vigário da freguesia tinha de tomar a si, a anulação da parte principal do plano traiçoeiro.

O cão não se põe aqui a par do padre: é a fidelidade instintiva do animal que se coloca ao pé da caridade

do sacerdote de Deus; não há desrespeito na lembrança de dois sentimentos grandiosos.

Por que é fiel e agradecido o cão? Não sabemos; sabemos porém que o é, e tanto, que não há homem que mais o seja ao seu amigo e benfeitor.

O cão parece às vêzes farejar o inimigo que se esconde sob a capa da hipocrisia; o cão parece adivinhar com o instinto.

Como se explica isso? Ninguém o sabe; mas o homem o reconhece e admira a fidelidade e a gratidão do animal amigo.

Quando o padre Martim, abrindo muito de manso a porta da casa, saiu para o terreiro, Relâmpago, que perto dormia, despertou, deu um salto e soltou um latido ameaçador.

O padre afagou o cão; êste porém dobrando-se à autoridade do senhor que reconhecia, em vez de festejá-lo, rosnou, como desconfiado.

Logo depois chegou Milo, e Relâmpago aos saltos foi lambe-lhe as mãos de modo a impacientar o cauteloso padre, que disse:

— Aquieta êsse cão, Milo.

— Abaixo, Relâmpago! falou o mancebo em voz baixa, batendo na cabeça do cão que obediente se deitou a seus pés.

— Maldito cachorro! murmurou o padre.

— É um bom amigo, tornou o mancebo; podíamos agora matá-lo sem que êle soltasse um gemido.

E Milo amimava o cão, que Luisinha amava tanto como êle.

— Milo, disse o padre Martim, acordei-te a estas horas, e chamei-te a êste lugar, porque preciso falar-te em segredo, e abrir-te o meu coração, que sofre muito.

— É possível, senhor padre?

— Sim, e tu és a causa, inocente sem dúvida; mas por fim de contas és sempre a causa dos tormentos que desde muito vão me arrastando para a sepultura.

— Eu?!!

— Escuta, Milo: se eu não confiasse em ti, se eu não soubesse e reconhecesse que és um excelente rapaz, não te chamaria por certo para ouvir as minhas queixas e para pedir-te consolação e conselhos. Milo, eu sei que és meu amigo, que és um nobre mancebo, em cujo seio nunca deixou de palpitar a mais santa gratidão. Pois bem: é para esta virtude que eu apelo; escuta o que te vou dizer.

— Fale, senhor padre.

— Tu provavelmente já adivinhaste de que assunto vou tratar...

— Como posso eu saber? Como adivinhar? perguntou o mancebo.

O padre sem hesitar, e para ir depressa ao seu fim, disse abaixando ainda mais a voz:

— Milo, eu não ignoro que tu amas Luisinha...

O pobre Milo, como ferido por um raio, soltou um gemido, e cairia por terra, se o padre Martim não o sustivesse nos seus braços.

Relâmpago levantou-se e pôs as patas aos ombros de Milo, deixando ouvir gemidos.

— Aquieta êsse cão, disse o padre com impaciência.

Milo ameigou o cão que, correspondendo aos afagos que recebia, ainda mais incomodou o padre.

Finalmente Relâmpago foi dominado pelo poder do amigo, tranqüilizou-se, mas ficou sempre deitado aos pés de Milo.

Dir-se-ia vigilante sentinela que previa iminente perigo.

Mas o ruído que tinham feito Relâmpago festejando Milo, e Milo aquietando Relâmpago, não deixara o padre Martim perceber que uma janela que olhava para o terreiro, se entreabrira um pouco, e cautelosamente.

Relâmpago acabava de destruir as primeiras teias do plano do padre Martim.

CAPITULO XVIII

Uma janela entreaberta

O ouvido sutil da mocidade e do amor colara-se à janela de manso entreaberta sem que nem o padre Martim, nem Milo disso se apercebessem. Apenas Relâmpago espanejava de leve o chão com a cauda como em festejo de pessoa amiga.

Relâmpago tinha presentido Luisinha; mas instintivamente dominava-se para não atraioá-la.

— Milo, repetiu o padre; eu sei que tu amas Luisinha; não podes negá-lo; não és capaz de mentir.

— Senhor reverendo, balbuciou o mancebo a tremer; eu nunca disse que amava a senhora Luisinha a pessoa alguma, e nem mesmo a ela.

— Mas é verdade que a amas...

— Ah! senhor padre! Eu não sei mentir; o meu amor porém nasceu sem que eu o pensasse, e ficou-me no coração, mas tão triste que me parece o corpo de um anjinho sepultado em cova de cemitério.

— E por quê?

— Porque eu conheço, senhor, que sou um desgraçado e que não posso merecer a senhora Luisinha.

— E todavia tu comprometes a sua reputação.

— Eu?!

— Escuta, Milo: tu és bom e eu te estimo; deves-me tudo, o pão e a educação; os cuidados do corpo e da alma; deves-me a hospitalidade de muitos anos prestada à tua avó; deves-me enfim a sepultura de tua avó, e quase o teu berço.

— Eu o sei, murmurou Milo.

— Amas Luisinha, e era natural que a amasses; porque Luisinha é formosa, e além disso, não será tão rica de fortuna como dizem, mas será em todo caso um partido vantajoso...

Milo corou e disse levantando a cabeça:

— Antes fôsse pobre como eu, com perdão de vossa reverendíssima.

O padre sentiu que ferira a delicadeza do jovem rude, mas generoso e nobre.

— Ah! tornou; estou pronto a jurar que nunca penseste nisso, eu te conheço bem, e por te conhecer quis abrir-me contigo. Milo, tu amas e és amado; as más línguas já murmuram de ti e de Luisinha, e por pouco que continue o viver, e a convivência em que andamos, eu ou te casarei com Luisinha, ou esta acabará desacreditada.

— Entendo, senhor padre...

— Ouve-me até o fim, rapaz: nada me era mais fácil do que efetuar o teu casamento com a menina, ou despedir-te da minha casa; hesito porém, e te digo tudo francamente: consulto a tua razão e farei o que decidires, Milo; porque confio em ti; se te despido de casa, Luisinha se declarará em guerra contra mim, me afogará a velhice no dilúvio de suas lágrimas, maldirá de mim, deixará de amar-me, fará a desgraça do resto dos meus dias; se te caso com ela, destruo tôdas as minhas esperanças do seu belo futuro; Luisinha não tem nome de família, nem posição, e tu nem tens nome para lhe dar, nem posição para elevá-la: viverias com ela na obscuridade e apenas gozando os frutos do seu dote, que não poderá ser grande coisa, e entretanto é certo que Luisinha não deixará de achar um noivo de família nobre, de gente limpa, e talvez rico e bem considerado.

— É assim, senhor reverendo.

— Pensas que é assim, Milo?

— Sem dúvida.

— Que devo pois fazer?

-- Nada; é a mim que compete cortar as dificuldades.
-- Como?
-- Senhor padre, vossa reverendíssima não me despedirá de sua casa, nem rezeará mais a possibilidade da glória com que nunca sonhei refletidamente.
-- Milo, tu me pareces ressentido... não me entendeste... julgas mal de mim...
-- Senhor reverendo, por minha avó e por mim devo-lhe gratidão sem limites, dedicação até a minha morte...
-- Pobre Milo!
-- Dê-me a sua bênção e vá dormir sossegado senhor padre.

-- Milo!

-- Dê-me a sua bênção! disse Milo ajoelhando-se.

O padre Martim abençoou-o.

Milo beijou a mão do padre e tornou-lhe:

-- Reze pelas almas de minha avó, de minha mãe e de meu pai algumas vêzes, senhor padre; eu lhe agradeço e nunca em minha vida esquecerei os seus benefícios; adeus!

-- Milo! disse o padre Martim, fingindo voz comovida; tu queres fazer-me chorar? Adeus; amanhã conversaremos mais friamente sôbre êste assunto; adeus, Milo! vamos dormir.

E o avarento, seguro das conseqüências do golpe que desfechara, entrou para casa, sendo imediatamente seguido pelo pobre Milo.

A astúcia do mau acabava de explorar a generosidade do bom.

Logo que o padre Martim e Milo desapareceram, Relâmpago atirou-se para a janela entreaberta, e firmando-se nos pés, foi com as mãos arrimar-se à parede, que parecia querer vencer, e com a cabeça alçada e com os olhos úmidos e brilhantes festejou Luisinha banhada em pranto.

CAPÍTULO XIX

Nossa Senhora do Amparo

Luisinha compreendera tóda a imensidade da hipocrisia e da dissimulação e astúcia do padre Martim, e da nobreza e generosidade do pobre Milo. O seu seio tornou-se ardentíssimo vulcão de amor; ela teve ímpetos de escancarar a janela e de bradar ao padre:

— Milo será meu marido!

Dominadora, imponente, habituada a querer e a vencer, um sentimento todavia aquebrantou-lhe então a fôrça, enfraqueceu-lhe a vontade imperiosa, e abriu-lhe as fontes das lágrimas nos formosos olhos: êsse sentimento foi o pudor virginal, o santo recato de donzela, que prefere a dor, o sacrifício à ostentosa manifestação dêsse voto da natureza que *beautifica e enleva* o coração, mas sobressalta a pudicícia.

E Luisinha deixou-se à janela, chorando, soluçando com profunda e pungentíssima aflicção sem reparar ao menos no fiel Relâmpago que se debruçara tristemente abaixo da janela já aberta de todo.

Passou assim meia hora, e a porta da casa de novo se abriu, e Milo apareceu, trazendo na mão esquerda o pequeno embrulho que envolvia a sua roupa.

Ele chorava amargamente, Relâmpago levantou-se e uivou com tristeza e dor.

— Milol disse Luisinha.

O mancebo estremeceu e parou.

— Vem cá, Milol tornou ela em pranto.

O mancebo aproximou-se da janela.

— Por que te vais?

— Porque devo fugir de ti...

— E tens razão... mas voltarás...
— Eu?...
— Ah! sim! Milo! porque... escuta bem... eu te amo!...
— Luisinha!...
— Não to diria... talvez nunca; hoje to digo, Milo!...
eu te amo!...

— E eu, Luisinha?! exclamou o pobre mancebo soluçando.

— Vai-te... deves ir-te... tu foste despedido, mas voltarás; porque eu te amo!... Esta noite fiquei sendo tua noiva; se tu quiseres, eu quero, serei tua espôsa à face do altar de Deus.

E Luisinha repetiu — *eu quero* — com aquêlo acento de vontade soberana, que até então não encontrara resistência.

— Adeus! disse Milo.

— Espera ainda: és meu noivo, beija-me a fronte.

E Milo, perdido de amor, entusiasmado, feliz no infortúnio, imprimiu seus lábios ardentes na fronte pura da donzela.

Depois caiu de joelhos, adorando Luisinha e recebendo em seu rosto, como orvalho celeste, as lágrimas que corriam pelas faces da linda moça.

— Oh! Luisinha! oh! minha irmã e meu anjo! exclamou êle.

— Milo! tornou ela; o nosso amor é puro, e Nossa Senhora, a Mãe Sagrada de Jesus, o abençoará; toma, eu te dou um talismã, eu te dou celeste esperança...

E tirou do pescoço um cordão de ouro do qual pendia uma pequena imagem de Nossa Senhora do Amparo.

— Foi de tua avó, de nossa avó, e passou a ser minha; doravante será nossa, e por nosso amor... Nossa Senhora do Amparo, que há de amparar o nosso amor.

E com as suas pequenas e formosas mãos Luisinha passou o cordão ao pescoço do pobre Milo.

— Por Nossa Senhora do Amparo, disse êle, em tôda minha vida eu só amarei a ti, Luisinha!

— Por Nossa Senhora do Amparo, disse Luisinha, eu só a ti amarei, Milo!

E ambos, Luisinha primeiro, Milo depois, beijaram a imagem de Nossa Senhora do Amparo.

— Adeus!

— Adeus!

E Milo fugiu correndo.

Ao chegar à cancela do sítio, viu ao pé de si um amigo, era Relâmpago que o seguira.

Milo curvou-se, abraçou-se com o cão, que lhe lambeu as mãos, abraçou-o, beijou-o, chorando, abraçou, beijou Relâmpago, o cão, o amigo fiel que instintivamente triste dêle se despedia.

— Adeus, Relâmpago! exclamou desfeito em lágrimas o pobre Milo.

E Milo não pensava que era a última vez que via Relâmpago.

CAPÍTULO XX

A conspiração dos maus

Luisinha não dormiu: passou o resto da noite a reflectir, quanto a aflicção e o pranto lho permitiram.

Sem que o suspeitasse, o padre Martim tinha feito com que a inocente donzela ouvisse a franca e leal confissão do amor do pobre Milo, que nunca ousara tanto dizer-lhe.

Da cruel entrevista a que de parte e não pressentida assistira, ficara-lhe uma convicção triste e uma resolução inabalável.

A convicção fora-lhe inspirada por seu virginal recato: comprehendera que as suas íntimas e embora inocentes relações com o pobre Milo não podiam continuar sem perigo para a sua reputação.

A resolução fôra determinada pelo amor e pela firmeza da vontade habituada a vencer contrariedades; jurara a si própria que ou jamais se casaria, ou só de Milo seria espôsa.

E também, instintivamente adivinhara que de Manuel Pereira havia partido o golpe que viera separá-la de Milo.

Na manhã seguinte Luisinha appareceu ao padre Martim com os olhos inflamados e o rosto contraído pela dor; mas com essa expressão de tranquillidade triste e grave que assinala a determinação segura de um ânimo forte.

O padre estremeceu, prevendo tempestade; simulou, porém, não reparar no semblante confrangido da menina, e disse:

— Já sabes que o estonteado Milo deixou-nos a casa sem explicações nem despedidas, e nem ao menos uma palavra de gratidão?...

Luisinha revoltou-se, ouvindo o bárbaro aleive; mas dominada pelo respeito que devia ao padre, a quem aliás muito amava, respondeu simplesmente com voz trêmula:

— Já sei, e sei tudo, senhor.

— É um doido...

— Meu padrinho!

— Um ingrato...

A menina gemeu, sentindo-se ferida no objeto do seu amor, e com generoso impulso disse:

— Meu padrinho, Relâmpago, o bom e fiel amigo, despertou-me esta noite...

— E então...

— Eu assisti à sua conversação com o pobre Milo; entreabri uma janela e ouvi tudo.

O padre Martin deixou-se cair sentado em um banco, e escondeu o rosto com as mãos.

Luisinha ajoelhou-se diante do padre, e falou comovida:

— Meu padrinho, mais que benefícios, mais que a educação, o seu amor, e o meu coração desde muito me disseram que doce nome esconde este nome de padrinho que lhe dou; sei bem quanto lhe devo de obediência, de santo respeito, de dedicação...

O padre soluçava.

Luisinha prosseguiu:

— Eu amo o pobre Milo, senhor; digo, juro que o amo; mas estou pronta para obedecer a meu padrinho, abafando, sacrificando este amor, que vossemecê não abençoa...

— Luisinha!

— É tudo quanto posso fazer; peço porém, a meu padrinho que me perdoe uma resolução que tomei e que é irrevogável: Senhor! eu juro que não me casarei, se não me casar com o homem que amo.



— Louquinha!

— Loucura ou bom senso, meu padrinho, é decisão inabalável; estou de joelhos, e juro por Deus que assim há de ser.

O padre não respondeu.

— Agora um pedido, meu padrinho...

— Que é?...

— A aversão não é ódio, e, se é pecado, Deus mo perdoe; eu tenho aversão a seu sobrinho, não o desejo ver, e peço licença para almoçar e jantar no meu quarto a fim de não me sentar com ele à mesma mesa.

— E eu?... exclamou com desespero o padre Martim.

— Haverá sempre para vossemecê um talher à minha mesa, meu padrinho.

— Por causa de um miserável sem família, sem nome, e sem fortuna! bradou enraivecido o padre, levantando-se do banco.

— A sua bênção! Não ma neguel disse Luisinha, estendendo os braços.

O padre Martim voltou-se prontamente, e vencendo a cólera, abençoou de um modo solene a menina, que se ergueu e deixou a sala vagarosa e triste, como a vítima que se sujeita ao martírio, mas conserva intata e pura a sua fé.

Contrariado, aflito, ora aceso em ira, ora sofrendo em dôbro os sofrimentos de Luisinha, furioso contra Milo, contra Manuel Pereira, contra Relâmpago, o padre Martim tomou o chapéu e a bengala e saiu apressado.

No terreiro encontrou Relâmpago, e em transporte de vingativa cólera levantou a bengala para feri-lo e dar-lhe a morte... mas de súbito a mão cruel tremeu-lhe, e a bengala caiu a seus pés.

O pai respeitara no cão a amizade da filha.

O padre Martim dirigiu-se precipitadamente à casa de João Maneta.

O sócio do avarento tornado usurário já estava prevenido de quanto ocorrera relativamente ao pobre Milo.

Manuel Pereira tinha madrugado, e não contando com o tio padre, ocupava-se em planos de futuro com João Maneta e Fabrícia.

— Com os diabos! dissera Manuel; custou-me os olhos da cara, mas pus o Milo fora da granja, e lá não torna, inda que vente ou chova; mas que monta, se ficar grimpendo por aí além?

— Irá para o sul que precisa de soldados, observou João Maneta; não é melhor do que eu, que combati contra os franceses; vá semear chumbo em campo de espanhóis.

— Isso é bom de se dizer; mas enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.

— Não lhe corra o risco a dedo; em três dias, quando muito, estará com a farda às costas.

— E o testamento do tio padre? Aí é que se arreganha o dente, e a senhora Fabrícia não quererá noivo depenado.

— Não que eu seja interesseira, disse Fabrícia caricaturando um momo; é melhor, porém, um marido que traga para o monte, do que um gastador do pouco que a gente ajuntou.

— Isso lá não é da minha conta, senhora Fabrícia; eu sou sobrinho do tio padre, e o negócio do testamento é arranjo que o senhor João tomou por seu trabalho; o que eu digo é que padre não tem filha, e sobrinho herda do tio; antes morra o tio sem testamento; porque nos entrementes da morte e das heranças o sobrinho presente bem sabe as contas que fará por amor da senhora Fabrícia, embora fiquem a ver navios os sobrinhos velhacos que lá ficaram na ilha.

— E o mais é que tem razão! observou João Maneta.

— Tem razão em quê?... perguntou Fabrícia.

— Que te importa?... em nada.

E João Maneta abismou-se em cálculos sinistros.

— Senhor João! gritou uma voz à porta da casa.

- É o padre Martim, disse João Maneta.
- Misericórdia! balbuciou tremendo Manuel Pereira.
- Fabrícia, tornou o Maneta; faze o senhor Manuel Pereira sair pelos fundos da casa.

E quando Fabrícia ia saindo com Manuel Pereira, João Maneta disse a êste:

- Venha falar-me hoje à meia-noite sem falta.

E enquanto Manuel Pereira se escapava furtivamente pelos fundos da casa, o padre Martim entrava pela porta da frente, e era amigavelmente recebido por João Maneta.

CAPÍTULO XXI

Conspiração do mal

O padre Martim estava inquieto e preocupado como homem que se atira a empresa trabalhosa e arriscada.

Aceitou o tamborete que João Maneta lhe ofereceu, sentou-se e balbuciou falando consigo mesmo:

— É preciso ir ao extremo... já que principiei, cumpre acabar.

— Vossa reverendíssima fala comigo?

— Vim falar-lhe.

João Maneta sentou-se defronte do padre.

— Senhor João, disse êste; sei que não lhe faltam boas amizades e eu preciso de um serviço da sua.

— Vossa reverendíssima sabe que pobre diabo como sou, acho-me sempre ao seu dispor.

— Despedi da minha casa o Camilo; porque me pareceu que a sua companhia poderia ser motivo de murmurações, e comprometedora da reputação de minha afilhada.

— Ah!

— Julga que fiz mal?

— Ao contrário, penso que o devia ter feito há mais tempo.

— Todavia... ainda não estou sossegado...

— Nem pode estar.

— Por quê?

— Enquanto a onça anda perto, não há aprisco seguro.

— É o que também me diz a razão.

— A senhora Luisinha é uma menina inocente, e o Milo faria proezas do Malasartes para lhe voltar a cabeça.

— Enfim... o caso em que me acho, é este, e não tendo outro recurso, lembrou-me...

— O que a todos lembraria.

— O quê?

— Fazer Milo soldado, e mandá-lo para a guerra, não é?

— É, sim.

— Não vejo coisa mais fácil: bastam duas palavras ao capitão-mor do distrito.

— Eu preferia que ele fôsse como voluntário...

— Que idéias!...

— Não haveria suspeita de intervenção minha...

— Ah! entendo; mas o Milo cairá na esparrela?...

— Venho pedir-lhe que o encaminhe a isso; o rapaz é simples e atacado pelo fraco da generosidade...

— Descanse, vossa reverendíssima; por bem ou por mal eu porei a farda às costas do Milo antes do fim da semana.

O padre Martim respirou.

João Maneta refletiu durante alguns momentos e depois disse:

— Olhe que receber em casa um filho alheio é benefício que às vezes dá na cabeça do benfeitor!

— Diz bem! tornou-lhe o padre.

— Se o digo bem!... Vossa reverendíssima me desculpe a ousadia, mas nestes últimos dias tem envelhecido dez anos!

— Tenho sofrido muito, senhor João; sinto que isto não pode durar muito tempo... mais um empurrão e caio na cova...

— Ora! também não é assim; vossa reverendíssima ainda atira com trinta anos ao mundo...

— Prouvera a Deus que eu ainda vivesse quinze anos! Precisava viver... precisava; começo porém a pressentir a morte próxima...

— Efeitos de melancolia... entretanto o homem nasceu para morrer, e as previsões da morte próxima têm ao menos uma consolação.

— Qual é?

— O homem se prepara com vagar e cuidado para fazer a viagem do outro mundo, deixando neste arranjos os negócios.

O padre Martim suspirou tristemente.

— É um arranjo de viagem muito sombrio e desagradável; mas...

— É necessário cuidar nêle; tem mil vêzes razão.

— Vossa reverendíssima me entendeu mal; eu falava por conversar, e não dava conselho algum.

— E que o desse, o conselho era sábio.

— Eu não seria tão pateta, que me metesse a conselheiro de vossa reverendíssima, principalmente em tal assunto.

— Por quê?

— Quer que eu fale claro?

— Fale.

— Porque em primeiro lugar vossa reverendíssima é o homem mais acautelado, que tenho conhecido, e possuindo a fortuna de que estou no caso de fazer idéia, é impossível que não tenha prevenido um futuro que ainda está longe, mas que é certo.

— E em segundo lugar?

— Leve-me o diabo, se a senhora Luisinha não é mais do que a filha de vossa reverendíssima... e, além dela, o Manuel Pereira, que por sua ordem veio das ilhas, é seu sobrinho...

— Por minha ordem? Quem lho disse?... perguntou o padre Martim, encrespando as sobrancelhas.

João Maneta compreendeu que acabava de adiantar-se mais do que lhe convinha e respondeu:

— Ninguém mo disse; eu porém o adivinho ou suspeito.

— Bem; e depois?

— Pois não disse tudo? Não se tem afilhada, como a senhora Luisinha, nem se manda vir, ou se asila o sobrinho que deixou a ilha, sem testamento feito por causa das dúvidas.

O padre Martim fitou por algum tempo os olhos no rosto de João Maneta que nem de leve se perturbou.

— E se eu não tiver feito o meu testamento?... perguntou enfim o padre.

— Não é acreditável.

— Ao menos supondo, que ainda não o fiz?...

— Melhor para o Manuel Pereira, se vossa reverendíssima morresse hoje, e pior para a senhora Luisinha que ficaria na miséria; mas é impossível semelhante descuido...

O padre Martim desconfiado, suspeitoso, e não podendo ler na alma de João Maneta, cujo caráter conhecia, o fim, ou o motivo particular das observações, da dissimulada inquirição que ouvira, dissimulou também as suas dúvidas e conjeturas, e disse friamente:

— Obrigado, senhor João; bem inspirada foi esta visita que lhe fiz hoje: além de um favor, acabo de receber bom conselho; demore-se ou não a morte, é indispensável que ela não nos apanhe desprevenidos, e eu tenho sido doidamente desacautelado; ainda bem que entre nós as transações e os negócios não precisam de precauções: qualquer de nós que morra, não pode deixar prejuízo ao outro.

— Lá isso é verdade, observou sorrindo-se com os lábios, mas com raiva no coração João Maneta que não fôra enganado, porém não pudera enganar o padre nos ajustes e condições da sociedade da usura.

— Tomo ao pé da letra o seu sábio conselho, tornou o padre Martim; Deus Nosso Senhor me concederá ainda alguns dias para que eu disponha as coisas de modo, que nem Manuel Pereira se queixe do tio que o mandou vir do Faial, nem... O padre hesitou.

— Quê! exclamou João Maneta; pois vossa reverendíssima esqueceu-se até hoje de fazer testamento?

O padre levantou-se irritado pela exclamação que acabara em pergunta.

— Ou já fiz ou não fiz testamento; se o não fiz, fá-lo-ei; espero em Deus que não morrerei tão cedo, como talvez haja quem o deseje.

E tomando o chapéu saiu sem dar atenção às desculpas e explicações de João Maneta.

CAPÍTULO XXII

No armazém do Rodrigues

A riqueza teve e terá poder em todos os tempos na sociedade dos homens; o porquê é simples, e nem se faz preciso dizê-lo mais; há porém uma triste observação que assinala a influência ainda mesmo da riqueza não bem empregada, e não merecida.

Há homens ricos que não conhecem como é suave e ditoso fazer o bem, que encheram os seus cofres com as lágrimas e os infortúnios de muitos, e que ainda depois de tornados opulentos, nunca reservam para o pobre o óbolo da caridade, e vão sempre amontoando tesouros com o furor da usura mais exagerada, com ardilosos contratos, transações vergonhosas e sem consciência, e com processos que arruinam as fortunas de muitas vítimas de latrocínio dissimulado.

Estes homens, conhecidos e amaldiçoados por todos, nem por isso encontram francas manifestações de reprovação do público e ao contrário recebem e gozam tributos de consideração que não merecem. É o poder do ouro que se ostenta, e o mundo que se ajoelha para adorar-lhe a majestade.

João Maneta era aborrecido pela gente da paróquia de São João de Itaboraí; quando porém aparecia por acaso em qualquer lugar ou reunião, ninguém deixava de saudá-lo com atenção apesar do seu parecer, do seu trajar e dos seus modos desprezíveis e tão indignos de quem muito possuía.

Não admira pois que, chegando à freguesia na mesma manhã da sua conferência com o padre Martim, e dirigindo-se ao armazém do Rodrigues, que ficava na rua

da Ladeira à entrada da povoação, fôsse tão cortêsmente recebido pelas pessoas presentes, e pelo dono da casa que se apressou a oferecer-lhe um tamborete.

O armazém do Rodrigues era casa de negócio, a melhor da terra, e ponto de reunião: nêle se vendiam gêneros alimentícios, vinhos do reino, vinho de mel e aguardente da terra, fazendas para os mais ricos e os mais pobres vestidos; tinha ao lado uma ferraria, e no quintal um jôgo da bola.

O mestre Rodrigues era notabilidade na paróquia, menos por ser habilíssimo ferreiro e negociante muito acreditado, do que pelo seu gênio alegre, obsequiador, beneficente, e por entreter com a melhor gente da terra boas relações de amizade.

Não havia nas circunvizinhanças figurão que vindo à freguesia não parasse à porta do Rodrigues ou para dizer-lhe adeus, ou para hospedar-se em casa dêle.

João Maneta sentara-se, tomando parte em um grupo de seis ou oito ociosos conversadores, que aliás se calaram todos à entrada do famoso usurário.

— O senhor pela freguesia! disse Rodrigues; isto é novidade grande!

— Vim saber o que há de novo... porque me disseram...

— Que o pobre Milo foi despedido da casa do padre Martim?... pois é verdade! disse o mais velho da roda.

— Era a coisa certa, desde que chegou o Manuel à casa do tio padre: a fortuna é para a gente que vem do reino.

— Mas o Manuel é das ilhas.

— É o mesmo; vindo de fora é melhor que a gente da terra.

— E por que foi o Milo despedido?

— Ora, por causa da menina Luisinha que bem pudeira gostar dêle, deixando o Manuel sem noiva e sem dinheiro.

— Leva de má língua! observou Rodrigues; cada um governa a sua casa como lhe parece.

Nas pequenas povoações ameniza-se a vida monótona aproveitando-se com avidéz os assuntos ainda mesmo pouco importantes que acaso vão surgindo, e que entram em longa e teimosa ordem do dia.

Era por isso que o infortúnio do pobre Milo já ocupava as reflexões daquele grupo.

João Maneta que não saíra de casa com outra idéia que não fôsse o encontrar-se com o pobre rapaz, ia pedir notícias dêle, quando Milo entrou no armazém, e disse a Rodrigues:

— Como me deu a escolha, vim dizer-lhe que o jôgo da bola não me convém; prefiro aprender a ferreiro.

— Oral vê lá, rapaz: tomar conta do jôgo é mais divertido e fácil; a forja chamusca.

— Eu o sei; mas a ferraria dar-me-á um officio.

— Bem respondido! exclamou João Maneta: não quer ser vadio!... Mas é pena... um guapo mancebo? Eu era, como és, Milo, quando em 1710 e 1711 me bati com os franceses! Ah! se eu não tivesse ficado maneta, outro galo me cantaria, estaria hoje official do exército...

— Lembrei-me também de ser soldado, senhor João; mas o senhor mestre Rodrigues abriu-me as suas portas, e me tirou da cabeça êsse pensamento.

— E fêz bem, tornou João Maneta; o mister do soldado é cheio de perigos; comigo o caso era especial; onde me vêem, eu era pobre a não ter onde cair morto, e amava doidamente uma bela e rica moça; sonhei ganhar postos e glória para merecê-la; batalhei como um leão, e jurara continuar no serviço da guerra; veio porém uma bala, que escapou de matar-me, e deixou-me neste estado de maneta! — Milo, o mestre Rodrigues tem razão; o exército pode dar facilmente postos, fortuna e glória aos bravos, principalmente agora que temos guerra com os espanhóis no sul; mas pode também levar o bravo a ficar maneta, ou coxo, ou o que é pior, a morrer com uma bala na cabeça.

- E que mal me era o ser morto?...
- Que tolo! Não aprenderias a ferreiro.
- E se eu me distinguisse, me ilustrasse, e vencesse, senhor João?...
- Com certeza de tanta fortuna eu preferiria ser soldado a ser frade do Carmo; são porém raros os felizes...
- É um jôgo, observou Milo; perder-se uma vida infeliz, ou ganhar-se um futuro brilhante, não é?
- A falar a verdade, é.
- Senhor João, disse Rodrigues; não desencaminhe esta cabeça de vento...
- Pois se eu estou dizendo que escapei de ser morto e que fiquei maneta!
- Mestre Rodrigues, disse Milo, eu quero ser soldado.
- E não o serás, disse a voz de alguém que chegava nesse momento.

Todos os olhos se voltaram para a porta, e viram a nobre e veneranda figura do vigário da paróquia.

— Milo, tornou o velho pároco; tua avó pouco antes de expirar pediu-me que eu fôsse teu protetor: nunca te perdi de vista; és uma herança da caridade, um legado da moribunda. Criança, não podes dispor de ti: eu sou teu pai; obrigado pela sua boa vontade e beneficência, mestre Rodrigues; mas êste mancebo pertence-me; vem, meu filho, vem em nome de Deus, meu filho!

E o pároco lançou a todos a sua bênção, e retirou-se levando pela mão o pobre Milo.

Ficaram todos boquiabertos, dispondo-se para entrar no exame e discussão do novo episódio do romance de Milo.

João Maneta não quis perder mais tempo; despediu-se da companhia, e voltando para casa, repetiu trinta vezes, falando consigo mesmo:

— Pelo santarrão do vigário não esperava eu; o caso se complica; mas ou não serei João Maneta, ou porei o Milo de espingarda ao ombro e de farda às costas.

João Maneta não descansou: nesse mesmo dia e no seguinte pôs-se a cavalo e andou de Herodes para Pilatos.

E venceu.

Quatro dias depois, mas, providencialmente, antes dos cálculos de João Maneta e contra as condições de um plano malvado, Milo estava recrutado e recolhido à cadeia da vila de Santo Antônio de Sá, a despeito de todos os protestos e oposição do venerando pároco da freguesia de São João de Itaboraí que ressentido oficiou ao bispo do Rio de Janeiro, pedindo-lhe proteção para o filho da sua caridade, e providências que mantivessem a sua força moral e robustecessem a sua influência benéfica de pastor do seu rebanho paroquial.

Deus escreve direito por linhas tortas.

A sabedoria da Providência Divina tinha feito mais pelo pobre Milo, do que a dedicação caridosa do pároco de Itaboraí.

A cadeia e um cão tinham de salvar Milo do mais horrível perigo.

CAPÍTULO XXIII

A tentação

João Maneta não se ocupara somente em conseguir que o pobre Milo fôsse recrutado e recolhido à cadeia da vila de Santo Antônio de Sá a fim de ser oportunamente mandado para a cidade.

No mesmo dia em que estivera no armazém do mestre Rodrigues, procurando seduzir o infeliz mancebo para alistar-se no exército como voluntário, não se esqueceu de que havia emprazado Manuel Pereira para uma conferência à meia-noite, e pôsto que se sentisse fatigado dos sinistros passeios da manhã e da tarde, velou, esperando o sobrinho do padre Martim.

A casa de João Maneta estava completamente as escuras; êle porém deixara a porta entreaberta, e sentado junto a ela meditava sombriamente.

Manuel Pereira chegou enfim, e não precisou bater à porta que se fechou apenas João Maneta o fêz entrar.

A conferência devia passar-se nas trevas: convinha ao perverso usurário a escuridão que dá audácia para as mais arriscadas proposições.

Entretanto João Maneta tirou fogo com um rude fuzil e acendeu um cigarro.

Manuel Pereira encontrou um banco e sentou-se ao pé de João Maneta.

— Falemos baixo, disse êste; diga-me: que houve hoje lá pela casa do padre?

— Estive na roça com sol de rachar, e deram-me a sopa quase na estrebaria; parece que a cachopa amuou e não me quis à mesa.

— Que tratamento!

— Tirei língua e fiz desembuchar a negra da cozinha, e soube que o tio padre andara engolfinhado a gavetar a papelada e que a menina Luisinha chorara como duas bicas d'água.

— E que mais?

— Nanja que eu lhe esconda coisa de se dizer... leve-me o diabo a alma, se mais vi ou mais sei.

— Pois eu sei muito mais.

— Do caso do Milo?

— Isso é o menos, que o tenho já em bom pé; mas do seu.

— O tio padre abriu-se? Com perdão de meu tio, aquilo é caixa com vinte ferrolhos.

— Quer saber? Perdeu o seu tempo, vindo das ilhas.

— Que é lá?

— O padre adora sua afilhada...

— E daí além?

— A menina Luisinha aborrece o sobrinho do padre...

— Mas que monta!...

— Que monta?... ela governa o padre.

— E eu cá não sou sobrinho de meu tio?

— Ela é mais do que isso, é filha de seu pai.

— Filha torta, que padre não tem filhos.

— É bom de se dizer.

— Então o tio padre me desencaminhou do Faial para me deixar à matroca?

— Talvez lhe pague a passagem da volta, e lhe dê alguns patações por consolação...

João Maneta sorveu com fôrça o cigarro, cuja débil flama lhe deixou ver o semblante descomposto de Manuel, cuja ambição se alvoroçara.

— Ora esta! um demônio de mulher vadia, que não sabe temperar um caldo, nem cuidar do galinheiro.

— O padre só se ocupa da sua Luisinha, e hoje a revolução que fêz em casa, prova que lembrou-lhe um cuidado que esquecerara...

— E... e... o cuidado do tio padre...

— No meio de suas aflições deixou-me perceber que ainda não tinha, não tem testamento feito... e que se morresse sem fazê-lo, ficaria a sua Luisinha na pobreza... na miséria...

— E por que carga d'água veio-lhe a idéia do testamento?

— Para que os seus parentes não herdem a grande, a imensa riqueza, que destina tôda a Luisinha.

E à luz do cigarro João Maneta apreciou uma flama sinistra nos olhos de Manuel Pereira.

— Mil raios partam a quem faz testamento, sendo padre! Ainda bem que o tio não caiu nessa...

— Mas vai cair...

— Com os diabos!

— Qualquer dêstes dias...

— Oh, alma de chicharro! Quem sabe se foi hoje, que êle andou tão metido no papelório? Foi hoje! Estou como parreira nos dias de poda!

— Não foi hoje; o testamento precisa ser aprovado por um tabelião...

— Eu cá nunca entendi dessas coisas...

— O padre Martim irá à vila, quando quiser fazer ou legalizar o seu testamento, que então trará consigo... fará pois em tal caso uma pequena viagem a cavalo...

— Ah! percebo agora a embrulhada...

— É uma desgraça: o senhor fica sem dinheiro e como chegou da ilha; e a minha pobre Fabrícia sem noivo e sem futuro! No entanto era uma riqueza... uma riqueza imensa!

— Vai tudo então rio abaixo? Com mil diabos! para que me mandou o sovina vir do Faial?... Não há uma coisa sem a outra, Sr. João.

— E olhe que já lhe dão a sopa na estrebaria!

— Mas que monta? Não se pode engatinhar para dentro da casa?

— Ainda se o padre que já está velho morresse hoje ou amanhã de alguma febre podre...

— Sim... porque se o tio padre entesasse a canela hoje ou amanhã...

— Morria sem testamento.

— Isto põe a cabeça a andar à roda, como um moinho!

— E o que eu sinto, lembrando-me de Fabrícia...

— O tio padre...

— Já tem vivido tanto!... se morresse, o senhor Manuel Pereira e Fabrícia nadariam em mar de ouro...

— Mas que monta? Aquilo é perro como um burro; se não o matarem, o tio padre não morre...

— Abrenúncio! exclamou João Maneta: matar é coisa que não se diz; é verdade que o padre Martim, coitado, tem muitos inimigos, e se alguém o matasse antes do testamento, nós colheríamos os frutos... nós, digo eu, falando em nome de Fabrícia.

— Está entendido... eu não sou bruto...

— Ninguém o toma por bruto... o senhor é até muito inteligente; se herdasse a fortuna do padre, seria logo juiz almotacé e vereador da câmara...

— E o diabo de saia... a intrometida da filha torta... o tio padre é um padre maldito... Deus o condenou pelo pecado da filha que não podia ter...

— Que importa? Ainda assim fará testamento...

— Mas não acha que está fora da lei de Deus? Por ser meu tio, não lhe engasgue a verdade...

— Deixemos isso; a noite se adianta e eu preciso dormir.

— Nanja que eu durma esta, nem a noite que vem!

— Pois eu estou caindo de sono... basta de conversar inútilmente...

— Sim, e lá vou eu me entrovicar com as investidas do Relâmpago; lá em casa todos são meus inimigos desde o tio padre até o cão; mas para o cão levo eu duro cajado, que não lhe poupo, quando passo...

— Boa noite!

— Boa é conforme cada um que a dorme, ou que a atura sem dormir... e o diabo do testamento! senhor João, isto é sério?

— Sem tirar nem pôr mais vírgula, nem ponto...

— É tentação do demônio!

— Boa noite! Vou dormir.

— Voltarei amanhã, disse Manuel Pereira levantando-se.

— Não, respondeu João Maneta: nem amanhã, nem nestes cinco próximos dias poderei recebê-lo.

— Por quê?

— Porque não estarei em casa, e Fabrícia a ninguém recebe em minha ausência.

— Então boa noite, e pouho-me ao largo...

Manuel Pereira ia sair, quando João Maneta, pondo-lhe a mão no braço, perguntou-lhe:

— Que dia é hoje?

— Têrça-feira.

— Não; é mais de meia-noite: já é quarta-feira.

— Mas que monta?

— Comecei a arranjar, e arranjarei as coisas de modo que o Milo seja recrutado e prêso no domingo sem falta, isto é, nem antes, nem depois do domingo.

— Não penetro o fundo do negócio...

— É que eu ouvi dizer e já está correndo, que o malvado Milo pretende assassinar o padre Martim; é uma vingança perversa e atrocíssima... e é claro que se até sábado matarem o padre Martim, o assassino será provàvelmente êsse monstro que se chama Camilo, ou por diminutivo Milo...

— Mas...

— Eu dou-lhe esta notícia para que, se quiser, previna o padre Martim...

— E o Milo...

— O padre Martim sairá de sua casa ou sítio no sábado pela manhã... se sair antes a cavalo, o Milo

aproveitará a ocasião... se sair na tarde do sábado para vir entender-se comigo, como eu conto...

— O Milo...

— Tenho certeza de que a pretexto de recado ou convite da menina Luisinha o Milo virá disfarçado e o mais escondidamente que puder ao lugar aprazado no sítio do padre; tenho também a certeza de que três ou quatro pessoas hão de ver o Milo dirigir-se com um certo cuidado e mistério para estes lados, e então desconfio muito que se encontrará com o padre Martim... e que furioso e vingativo o mandará desta para melhor vida antes de feito o maldito testamento...

— E o Milo pagará as favas? murmurou tremendo Manuel Pereira, que acabava de compreender perfeitamente a tentação do demônio.

— Senhor Manuel, respondeu João Maneta, empurrando o sobrinho da vítima ameaçada para fora de casa; senhor Manuel, o caso é tremendo, mas decisivo: o Milo é capaz de tudo; se julgar conveniente, previna o padre Martim.

E trancou a porta, pela qual satra Manuel Pereira com a tentação do demônio a ferver-lhe no espírito deslumbrado pelas chamas infernais da ambição da riqueza.

A punição começa

O padre Martim estava passando dias de amargura.

Luisa, tão alegre e radiosa, tão habituada a querer e poder no coração de seu padrinho, parecia ter mudado de natureza e de caráter, engolfando-se em profunda melancolia, e mostrando no seu silêncio embora tristíssimo, e na obediência sem queixa, a mais completa submissão à vontade do padre Martim.

O aspecto doloroso da menina atormentava incessantemente o padre que só achava felicidade e alegria no sorrir e no contentamento de Luisinha.

— Isto há de passar, dizia êle às vêzes consigo mesmo para consolar-se; há de passar e ela tomará juízo...

Mas seus olhos se embebiavam na menina, e seu coração calculando-lhe os sofrimentos, o fazia sofrer mil vêzes mais do que ela.

— Oh! que teimosa! antes bradasse, e ralhasse, e se revoltasse contra mim! Apagou-se-lhe o gênio veemente, e morreu-lhe a vontade de menina dominadora da casa!...

E o padre chorava às escondidas.

Luisa manifesta com insistência somente um desejo, o de não ser forçada a tolerar a presença de Manuel Pereira, e seu padrinho, aliás muito contrariado pela significação e influência futura do sentimento que inspirava êsse desejo, satisfê-lo todavia sem hesitar.

— Tem paciência, Manuel, dissera ao sobrinho; a menina tem capricho e está aflita; viverás por alguns dias sem aparecer-lhe; depois o tempo arranjará tudo a nosso contento.

E o padre Martim vingou-se da dor de Luisinha, ocupando-se ainda mais zeloso da sorte da menina, e

procurou consolações nos gozos turvos da sua paixão dominante, a avareza.

A conversação que tivera com João Maneta despertara em seu ânimo sinistras apreensões; apesar de tóda a manha do usurário, êle reconhecera que havia quem calculasse com a sua fortuna e quem se empenhasse em saber da existência ou da não existência de' testamento seu.

A quem podia interessar a questão? A afilhada e ao sobrinho. Luisinha não tinha relações com Fabrícia e João Maneta, e nem que as tivesse, deixaria surgir em sua alma de anjo um pensamento interesseiro, e manchado pelo lódo da terra.

Manuel Pereira freqüentava a casa de João Maneta, e nem sabia esconder, nem escondia, o empenho de fazer fortuna e a ambição de riqueza.

O padre Martim não refletiu mais: para êle tornou-se evidente que Manuel Pereira e João Maneta se achavam de inteligência, e que ameaçavam o futuro de Luisinha.

O padre sentiu-se ferido no ponto mais delicado do seu coração e dispôs-se a proceder com prudência. Tinha testamento feito desde alguns anos e nem precisava reformá-lo; mas lembrou que por sua morte Manuel Pereira seria capaz de destruí-lo, e que por outro lado uma parte de sua fortuna confiada a João Maneta, para a sociedade de usura, poderia, apesar de tódas as seguranças que tomara, ser defraudada pelos dois chatins que fâcilmente enganariam uma inocente menina deixada no mundo sem protetor.

Destas duas considerações resultaram dois conselhos adotados: pôr têrmos à sociedade da usura e a todos os negócios com João Maneta, e despedir da casa ou afastar para longe Manuel Pereira; mas em um e outro caso com dissimulação e cautela para não provocar ressentimentos perigosos.

O padre Martim, tomadas essas decisões, empregou dois dias em examinar os seus papéis e o seu livro de

assentos, no qual fêz cuidadoso a declaração, de que deixava testamento e nêle por universal herdeira de quanto possuía a menina Luísa, a quem reconhecera por filha naquele documento; estudou ainda uma vez muito miudamente o seu contrato com João Maneta, e ficou tranqüilo porque podia sob a condicional de divisão igual dos títulos de dívidas tôdas por hipotecas seguras desfazer a sociedade no dia e na hora em que quisesse; sondou enfim os seus cofres e exultou, abrasando seus olhos no brilho do ouro, e engolfando-se no abismo da sua riqueza.

Só em casa, na solidão em que o abandonava a dor de Luisinha, a avareza lhe oferecia consolações indizíveis; quando percebia a menina querida mais angustiada, quando por isso mil torturas o despedaçavam, corria ao seu gabinete, abria os cofres, via o ouro, e ficava extasiado a contemplá-lo horas inteiras, adorando os montes de moedas que aferrolhava nos cofres, como um sultão as odaliscas do seu serralho.

Mas à noite e no leito o sono lhe fugia, e velando meditava, e o seu meditar era amargurado.

Via ameaçado o futuro da filha, lembrava o pecado, tinha mêdo da eternidade, e chorava, chorava muito, rezando, pedindo a Deus a felicidade de Luisinha; vinha-lhe às vêzes a idéia de que era fácil felicitá-la, casando-a com o pobre Milo, e dando-lhe nêle protetor legítimo; a avareza porém logo se alvoroçava: Milo nada tinha de seu, e o padre Martim queria para Luisinha um noivo rico, visto que seu sobrinho não convinha mais a êle, e nunca pudera convir a ela.

Pensava em Manuel Pereira e maldizia do êrro que cometera, mandando-o vir do Faial; reconhecia tarde que é imprudência e quase loucura introduzir no lar parente a quem não se conheceu antes, que não se ama e de quem não se é amado nem pela criação, nem pela educação, parente que vem por interêsse, que calcula com a herança que pode lucrar com a morte do

imprudente que o chamou; e o padre estremecia horro-
rizado, medindo a profundeza do precipício, que pro-
vavelmente lhe estava cavando e afundando a ambição
de Manuel.

E lembrava que em sua opulência nunca por si
enxugara a lágrima de um aflito, nunca por si matara
a fome de um indigente, nunca se mostrara misericor-
dioso, caridoso, êle, sacerdote do Deus da caridade e da
misericórdia, e estorcia-se devorado pelos remorsos; mas
não tinha coragem para o arrependimento, que lhe
mandava tirar de um dos cofres a quarta parte do ouro
para socorro dos pobres! O avaro tremia e tratava
ainda de enganar a Deus, murmurando: a Luisinha deu
por mim! Que eu me salve nas asas dêsse anjo!

E para seu maior martírio o padre Martim recebeu
uma carta anônima, e depois seguidamente mais duas,
anunciando-lhe que furioso e vingativo, Milo conspirava
contra sua vida e pretendia assassiná-lo.

Milo assassino!... o padre Martim conhecia bem o
pobre mancebo e desprezou a denúncia; as cartas anô-
nimas porém se multiplicaram, aconselhando precauções,
e o padre Martim sobressaltado, aturdido, temeroso e
fora de si, foi ter com Luisinha, apresentou-lhe as cartas,
e disse-lhe:

— Lê.

A menina leu as cartas, e devolveu-as ao padre, tre-
mendo de horror.

— Tremes, Luisinha?

A menina respondeu com voz convulsa, e abraçando
o padre:

— Oh, meu pail meu pail vele pela sua vida!...

— Acreditas então?...

— Sim... querem assassiná-lo! mas não é Milo; eu juro
que não é Milo...

O padre murmurou sombriamente:

— Talvez tenhas razão.

Milo e Manuel Pereira

Quando se aproxima o desenlace de uma intriga, ou a ação extrema de um plano sinistro, os sucessos como que se unem e se precipitam com celeridade que transforma os cálculos dos mais astutos.

As cartas anônimas recebidas pelo padre Martim produziram resultados que João Maneta e Manuel Pereira estavam longe de esperar; o primeiro, em resposta à comunicação de que Milo seria infalivelmente recrutado e prêso no próximo domingo, recebeu do padre além de agradecimentos a prevenção do têrmo e dissolução da sociedade da usura, devendo ser concluídos todos os negócios e fechadas tôdas as contas no sábadô ao meio-dia.

Manuel Pereira que andava já desconfiado do modo por que seu tio o tratava desde três dias, sentiu-se fulminado ouvindo a intimação para em vinte e quatro horas retirar-se da casa, sem ao menos ter licença de tornar a ela.

Ainda hipócrita e sem que o brio o contivesse, Manuel desfez-se em pranto e cairia de joelhos aos pés do padre, se êste não lhe voltasse rudemente as costas.

Ambos êstes fatos realizaram-se na tarde da sexta-feira dessa tempestuosa semana, que começara com a despedida de Milo, e que havia de acabar horrivelmente.

Milo também não sofria pouco; além das saudades de Luisinha, e desesperação do amor, tinha ido a calúnia persegui-lo no próprio seio que lhe abrira a caridade do virtuoso pároco.

Espalhará-se, correndo de boca em boca, sem que se soubesse de quem partira, nem em que fundamento se baseava, a notícia perversa de que Milo jurara matar o padre Martim e que procurava ensejo seguro para perpetrar esse crime.

A calúnia atroz chegou à casa do pároco, em cujo nobre coração encontrou potente barreira. Milo mal podendo conter a sua justíssima indignação, dissera ao pároco a tremer de cólera:

— Senhor reverendo vigário, eu quero fugir para sempre desta terra...

— Que mal te fez a terra, onde estão a pia na qual te batizaste, e as sepulturas de teus pais, meu filho?

— Mancharam-me com a mais negra calúnia!

— E, fugindo, lavarias a nódoa?

— Mas a suspeita infame?

— Deus mandará que o tempo a mude em confusão dos aleivosos, e em triunfo da tua inocência.

— E eu tão pobre e desvalido... Oh! pois que me ferem assim perversamente... como me hei de vingar?

— Meu filho, o pobre como o rico, o desvalido como o poderoso, quando são bons e tementes a Deus, sabem e podem vingar-se; mas só de um modo.

— Qual, senhor vigário?...

— Perdoando.

Milo desfez-se em soluços, e o pároco abençoou-o, e disse:

— Tem fé em Deus.

O crime pressentia em outros corações a iminência do castigo da Providência.

Manuel Pereira, aturdido pela intimação que recebera do padre Martim, correu à casa de João Maneta, a quem encontrou conversando com dois pobres lavradores que passavam naquele momento e tinham acudido ao seu chamado.

Manuel Pereira incomodou-se com a companhia, e tanto mais que João Maneta o avistara a alguma dis-

tância, e ou de propósito ou inoportunamente chamara os dois passageiros.

— Boa tarde, senhor João, disse Manuel.

— Boa tarde; respondeu sêcamente João Maneta.

Os lavradores fizeram um movimento para retirar-se.

— Demorem-se; conversaremos um pouco... isto de trabalho também não vai a matar, disse-lhes o velho avarento.

— Com os diabos! tenho novidade a desembuchar, murmurou-lhe Manuel ao ouvido.

— Oh, senhor Manuel Pereira! exclamou João Maneta com voz de furacão: já lhe disse mil vêzes que não quero saber dos seus negócios, nem da vida que leva na casa do seu tio padre; deixe-me! deixe-me! deixe-me!

Manuel retirou-se espantado daquela fúria inesperada e para êle inexplicável; quando porém já estava longe da casa de João Maneta, parou e disse consigo:

— Com trezentos diabos, que burro fui! O João não me quer falar de dia, porque sabe as linhas com que se cose; aquilo é finório, como frade velho.

E à meia-noite foi bater à casa de João Maneta; bateu de manso, depois com fôrça, depois como se quisesse arrombar a porta.

Abriu-se enfim uma janela, e João Maneta disse de mau modo:

— Suspenderam-se ou romperam-se as nossas relações: o senhor atraçouou-me; se tornar a incomodar-me, hei de queixar-me à justiça; vá-se com os diabos.

E trancou a janela.

Manuel Pereira voltou desesperado para a casa onde ainda lhe era facultado dormir uma noite.

João Maneta nem acreditava, nem pensava em traição alguma de Manuel Pereira; mas a prevenção que recebera do padre Martim para ser dissolvida a sociedade da usura e ajustarem-se as competentes contas, o pusera de sobreaviso, fazendo-o desconfiar de suspeitas que podiam comprometê-lo; por isso, vendo à tarde o sobrinho do

padre que vinha a passo puxado, aproveitara os dois lavradores que por acaso passavam, para torná-los testemunhas do mau recebimento e da estudada declaração, com que então o despediu e espantou; e pelo mesmo motivo o repeliu à meia-noite, pretextando ter sido atraído, embora não dissesse em que, ficando-lhe em todo caso êsse pretexto para desculpa da sua rudeza e extraordinário comportamento na hipótese de conveniência de melhores relações no futuro.

Manuel Pereira não dormiu um instante em tôda a noite; enxotado, desprezado por todos, sem teto no dia seguinte, sem amparo, sem esperança, sem luz, viu desfeitos seus queridos sonhos de ambição, seus cálculos de riqueza, suas aspirações de herdeiro do tio padre; o seu futuro estava reduzido à enxada de trabalhador, ao mister de caixeiro de taberna, ou de outro qualquer recurso modestíssimo, laborioso, e de muito problemática fonte de opulência.

E semelhante desilusão era no tempo em que o Brasil se imaginava a árvore das patacas.

Digno sobrinho do padre Martim pela ambição e pela avareza, em instrução mais rude que êle, em educação ainda menos moralizado, Manuel Pereira não compreendeu que o trabalho honesto muitas vêzes enriquece, e sempre honra; e desesperou com a idéia sinistra de perder a herança do tio. Sua cabeça ardia; a febre da ambição, que é suscetível de inspirar o crime, agitava o sangue palpitante em suas artérias, e o ambicioso frenético foi dominado pelo demônio.

João Maneta havia ensinado a Manuel Pereira as conseqüências da morte súbita do padre Martim, se êste não deixasse testamento; e o informara de que o padre ainda não tinha feito, mas se preparava a fazer testamento.

— Se o tio padre não morre, fico pobre, e tôda sua riqueza cai no regaço do diabo da filha maldita! repetira

cem vêzes o sobrinho que viera do Faial com a esperança de ser o herdeiro do tio.

E, quando rompeu a aurora, Manuel Pereira tinha os olhos em sangue, o cérebro em fogo, a loucura na alma.

O desgraçado concebera, adotara a idéia de um crime horrível.

O sobrinho pensava em matar o tio para herdar-lhe a fortuna.

O dia que amanhecera era o de sábado.

Enquanto Manuel Pereira ruminava o projeto que João Maneta despertara em seu ânimo, e calculava em seu proveito com as suspeitas que corriam de premeditação do assassinato do padre Martim concebida pelo pobre Milo, a autoridade militar da paróquia, impressionada por êsses mesmos ameaçadores boatos, apressava a ordem para que fôsse recrutado e prêso o inocente e desvalido mancebo.

E Deus, que escreve direito por linhas tortas, permitiu que, na manhã do sábado, Milo, ao sair da casa do pároco e ao dirigir-se à matriz, de cujo asseio estava incumbido, ouvisse a voz que lhe anunciava prisão de suspeito e farda de soldado.

Milo, a inocência, acabava de ser prêso, quando se achava entre o santo asilo da caridade donde saía e a sagrada casa do Senhor, para onde ia.

CAPÍTULO XXVI

Sábado ao meio-dia

Às onze horas da manhã do sábado, o padre Martim, já vestido e pronto para sair, chegou à porta de sua casa e chamando um escravo que limpava o pomar, ordenou-lhe que selasse o cavalo.

A ordem, dada em alta voz, foi ouvida por Luisinha, que estava no seu quarto, e por Manuel Pereira, que então entrouxava a sua roupa.

— Sair! E a ameaça de morte?... exclamou Luisinha, correndo a falar ao padrinho.

— O testamento! murmurou com os dentes cerrados Manuel Pereira.

A menina abraçou-se com o padre, e pediu-lhe com os olhos em pranto que não se afastasse de casa.

O padre Martim, enternecido, feliz pela manifestação dos cuidados da querida afilhada, procurava tranquilizá-la, dizendo-lhe:

— Sossega; não passarei da casa do João Maneta; é muito perto, e a estas horas ninguém se lembra de perpetrar um assassinato; voltarei daqui a pouco...

Luisinha chorava sempre.

— É por ti que eu saio, e que é indispensável que eu saia, menina; cuido do teu futuro...

— O meu futuro é meu padrinho... e que se perca tudo mais, que me importa?...

O padre Martim depositou o mais puro dos beijos na fronte angélica de Luisinha; e arrancando-se de seus braços, avançou alguns passos, voltou-se ainda, abençoou-a chorando, e precipitado lançou-se para fora, montou a cavalo e partiu.



A menina foi debruçar-se a uma janela, e ficou imóvel com os olhos fitos no caminho.

Manuel Pereira tinha entrado pelos fundos da casa; dirigira-se a seu quarto, cuja porta trancara por dentro; logo depois saltara pela janela, e furtivamente atravessara o pomar e se metera pelo mato.

O padre Martim chegou antes do meio-dia à casa de João Maneta; mas imediatamente viu que perdera a viagem, e que nesse dia não ajustaria suas contas; o velho usurário estava com o licenciado à cabeceira, e punha a casa em alarma com gemidos atroadores, revolvendo-se no rude leito em ânsias terríveis que se sucediam, determinando vômitos.

O licenciado havia já sucessivamente diagnosticado seis moléstias, cada qual mais perigosa e ameaçadora.

Todavia o caso era de extrema simplicidade: João Maneta, para demorar o ajuste de contas, lembrara-se de tomar um vomitório e fingia-se doente, aproveitando os efeitos do medicamento.

Suspeitasse ou não da malícia e do arдил, o padre Martim retirou-se de mau modo e sem dar importância, nem se mostrar compadecido dos sofrimentos de João Maneta, e montando de novo a cavalo, deu-lhe de rédea para casa.

Luisinha deixara-se à janela; palpitava-lhe agitado o coração, como adivinhando desgraça; aumentava-lhe a solidão a tristeza; porque ela estava só, quase absolutamente só, porque havia ali uma fiel amizade a velar por sua dona. Relâmpago deitara-se de bruços defronte da janela, e embebera olhos amorosos no rosto da menina.

Passado algum tempo o sino da freguesia deu meio-dia; Luisinha, sem pensar no que fazia, foi maquinalmente contando as badaladas, e ao contar doze, a última, estrondou um tiro de espingarda.

A menina soltou um grito saído d'alma, e instintivamente bradou:

— Relâmpago!...

O cão entendeu o brado: saltou no campo e rompeu em velocíssima carreira.

Luisinha chamou os escravos, e triunfando da comoção violenta, correu com a veemência e com as asas do amor filial pela estrada e em direção ao tiro.

Os escravos apenas podiam segui-la de perto.

De súbito ouviram-se quase a um tempo um ladro raivoso e horrível de Relâmpago, e um grito de pungente dor.

— Relâmpago pegou; disse um dos escravos.

Luisinha correu ainda mais.

Chegaram enfim Luisinha e os escravos ao teatro do crime.

O espetáculo era medonho.

As duas braças do ribeiro que ainda então não tinha nome, ou cujo nome antigo perdeu-se, jazia no chão e junto do cavalo o cadáver do padre Martim, cujo coração fôra atravessado por uma bala.

Dois lavradores da vizinhança olhavam em triste silêncio para o corpo da vítima.

Outros dois seguravam com mãos de ferro Manuel Pereira de cujo pescoço corria sangue que já lhe havia ensopado a roupa.

Relâmpago com as carnes despedaçadas e também nadando em sangue, latia fracamente, cada vez mais debilmente, mas ainda ameaçando o assassino.

Luisinha caíra desmaiada sobre o cadáver de seu pai.

A catástrofe se passara assim:

Na perversidade de sua ambição de ouro Manuel Pereira se pusera naquele sítio de emboscada para matar seu tio; no empenho de segurar o tiro firmara o cano da espingarda no ramo de uma goiabeira ⁽¹⁾, e sem que a consciência do crime lhe fizesse tremer o braço, dispa-

(1) É o que diz a tradição popular.

rara contra o padre Martim a bala assassina que o matou.

Fôra tão forte a carga, que a espingarda, coiceando, destruíra no ponto de apoio a casca do ramo da goiabeira (2).

Vendo porém tombar a vítima, o assassino correrá para fugir pelo mato, mas embaraçando-se logo em uma rêde de cipós, caíra, e quando se ia levantar depois de desembaraçar-se, soara-lhe o ladro terrível de Relâmpago, cujos dentes se lhe aferraram no pescoço, obrigando-o a soltar o grito de dor.

Manuel Pereira, agarrado pelo cão, tirara da cinta uma faca que trazia, e com ela dera vinte golpes profundos no enraivado Relâmpago, que o retinha imóvel, despedaçando-lhe o pescoço.

Chegaram então as primeiras testemunhas do crime, os primeiros Instrumentos da Providência Divina que acudiram ao grito do assassino mordido, agarrado pelo nobre cão.

Sem o querer, o crime chamara a justiça.

A cena lúgubre terminou com o mais enternecedor episódio.

Luisinha estava desmaiada ao lado e junto do cadáver de seu pai, o padre Martim.

Relâmpago pouco a pouco deixara de latir com debilitado furor, e desviando os olhos do rosto do assassino, os esquecera no da menina desmaiada.

Logo depois o cão, gemendo, e arrastando-se dolorosamente pela terra, chegou até encostar-se ao corpo de Luisinha, com indizível esforço conseguiu levantar a cabeça e pousá-la no seio da menina, abriu a bôca, estendeu para fora a língua, lambeu as mãos de Luisinha e expirou.

(2) Tradição.

Conclusão

O crime perpetrado por Manuel Pereira, produziu, com a indignação geral, ruidosa e quase entusiástica reação a favor do pobre Milo.

Não foi mais necessária a intervenção do bispo, aliás prontamente reclamada pelo pároco de Itaboraí, para que as portas da cadeia da vila de Santo Antônio de Sá se abrissem, deixando sair livre e abençoado o inocente e nobre mancebo.

Milo tornou-se simpático de todos.

Luisinha, rica, mas sempre fiel ao seu amor suavíssimo da infância, viveu em melancólica e honestíssima solidão um ano de luto; mas no fim dêle consumou o voto de seu coração, desposando Milo com aplauso de todo o povo da paróquia.

Manuel Pereira sofreu todo o rigor selvagem da legislação criminal do tempo, e não podendo negar o seu crime, deu testemunho da cumplicidade de João Maneta, que pagou até morrer na prisão a sua perversidade.

O assassino do padre Martim subiu a vergonhoso patíbulo, e enforcado pelo carrasco, ainda depois de morto horrorizou os homens com o horror de um castigo bárbaro. Seu corpo foi esquartejado, e sua cabeça e seus quartos entregues, abandonados ao tempo e aos abutres em lugares avizinhados ao sítio onde cometera o tremendo crime.

Um de seus quartos ficou exposto e suspenso perto do ribeiro, a cuja margem caíra assassinado o padre Martim.

Diz-se que os próprios corvos repugnaram a carne do assassino, e que o *quarto* de Manuel Pereira exposto junto ao ribeiro, apodrecera e se desfizera ao tempo; mas tão longamente ali se deixou ver, que a pobre e tênue corrente d'água recebeu do povo o nome de - Rio do Quarto (1).

E diz finalmente a tradição popular, que a goiabeira em que se firmara a espingarda do assassino do padre Martim, amanhecera no dia seguinte ao do assassinato completamente sêca (2) e morta.

Eis aqui, pois, a origem e fundamento dessa triste denominação de *Rio do Quarto*, que coube ao inocente ribeiro, cuja doce corrente ainda não pôde lavar a lúgubre memória de um crime perpetrado há mais de um século.

(1) Tradicional.

(2) Tradicional.



OLIVER TWIST

de

CHARLES DICKENS

A merecida popularidade do imortal escritor inglês, atravessando as fronteiras de seu país, tornaram-no famoso no mundo inteiro. Entre as suas obras mais apreciadas, destaca-se OLIVER TWIST, sátira causticante e ferina, em cujas páginas se encontra aquêlê senso de humor e aquêlâ mesma fina apreciação dos homens e das coisas, que tornaram o nome do novelista universalmente conhecido e admirado. Primorosa tradução em português, digna de figurar na biblioteca de todos os apreciadores da boa literatura, e que a juventude deve conhecer, para o aprimoramento de sua cultura intelectual.

Romances de
JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

(nas *Edições Melhoramentos*)

Os romances de Macedo conseguiram um lugar de destaque na literatura brasileira porque êle soube imprimir em cada um dêles fôrça e vida intensas, fazendo com que fôssem lidos até hoje com sempre crescente interesse. Conheça seus principais romances:



A LUNETTA MÁGICA
A MORENINHA
AS MULHERES DE MANTILHA
OS DOIS AMORES
O MOÇO LOIRO
O RIO DO QUARTO



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

N.º 679